



**UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA
UNIVERSIDADE ESTADUAL DE FEIRA DE SANTANA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ENSINO,
FILOSOFIA E HISTÓRIA DAS CIÊNCIAS**



Luana Fonseca da Silva Rocha

**SABINA SPIELREIN (1885-1942): UMA ANÁLISE HISTÓRICA DE SUA VIDA E
OBRA NO CONTEXTO DAS MULHERES NA PSICANÁLISE**

Salvador, Bahia

2018

Luana Fonseca da Silva Rocha

**SABINA SPIELREIN (1885-1942): UMA ANÁLISE HISTÓRICA DE SUA VIDA E
OBRA NO CONTEXTO DAS MULHERES NA PSICANÁLISE**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ensino, Filosofia e História das Ciências (UFBA/UEFS). Área de concentração História das Ciências, como requisito para a obtenção do título de Mestre.

Orientador: Dr. Gustavo Rodrigues Rocha

Salvador, Bahia

2018

Ficha catalográfica elaborada pelo Sistema Universitário de Bibliotecas (SIBI/UFBA),
com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

Fonseca da Silva Rocha, Luana
Sabina Spielrein (1885-1942): uma análise histórica
de sua vida e obra no contexto das mulheres na
psicanálise / Luana Fonseca da Silva Rocha. --
Salvador, 2018.
106 f.

Orientador: Gustavo Rodrigues Rocha.
Dissertação (Mestrado - PPG em Ensino, Filosofia e
História das Ciências) -- Universidade Federal da
Bahia, Instituto de Física, 2018.

1. História da psicanálise. 2. História das mulheres
na psicanálise. 3. História da psicologia. 4. História
das ciências. I. Rodrigues Rocha, Gustavo. II. Título.

UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA
UNIVERSIDADE ESTADUAL DE FEIRA DE SANTANA
PROGRAMA DE PÓS GRADUAÇÃO EM ENSINO, FILOSOFIA E HISTÓRIA DAS
CIÊNCIAS

SABINA SPIELREIN (1885-1942): UMA ANÁLISE HISTÓRICA DE SUA VIDA E
OBRA NO CONTEXTO DAS MULHERES NA PSICANÁLISE

Luana Fonseca da Silva Rocha

Professora Dra. Andréia Maria Pereira Oliveira
Coordenadora no curso

Salvador, 14 de dezembro de 2018.

UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA
UNIVERSIDADE ESTADUAL DE FEIRA DE SANTANA
PROGRAMA DE PÓS GRADUAÇÃO EM ENSINO, FILOSOFIA E HISTÓRIA DAS
CIÊNCIAS

Banca examinadora

Professor Dr. Gustavo Rodrigues Rocha (Orientador)
Universidade Estadual de Feira de Santana – UEFS

Professora Dra. Indianara Lima Silva
Universidade Estadual de Feira de Santana - UEFS

Professora Dra. Cristiana Facchinetti
Casa de Oswaldo Cruz – FIOCRUZ

Professora Dra. Ângela Maria Freire de Lima e Souza
Núcleo de Estudos Interdisciplinares sobre a Mulher – NEIM / UFBA

Salvador, 14 de dezembro de 2018.

Dedico este trabalho à todas as mulheres fortes que tive o privilégio de encontrar neste caminho. E em especial à Fernanda Rebelo (*in memorian*), que antes mesmo do término deste trabalho nos deixou.

Agradecimentos

Primeiramente, agradeço ao Gustavo, Meu Marido e co-Orientador, que me fez acreditar desde o início na realização deste sonho e que tanto me auxiliou neste processo. Obrigada por me aconselhar, por me iluminar em tantos momentos de cansaço e desânimo. Obrigada por acreditar em meu potencial (talvez até mais do que eu mesma). Obrigada pelos inúmeros debates sobre história, psicanálise, política, filosofia, economia e física. Obrigada por tudo, Amor.

À minha Orientadora, Fernanda Rebelo, quem desde o início acreditou e apoiou as minhas ideias. Obrigada pelas dicas, sugestões, discussões, ensinamentos e por todo aprendizado que me proporcionou. Obrigada por compartilhar seu conhecimento. Sou muito grata a você. Infelizmente, não tive tempo de agradecer-lá pessoalmente, pois tão cedo ela nos deixou, mas deixo os mais sinceros sentimentos de gratidão.

Às Professoras Adriana García, Ângela Freire, Cristiana Facchinetti, Indianara Silva, por aceitarem gentilmente participar da banca do exame de qualificação e da defesa. Quanto eu aprendi com vocês! Obrigada pelas enormes contribuições a este trabalho.

Ao Programa de Pós-Graduação em Ensino, Filosofia e História das Ciências, pelos anos enriquecedores do mestrado. Aos funcionários do Programa, sempre tão solícitos, João Paulo, Marcos Paulo, Diego, Lúcia e Marly. Aos Professores André Mattedi, Charbel El Hani e Andreia pelos ensinamentos em Ensino, História e Filosofia das Ciências. Muito obrigada a todos vocês

Aos colegas do Programa, um especial agradecimento ao amigo Leonardo Célin, sempre tão solícito e disposto à ajudar. À amiga Rosane, sempre tão agradável e disponível. Aos colegas do Núcleo Cultural dos Saberes (NHACS), que mesmo distante, mostraram-se tão próximos em um momento tão difícil.

Um especial agradecimento à amiga Nina Fontes, confidente de todos os momentos. Você foi muito importante neste processo! Muito obrigada, Amiga!

Ao Núcleo de Estudos Interdisciplinares sobre a Mulher (NEIM) e especial à Professora Ângela Freire e às colegas da disciplina Gênero nas Ciências. Obrigada por tanto conhecimento compartilhado.

À FAPESB, pela concessão da bolsa.

Aos meus familiares, em especial à minha Mãe Arlene, por me ensinar tanto e por sempre ser colo e afeto. Ao meu Pai Marcelo, que já nos deixou há alguns anos, mas sempre

tão lembrado por seu amor e dedicação. Aos meus irmãos Renata e Bruno e ao meu sobrinho Diego. Obrigada por sempre me apoiarem. À minha Vó Hélia, tão amorosa e dedicada.

À minha Sogra Marta, pelo apoio, incentivo e pela torcida. Ao Meu Sogro Roberto e à Minha Cunhada, Betânia. Muito obrigada!

Aos meus amigos e familiares pelo apoio e pela compreensão em meus momentos de ausência. Pela amizade, pelo apoio, pelas risadas, pelos desabafos. Muito obrigada!

Sumário

Apresentação	11
1. Introdução	15
1.1. Referencial teórico e principais fontes	21
1.2. Estrutura do trabalho	25
2. A história das mulheres da psicanálise no período de sua concepção	27
2.1. As mulheres burguesas no contexto da criação da Psicanálise.	28
2.2. A histeria como uma condição patológica social no contexto da criação da psicanálise	34
2.3. As mulheres enquanto produtoras do conhecimento psicanalítico.....	41
2.3.1. Margarete Hilferding	43
2.3.2. Hermine Hug-Helmuth	46
2.3.3. Helene Deutsch.....	50
2.3.4. Karen Horney	54
3. Sabina Spielrein: Do quadro de histeria a pioneira da psicanálise.	58
3.1. Sabina Spielrein: da infância ao tratamento no Hospital Burghölzli.....	58
3.2. O tratamento no Hospital Burghölzli	61
3.3. A reviravolta dos sintomas aos primeiros trabalhos científicos	66
3.4. Sabina, Jung e Freud.....	68
3.5. Os seus anos produtivos em Berlim.	80
3.6. De volta à Suíça: Lausana e Genebra	82
3.7. O retorno à União Soviética	89
3.8. Legado de Sabina Spielrein	95
4. Considerações Finais	98
REFERÊNCIAS	101
APÊNDICE A – Trabalhos publicados de Sabina Spielrein por ordem cronológica.....	106

RESUMO:

O presente trabalho se insere na História das Ciências da Saúde, em particular das chamadas ciências PSI (psicologia, psiquiatria e psicanálise). Em uma tentativa de compreender a invisibilidade das mulheres na historiografia da ciência, o objetivo desta pesquisa será analisar a vida e obra de Sabina Spielrein, do período de 1911 a 1942, ou seja, ano de sua formatura em medicina ao seu falecimento. A formatura de Sabina, neste caso, nos interessa, pois este marcou o início da cura do sintoma, que desenrolou de uma cura do sintoma para o engajamento intelectual e clínico com a psicanálise, com a psiquiatria e com a psicologia. Sabina, no primeiro momento, paciente diagnosticada com histeria, internada no ano de 1904, no Hospital Burghölzli, na Suíça, tornou-se no ano de 1911 médica e desde então passou a atuar como psiquiatra, psicanalista e depois como psicóloga infantil. Russa, judia, mulher em um ambiente predominantemente masculino, Sabina foi por vezes excluída e deixada às margens por alguns de seus pares. No entanto, o seu trabalho influenciou autores de grande representatividade como Sigmund Freud¹, Carl Gustav Jung², Jean Piaget³ e Lev Vygotsky⁴. A análise da história das mulheres na psicanálise é extremamente interessante, pois esta resgata não apenas como as mulheres são retratadas na maioria das vezes pelo discurso tradicional da história das ciências; esta por sua vez narrada a partir um viés androcêntrico, mas em uma narrativa onde as mulheres aparecem como produtoras de um saber, neste caso, o saber psicanalítico. O palco deste trabalho será Viena, local onde a psicanálise foi criada pelo médico austríaco Sigmund Freud, ainda no ano de 1902, mas também nos locais onde Sabina Spielrein atuou.

Palavras-chave: História da psicanálise, história das mulheres na psicanálise, história da psicologia, história das ciências, estudos de gênero e psicanálise.

¹ Sigmund Freud (1856 – 1939) foi um médico neurologista austríaco, criador da psicanálise.

² Carl Gustav Jung (1875 – 1961) foi um psiquiatra suíço, criador da psicologia analítica.

³ Jean Piaget (1896 – 1980) foi um epistemólogo e psicólogo suíço, fundou a Epistemologia Genética.

⁴ Lev Vygotsky (1896 – 1934) foi um psicólogo russo, proponente da Psicologia cultural-histórica.

ABSTRACT:

The present work is inserted in the History of Medicine, in particular of the so-called PSI sciences (psychology, psychiatry and psychoanalysis). In an attempt to understand the invisibility of women in the historiography of science, the aim of this research will be to analyze the life and work of Sabina Spielrein, from 1911 to 1942, that is, from the year of her graduation in medicine up to her death. Sabina's graduation in this case interests us, seeing that, this marked the beginning of the cure of the symptoms, which developed from the cure of the symptoms to the intellectual and clinical engagement with psychoanalysis, psychiatry and psychology. Sabina, at first, a patient diagnosed with hysteria, admitted in 1904 at Burghölzli Hospital in Switzerland, became in the year 1911 a doctor and since then she worked as a psychiatrist, psychoanalyst and later as a child psychologist. Russian, Jewish, woman in a predominantly masculine environment, Sabina was sometimes excluded and left at the margins by some of her peers. Nevertheless its work influenced prominent authors such Sigmund Freud, Carl Gustav Jung, Jean Piaget and Lev Vygotsky. The analysis of the history of women in psychoanalysis is extremely interesting because it not only challenges how women are portrayed in most cases by the traditional discourse of the history of science; this in turn narrated from an androcentric bias, but also outlines a different narrative where women appear as producers of knowledge, in this case, psychoanalytic knowledge. This story takes place in Vienna, where the psychoanalysis was created by the Austrian physician Sigmund Freud, still in the year 1902, but also in the places where Sabina Spielrein acted.

Keywords: History of psychoanalysis, history of women in psychoanalysis, history of psychology, history of science, gender studies and.

Apresentação

Não é de hoje que o tema relacionado à história das mulheres na ciência tem sido pauta de debates e reflexões nas mais diversas áreas do conhecimento. Considera-se que este diálogo tenha ficado mais evidente na década de 1970, quando um grupo de feministas⁵ questionaram o lugar da mulher na ciência. (Keller, 1995; Schiebinger, 1985) Ao fazer uma análise histórica sobre o tema, sabe-se que o movimento feminista da segunda onda criou e produziu toda uma literatura em Estudos de Gênero nas Ciências (ou na história das ciências) através de grandes feministas, historiadoras e filósofas das ciências⁶. Estas pesquisas, por sua vez, estruturaram um *framework* narrativo com o intuito de recuperar a história e a contribuição das mulheres do esquecimento da historiografia tradicional. (Keller, 1995; Schiebinger, 1985)

Todavia, em diversos momentos da história ocidental, especialistas dedicaram-se à tarefa de elencar e questionar a participação das mulheres nas áreas científicas⁷. A historiadora da ciência Londa Schiebinger (1985) apontou que entre os séculos XIV e XIX enciclopedistas reuniam nomes de mulheres renomadas com o fim de evidenciar suas realizações científicas. Já em 1405, a poetisa e filósofa italiana Christine de Pizan questionou a misoginia encontrada nos círculos literários da época. Em sua obra, *The Book of the City of Ladies* (1405), Christine indagou as contribuições que as mulheres deram às artes e às ciências. (Schiebinger, 1985) Outros exemplos históricos de obras publicadas sobre as mulheres na ciência podem ser apreciados através da obra do poeta italiano Giovanni Boccaccio (1313-1375), *De mulieribus claris*⁸ (1355-1359), e do francês Gilles Ménage (1613-1692), que publicou um trabalho enciclopédico sobre filósofas na antiguidade e modernidade. (Schiebinger, 1985) O objetivo

⁵ Entende-se que o movimento feminista teve até o presente três ondas principais com diferentes focos de interesses em cada momento. A primeira onda do movimento feminista ocorreu entre o final do século XIX e princípio do século XX, em especial na Inglaterra, quando a prioridade era o sufrágio feminino. A segunda onda do movimento feminista ocorreu na década de 1960, quando as mulheres, inseridas nas universidades, lutavam por direitos relacionados ao corpo, à liberdade e à educação. Finalmente, a terceira onda do feminismo, que iniciou na década de 1990, foi caracterizada por um viés pós-estruturalista. Neste caso, é importante reforçar que o movimento feminista da segunda onda não foi um movimento homogêneo, ou seja, cada grupo de feministas defendia pautas distintas. As feministas que desenvolveram o estudo sobre a mulher na ciência estavam, em sua maioria, inseridas nas universidades americanas.

⁶ Podemos nos referir às feministas como Evelyn Fox Keller, Sandra Harding, Helen Longino, Londa Schiebinger, Ruth Hubbard, Donna Haraway, Margaret W. Rossiter, entre outras.

⁷ É importante demarcar que a palavra ciência nem sempre teve o mesmo significado. No século XVII ciência significava conhecimento ou sabedoria e era, por sua vez, dividida entre história natural e filosofia natural. (Shapin, 1996) O termo “cientista”, por exemplo, somente foi inventado no século XIX (1840), por William Whewell (1794-1866) e até o começo do século XX seu uso não era costumeiro. (Shapin, 1996; Bernal, 1954)

⁸ Traduzido do latim para o português como Mulheres famosas. Nesta obra Boccaccio apresentou biografias de 104 mulheres do mundo antigo. (Schiebinger, 1985)

destas obras eram fundamental que as mulheres eram capazes e estariam aptas para se inserirem nas instituições científicas. (Schiebinger, 1985)

Desta forma, não faltaram exemplos de casos de mulheres que faziam ciências em diversos momentos da história ocidental⁹. No século XVII foi publicado a primeira enciclopédia sobre as conquistas das mulheres nas ciências naturais, mas foi somente no final do século XIX, que esta forma de abordagem enciclopédica deixou de ser utilizada, dando espaço à uma nova narrativa sobre as mulheres na ciência. (Schiebinger, 1985) Desta forma, somente no princípio do século XX que verifica-se um movimento de trazer a história de notórias mulheres de forma mais extensa. A primeira obra deste nível foi a obra do padre John Augustine Zahm (1851-1921), *Women in Science* (1913). Na obra citada, Zahm concentrou-se em evidenciar a capacidade que as mulheres possuíam para se fazer ciência. Neste esforço, o autor dialogou e argumentou com os craniologistas do século XIX que defendiam que o cérebro da mulher era pequeno demais para o “raciocínio científico”. (Schiebinger, 1985, p.57)

Todavia, se por um lado as publicações de obras sobre a participação das mulheres na “ciência” comprovaram a participação das mesmas enquanto produtoras de conhecimento científico desde a antiguidade clássica, por outro lado, constatou-se que nem sempre a atuação das mulheres ocorreu de forma fluida, ou seja, suas histórias foram marcadas por um histórico de exclusões e negligências. No entanto, salvo em raros momentos que lhes foram permitidas atuarem como personagens principais nos domínios científicos, como períodos de guerras, onde os homens foram convocados ao fronte, restando às mulheres assumirem as funções consideradas masculinas. Estas questões, por sua vez, são sustentadas por mecanismos sociais, econômicos e ideológicos, que ora inseriu, ora excluiu as mulheres das áreas científicas. (Schiebinger, 1985)

Seguindo adiante, pode-se refletir sobre esta questão, ao examinar quatro momentos da história ocidental: a) nos períodos de criação e institucionalização das universidades¹⁰ (século

⁹ Alguns exemplos de enciclopédias sobre mulheres nas ciências retirados na obra de Schiebinger (1985): *Theatrum literatarum feminarum* (1620), de François Augustin Della Chiesa; *Die Lobwürdige Gesellschaft der gelehrten Weiber* (1631), de Johann Frauenlob; *Eloges des illustres sçavantes anciennes et modernes* (1668), de Marguerite Buffet; *Historia mulierum philosopharum* (1690), de Gilles Ménage; *Eröffnetes Cabinet des gelehrten Frauenzimmers* (1706), de J.C. Eberti; *Astronomie des clames* (1786), de Jérôme de Lalande; *Die Verdienste der Frauen um Naturwissenschaft, Gesufheits- und Heilkunde* (1830), de Christian Harless. No ano de 1894, foi organizado a primeira conferência sobre mulheres e ciência, o que gerou a obra *Les Femmes dans la Science* (1894), de Alphonse Rebière. Ainda neste ano, Elise Oelsner publicou a obra *Leitungen der deutschen Frau* (1894).

¹⁰ O surgimento formal das instituições científicas na Europa, como as universidades cuja a inauguração data o século XII, fomentou a inacessibilidade das mulheres aos estudos. No século XIII, poucas foram as mulheres que puderam estudar e lecionar. E embora em outros momentos históricos o cenário modificou-se, o acesso feminino às universidades continuou sendo restrito até o século XX. (Schiebinger, 1985)

XII); b) nos períodos durante a chamada Revolução Científica¹¹ (entre os séculos XVI e XVIII); c) nos períodos da chamada profissionalização da ciência¹² (século XIX); e por fim, d) no período do século XX, onde as Guerras e revoluções foram marcos importantes que sustentaram o lugar da mulher, ora dentro, ora fora das ciências. (Schiebinger, 1985) De fato, é este período que nos interessa, à considerar o marco temporal deste trabalho, que abrange os anos de 1911 à 1942.

O século XX, por sua vez, foi marcado por importantes episódios que ampliaram a participação das mulheres, não apenas nas áreas científicas, mas nas mais diversas áreas. Ainda no começo do século XX, com a eclosão da primeira guerra mundial, grande parte da população masculina foi convocada ao fronte de guerra, permitindo com que as mulheres tivessem uma importante atuação nas áreas consideradas masculinas. Sabe-se que são nestes períodos que ocorreram uma ascensão no número de mulheres nas profissões que em outros períodos eram desempenhadas pelos homens. (Schiebinger, 1985) Na década de 1920, o número de mulheres nos programas de doutorado nos Estados Unidos teve um recorde. Entre as décadas de 1930 e 1960, estes números dispencaram em consequência da ascensão do fascismo da Europa, da Guerra Fria e do marcatismo nos EUA. Somente na década de 1970, que as mulheres recuperaram os níveis alcançados na década de 1920. O mesmo ocorreu com as mulheres nas

¹¹ A chamada Revolução científica, intitulada em 1943, por Alexandre Koyré (1892-1964), ocorreu aproximadamente entre os séculos XVI e XVIII. Anteriormente a este período, a ciência estava atrelada à Filosofia e sob o domínio da Igreja Católica, que ao se separarem (Ciência e Religião), passaram a fazer parte de domínios diferentes e independentes. (Brooke, 1991) É interessante ressaltar que as sociedades científicas como a *Royal Society of London*, a *Académie Royale des Sciences de Paris*; ambas fundadas no ano de 1660. E a *Societas Regia Scientiarum* de Berlim, recusaram a entrada de eminentes mulheres cujas as capacidades intelectuais exigidas pelas sociedades citadas superavam as de seus colegas homens. (Schiebinger, 1985) Contudo, se as universidades ou as sociedades científicas eram inacessíveis as mulheres, logo foram organizadas formas das mulheres fazerem ciência. Na França, por exemplo, mulheres de uma seleta aristocracia organizavam reuniões, onde discutiam assuntos literários e ciências, como a cientista Madame Lavoisier (1758-1836), Madame Geoffrin (1699-1777), Madame Helvétius (1722-1800) e Madame Rochefoucauld, que recebiam nos chamados salões literários os mais prestigiosos intelectuais da nobreza. Já na Alemanha, eram as artesãs que compunham o quadro das mulheres que faziam o trabalho da astronomia. Uma informação interessante que Schiebinger (1985) apontou em sua obra é que entre os anos de 1650 e 1710, “cerca de 14 por cento de todos os astrônomos alemães eram mulheres – uma porcentagem mais alta do que na Alemanha de hoje.” (Schiebinger, 1985, p. 61) No entanto, o trabalho astronômico era, na maioria dos casos, vinculado a figuras masculinas, sejam através de pais, maridos ou tutores, que ensinavam e trabalhavam lado a lado as mulheres. É importante ressaltar que embora as mulheres podiam, de certo modo, “fazer ciência”, os espaços institucionais não eram abertos às mesmas. (Schiebinger, 1985)

¹² A profissionalização da ciência, ocorrida em 1834, determinou a divisão social do trabalho, demandando que as mulheres estivessem voltadas para vida privada enquanto os homens se mantinham nos domínios públicos. Deste modo, as áreas científicas eram consideradas um domínio masculino. Mesmo ilustres mulheres que no final do século XIX e princípio do século XX atuaram como cientistas nas mais diversas áreas, estiveram sob as sombras de seus maridos, como os casos da astrônoma Margaret Huggins (1848-1915), esposa de William Huggins (1824-1910), da física Mileva Maric´ (1875-1948), esposa de Albert Einstein (1879-1955), da botânica Edith Clements (1874-1971), esposa de Frederic Clements (1874-1945) e de Marie Curie (1867-1934), esposa de Pierre Curie (1859-1906). Nestes casos, “o casamento serviu como um caminho informal para a ciência.” (Schiebinger, 1985, p.71)

escolas de medicina, onde ocorreu uma expansão na década de 1910 e logo depois, estes números declinaram novamente. (Schiebinger, 1985)

Já durante a segunda guerra mundial houve um aumento no número de participação de mulheres nos meios acadêmicos. Em 1942, havia 12% de mulheres nas universidades americanas, enquanto em 1946 este número aumentou para 46%. No entanto, após a guerra estes números diminuíram, o que a historiadora da ciência, Margaret W. Rossiter, chamou de “remasculinização da ciência”, e que, de acordo com Schiebinger (1985), as universidades americanas fizeram campanhas, sugerindo o aumento de salários com o intuito de atrair mais homens às universidades, colocando as mulheres de lado novamente. Outro ponto que sustentou ainda mais a exclusão das mulheres nas áreas profissionais foram as campanhas direcionadas aos veteranos de guerra, onde as mulheres foram excluídas dos anos de ouro da ciência americana do pós-guerra. Neste período, ocorreu um crescimento recorde de investimento em pessoas formadas e geração de empregos nos Estados Unidos. Durante a década de 1950, já inserido no contexto da Guerra Fria, a chamada disputa espacial entre Rússia e Estados Unidos, através do lançamento do foguete Sputnik em 1957, ofereceu a oportunidade de diversas mulheres atuarem nas áreas científicas. (Schiebinger, 1985)

Desta forma, ao localizar historicamente a participação das mulheres na ciência, podemos afirmar que, a inserção ou a exclusão das mesmas baseou-se em mecanismos sociais, econômicos e ideológicos, cujos principais aspectos sustentaram a posição feminina, na grande maioria das vezes, como coadjuvantes de seus pares do sexo oposto.

O acesso restrito de mulheres à carreira científica ocorre basicamente por três razões: 1) a estruturação social em torno dos interesses e do poder masculino; 2) a total cisão entre a esfera pública (dirigida para e pelos homens) e a esfera privada (dirigida para e pelas mulheres); e 3) a dissociação entre o saber considerado científico do senso comum. (Schiebinger, 1985, p.13)

Exposto isso, este trabalho propõe avançar até os domínios do contexto da criação da psicanálise, no princípio do século XX, onde a posição social estabelecida à mulher, de fato, estruturou-se “em torno dos interesses e do poder masculino” articulado a demarcação das esferas pública (aos homens) e privada (às mulheres). (Schiebinger, 1985) Neste caso, as informações trazidas acima irão lançar luzes à compreensão sobre o papel da mulher na psicanálise e as limitações encontradas pelas mulheres ao se empenharem à tarefa de produzir conhecimento no contexto de criação da psicanálise. As particularidades deste cenário diferenciaram e determinaram o lugar social da mulher, ou seja, nos domínios da esfera privada. Estas questões tornar-se-ão evidentes para compreender, ao final deste trabalho, que embora

haja ciclos históricos que determinam as posições sociais de cada indivíduo, e especialmente das mulheres, no caso estudado perceberemos como estes mesmos ciclos endossaram o lugar da mulher na história da psicanálise.

1. Introdução

A psicanálise foi uma escola de pensamento que surgiu no princípio do século XX, em Viena, criada pelo médico austríaco Sigmund Freud (1856-1939). Institucionalizada no ano de 1902, quando um grupo de intelectuais, liderado por Freud, criou a Sociedade Psicanalítica de Viena¹³, inicialmente conhecida como Sociedade Psicológica das Quartas-Feiras¹⁴, nome dado em alusão aos seus encontros que ocorriam as quartas-feiras. (Chemouni, 1990) No princípio, o grupo foi formado apenas por homens, e a admissão da primeira mulher como membra ocorreu no ano de 1911, a saber, Margarete Hilferding (1871-1942). Embora a participação das mulheres na psicanálise foi substancial no que concerne às suas produções científicas, a historiografia padrão da psicanálise evidenciou as mulheres, em sua maioria, como pacientes passivas em relação aos homens que tiveram o grande mérito de criarem a psicanálise. (Appignanesi, Forrester, 2010)

Desta forma, a motivação inicial para este trabalho coincidiu com a insatisfação de autores (Appignanesi e Forrester, 2010; Launer, 2014) que através de suas inquietações em relação ao modo como as mulheres têm sido descritas e retratadas na história das ciências, à saber, excluídas, omitidas e, na maioria das narrativas, invisibilizadas pela historiografia tradicional.

Pelo fato de, originalmente, estar inserida na área da Psicologia, eu me interessei, inicialmente, em investigar quais foram as mulheres negligenciadas das histórias tradicionais da psicologia, da psiquiatria e da psicanálise, para, posteriormente, tentar compreender os mecanismos que sustentaram o lugar destas mulheres às margens. Em minha experiência acadêmica, percebi que as psicanalistas mulheres quase não são abordadas nos currículos de graduação (em Psicologia)¹⁵, a não ser, em sua maioria, enquanto exemplos de pacientes

¹³ Em alemão: *Wiener Psychoanalytische Vereinigung*.

¹⁴ Em alemão: *Psychologische Mittwoch-Gesellschaft*.

¹⁵ Embora este não seja o objetivo do trabalho, perceber a invisibilidade das mulheres enquanto produtoras de conteúdo no currículo de graduação em Psicologia foi crucial para a amplificação do meu olhar que teve como consequência o desenvolvimento desta pesquisa.

tratadas pelos homens médicos da época. Este caminho me levou a explorar abordagens e perspectivas que antes eu desconhecia, como o caso dos Estudos de Gênero e a própria História das Ciências, que me deram subsídios para uma melhor compreensão sobre o fenômeno que tanto tem me interessado. Pesquisar sobre as mulheres, suas vidas, suas realizações científicas, suas teorias, principalmente na Psicanálise, me trouxe um novo sentido e um novo olhar para a própria disciplina.

Ao analisar a importância das mulheres na constituição da psicanálise, é válido reforçar que, de fato, elas desempenharam um papel fundamental na construção e na propagação desta escola de pensamento. A maioria das pacientes de Freud foram mulheres e, grande parte delas, recebeu o diagnóstico de histeria. Freud edificava suas teorias baseando-se em análises clínicas de suas pacientes e em discussões com seus discípulos, homens e mulheres¹⁶. O grande público que consumia a literatura psicanalítica pertencia às classes sociais privilegiadas européias.

Portanto, para este trabalho em especial, a mulher enquanto psicanalista será enfatizada. Podemos citar várias psicanalistas que deram sua contribuição à esta área do saber. Algumas delas foram subservientes às teorias freudianas; como é o caso de Helene Deutsch (1884-1982), Jeanne Lampl de Groot (1895-1987), Ruth Mack Brunswick (1897-1946) e Marie Bonaparte (1882-1962) (Appignanesi, Forrester, 2010) e outras nem tanto, como é o exemplo de Karen Horney (1885-1952) que no Congresso Internacional de Psicanálise de Berlim, em 1922, contestou em público a supracitada teoria da “inveja do pênis” de Freud. Algumas de suas pacientes se tornaram psicanalistas, como é o caso de Emma Eckstein (1865-1924).

As pacientes que saíram da posição de objetos do discurso médico para sujeito produtor de conhecimento são especialmente interessantes. Sabina Spielrein (1885-1942) foi uma dessas mulheres que passou de paciente diagnosticada com histeria à psicanalista, ou seja, sua cura sucedeu-se através do engajamento científico e prático. Inicialmente Sabina foi internada em um Hospital psiquiátrico com um diagnóstico de histeria e, após sua alta médica, estudou medicina, tornou-se psicanalista, atendeu pacientes e publicou diversos trabalhos científicos.

A escolha de seu nome como foco desse trabalho ocorreu por dois motivos principais. Primeiro, pelo esquecimento do trabalho de Sabina em contraponto à sua contribuição para as áreas de psicologia infantil, linguística e psicanálise. Segundo, pela maneira como a

¹⁶ Vale a pena ressaltar que Freud foi um intelectual cujos os interesses se apoiavam em diversas áreas. Na filosofia, foi influenciado por autores como Arthur Schopenhauer (1788-1860), Friedrich Nietzsche (1844-1900), Baruch Espinoza (1632-1677), Immanuel Kant (1724-1804), entre outros. Na literatura, suas influências foram: Charles Dickens (1812-1870), Homero, Sófocles, William Shakespeare, Thomas Mann (1875-1955), Goethe (1749-1832), Cervantes (1547-1616), entre outros. (Roudinesco, 2016) Esta bagagem intelectual que Freud adquiriu no decorrer de sua vida, pode ser examinada no decorrer de sua obra.

historiografia tradicional da ciência retratou a sua história, evidenciando fatos pouco importantes e negligenciando informações extremamente relevantes.

Seu trabalho intelectual foi influente nas obras de Sigmund Freud, Carl Gustav Jung (1875-1961), Jean Piaget (1896-1980), Lev Vygotsky (1896-1934), entre outros médicos e intelectuais da época. (Launer, 2014) Muitos dos conceitos conhecidos e estudados dentro da psicologia analítica de Jung e da psicanálise de Freud, como por exemplo, “instinto de morte”¹⁷, “transferência”¹⁸ e “contratransferência”¹⁹, foram criados e desenvolvidos em algum momento da relação entre os autores citados e Sabina Spielrein, ou seja, sofreram uma influência direta de Sabina. (Launer, 2014)

Indevidamente, sua imagem foi associada quase que exclusivamente à C. G. Jung. De fato, Jung teve um papel muito importante no processo de formação de Sabina. Da relação entre médico e paciente, eles desenvolveram uma relação amorosa. (Launer, 2014) No entanto, a contribuição intelectual de Sabina para a psicanálise e a psicologia foi de tal modo relevante que vale a pena questionar porque essa contribuição foi ofuscada pelo seu caso com Jung.

A partir das constatações acima, pretende-se, através deste trabalho, contribuir para diminuir essa lacuna encontrada na história das ciências, mais especificamente na história da psicanálise. Portanto, o objetivo deste trabalho é analisar a vida e a obra de Sabina Spielrein, através da investigação de sua relação com a história dos conceitos psicanalíticos (em Freud) e da psicologia analítica (em Jung). Além disso, pretende-se explorar a influência de Sabina na produção científica de Jean Piaget e Lev Vygotsky, e apontar como o seu mérito foi pouco reconhecido pelos seus pares da época. Para este empreendimento, pretende-se, como objetivos específicos, abordar a função social da mulher na sociedade vienense burguesa no princípio do século XX; explorar a histeria enquanto condição patológica que endossou a posição da mulher às margens e, por fim, pretende-se evidenciar, através do exemplo de cinco psicanalistas, as

¹⁷ Termo utilizado por Sigmund Freud em 1920 no texto *Além do princípio do prazer*. No entanto, Sabina Spielrein teria aplicado o termo ainda no ano de 1911 em seu texto *A destruição como origem do devir*. (Launer, 2014)

¹⁸ De acordo com Roudinesco; Plon (1997), o termo transferência “foi introduzido por Sigmund Freud e Sandor Ferenczi (entre 1900 e 1909), para designar um processo constitutivo do tratamento psicanalítico mediante o qual os desejos inconscientes do analisando concernentes a objetos externos passam a se repetir, no âmbito da relação analítica, na pessoa do analista, colocado na posição desses diversos objetos.” (Roudinesco; Plon, 1997, pp. 766-767). Nas primeiras cartas entre Freud e Jung, por volta do ano de 1906, Jung comentou sobre a paixão que Sabina Spielrein desenvolveu em relação à ele, na relação entre terapeuta e paciente, sendo o início de uma longa discussão sobre os mecanismos do processo de transferência.

¹⁹ A contratransferência é um “conjunto de manifestações do inconsciente do analista relacionadas com as da transferência de seu paciente.” (Roudinesco; Plon, 1997, p.133) O termo foi utilizado pela primeira vez em carta de Freud à Sándor Ferenczi, datada em 22 de novembro de 1908, onde Freud revela que a contratransferência seria “uma reação do analista aos ditos do paciente.” (Roudinesco; Plon, 1997, p.133)

limitações profissionais vivenciadas pelas mesmas pelo fato de serem mulheres, no contexto da criação da psicanálise.

O marco temporal deste trabalho será entre os anos de 1911 e 1942. O ano de 1911 marca o ano em que Sabina se formou em medicina. Este é um ponto chave na vida de Sabina, pois após um período de internação no Hospital Burghölzli, devido a uma crise histérica, Spielrein conseguiu “curar de sua doença”. A produção científica de Sabina após este período foi brilhante, produziu dezenas de artigos, atendeu pacientes, deu palestras e influenciou grandes nomes das ciências PSI. O ano de 1942 marca o ano em que Sabina foi morta pelos nazistas em Rostov, na Rússia. (Launer, 2014)

O espaço geográfico em análise será os lugares da Europa por onde Sabina circulou e deixou suas ideias, à saber: a Rússia (em especial as cidades de Rostov, local de nascimento e morte de Sabina, e Moscou, local de sua atuação profissional), a Suíça (principalmente Zurique, cidade onde Sabina ficou internada e se formou em medicina; Genebra, local onde Sabina, posteriormente, trabalhou como médica especialista em crianças, mas, também, a cidade de Lausana), a Alemanha (Berlim e Munique) e a Áustria (Viena, cidade onde a psicanálise foi criada e onde Sabina atuou e aprofundou seus conhecimentos em psicanálise).

Desta forma, o método de desenvolvimento da pesquisa ocorreu a partir da consulta de fontes primárias e secundárias. Como fontes primárias, consultamos os extratos publicados do diário de Sabina entre os anos de 1909 e 1912, as correspondências trocadas entre Sigmund Freud e Carl Gustav Jung²⁰, os jornais da época, os trabalhos originais escritos por Sabina e o prontuário de internação de Sabina no Hospital Burghölzli²¹. Como fontes secundárias, consultamos os artigos científicos sobre Sabina e teóricos como Jean Piaget e Lev Vygotsky. As biografias escritas sobre Sabina Spielrein serviram em certos momentos ora como fontes primárias ora como fontes secundárias.

Inicialmente, foi necessário compreender a participação de Sabina Spielrein na psicanálise através de dois olhares: o primeiro através da própria história da psicanálise e a segunda através da historiografia da psicanálise. No primeiro caso, procuramos entender a participação de Sabina e sua articulação com os teóricos da época, como Freud, Jung, Piaget, Vygotsky, entre outros, observando, deste modo, como Sabina foi referida na história da psicanálise pelos seus pares.

²⁰ Neste caso o intuito é verificar como e quando o nome de Sabina é citado na correspondência entre os dois homens.

²¹ Este prontuário foi publicado pelo psiquiatra suíço Dr. Bernard Minder no ano de 1994 no periódico de história da psicanálise, *Luzifer-Amor, Zeitschrift zur Geschichte der Psychoanalyse*, vol. 7, nº.14

Neste primeiro momento desta pesquisa, consultamos as correspondências trocadas entre Freud e os demais autores da psicanálise nos Arquivos de Sigmund Freud, localizado da Biblioteca do Congresso em Washington, D.C.²². A escolha da pesquisa sobre a vida de Spielrein ocorreu durante o período de pesquisa na Universidade da Califórnia em Berkeley, onde através da pesquisa ao acervo bibliotecário, tivemos acesso à até então mais recente biografia de Sabina Spielrein escrita por John Launer (2014)²³. Neste período, também revisamos os extratos do diário de Sabina, publicado através do livro de Aldo Carotenuto (1933-2005). Posteriormente, buscamos o nome de Sabina nos trabalhos de Freud, Jung, Piaget e Vygotsky. Tanto nas obras consultadas de Jung, quanto nas de Freud, encontramos algumas referências ao nome de Sabina Spielrein que iremos abordar mais adiante. Com a dificuldade de encontrar alusões ao trabalho de Sabina nas obras de Piaget e Vygotsky, recorreremos às fontes secundárias, através de pesquisadores que fizeram a articulação do trabalho de Sabina com os autores citados.

Finalmente, buscamos através dos textos originais de Sabina rastrear sua originalidade a respeito de alguns conceitos e temas mencionados inicialmente pelos biógrafos estudados. Esta análise nos permitiu enxergar, de certo modo, o que as biografias já diziam sobre Sabina à respeito das relações de Sabina com os quatro autores citados. Nesta etapa, consultamos através do site da Biblioteca Nacional Austríaca (*Österreichische Nationalbibliothek*) jornais da época de Sabina, com o intuito de investigar como o seu nome foi veiculado na imprensa da época. A pesquisa ao acervo jornalístico foi bem interessante, pois, através dele, pudemos sentir um pouco do clima de Viena no começo do século XX. Durante toda a pesquisa, consultamos, paralelamente, as obras de historiadores da Psicanálise (Lisa Appignanesi e John Forrester, Elisabeth Roudinesco, Peter Gay e Ernest Jones), de historiadores da medicina (Andrew Scull e Sabine Arnaud) e de historiadores culturais (Michelle Perrot, Carl E. Schorske e Célia Bertin) que nos auxiliaram na compreensão da sociedade onde a psicanálise foi criada.

Em relação a historiografia sobre Sabina, um ponto que chamou-nos a atenção através das fontes secundárias consultadas, a saber, como o nome da psicanalista foi construído através daqueles que tiveram acesso às suas fontes após a sua morte. Neste caso, separamos esta construção em três momentos mais relevantes. O primeiro momento ocorreu quando as primeiras fontes foram encontradas, no ano de 1977, e a narrativa construída inicialmente sobre

²² Embora não encontramos nenhuma informação pertinente sobre Sabina Spielrein no arquivo consultado, correspondências entre Freud e psicanalistas como Lou Andreas-Salomé, Emma Eckstein, Hilda Dolittle e Helene Deutsch foram acessadas e, de certa forma, utilizadas neste trabalho.

²³ Em 2017 foi publicado um novo trabalho biográfico sobre Sabina Spielrein, a saber, *Sabina Spielrein: The woman and the myth* (Angela M. Sells).

Sabina vinculou-a, quase que exclusivamente, à Carl Gustav Jung. Um segundo momento ocorreu quando através da publicação de livros como *A Most Dangerous Method: The story of Jung, Freud, and Sabina Spielrein* (1993), de John Kerr, e da produção hollywoodiana *Um método perigoso* (2012), onde enfatizou-se a “loucura” de Sabina e sua relação amorosa com Jung. Nestes casos, observamos uma distorção na história de Sabina em detrimento da sua imagem como intelectual. Um terceiro momento da historiografia sobre Sabina, ainda em construção, tem sido marcado por uma espécie de resgate da contribuição intelectual de Sabina, desenvolvida a partir do final da década de 1990, mas que teve um maior número de publicações, a partir da década de 2000.

As duas figuras abaixo demonstram, de certa maneira, o que afirmamos acima em relação à historiografia sobre Sabina. O gráfico revela a quantidade de vezes que o nome de Sabina foi veiculado nos jornais suíços *Gazette de Lausanne* e *Journal de Genève* de 1921 até 1996.

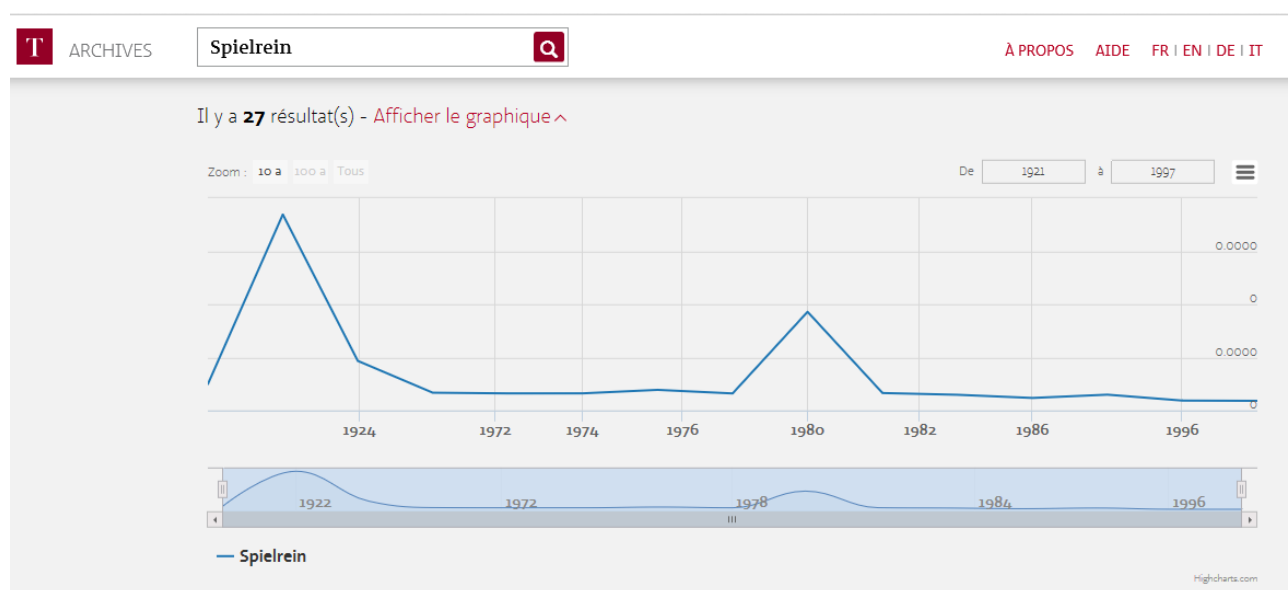


FIGURA 1: Gráfico aponta quantas vezes o nome de Spielrein foi citado nas publicações dos jornais suíços *Gazette de Lausanne* e *Journal de Genève*. Fonte: www.letempsarchives.ch/recherche?q=Spielrein

Como pode-se observar, entre os anos de 1921 e 1923, houve um aumento no número de citações do nome de Sabina e, após este período, somente em 1980, quando as correspondências de Sabina foram encontradas no sótão do Institut J.J. Rousseau, que seu nome é novamente citado pelos jornais selecionados. É importante salientar que Sabina trabalhou em Genebra até o ano de 1923, e após este período, partiu para jamais retornar para a Suíça.

Abaixo uma matéria veiculada no *Jornal Gazette de Lausanne* reportando sobre quando os seus pertences foram encontrados e parte de seus escritos publicados por Aldo Carotenuto. A matéria, por sua vez, evidencia a relação de Sabina com Jung. É interessante ressaltar que este teria sido o princípio da reconstituição do nome de Sabina. Essa reconstituição, como foi elucidado acima, foi narrada, na maior parte do tempo, baseada na relação de Sabina e Jung.

3 livres...
Elias Canetti fait partie de ces écrivains d'Europe centrale que la France connaît mal, peut-être parce que, vivant à Londres, il écrit en allemand: né en 1905, il est lauréat de quelques-unes des plus importantes distinctions littéraires de langue allemande (Prix Büchner, Nelly Sachs et Gottfried Keller). Aussi, faut-il savoir gré à Albin Michel de publier en traduction l'HISTOIRE D'UNE JEUNESSE. LA LANGUE SAUVÉE. Canetti y évoque ses premières années dans la petite ville bulgare de Roustchouk, confluent de langues et de races (sa famille est d'ailleurs d'origine espagnole), un bref exil anglais à Manchester, le début de la Grande Guerre à Vienne et les années 1916-1921 passées à Zurich, pour lui les seules «pleinement heureuses». Une découverte du monde, de soi, de la littérature, par un adolescent intelligent et sensible.
Le monde que fait découvrir Nuto

Histoire de la psychanalyse
Une importante correspondance et un journal inédits révèlent une curieuse relation de JUNG
■ Découverts à Genève, ces documents en partie édités en italien vont l'être bientôt en français.
Quarante-six lettres de Jung à Sabina Spielrein, douze de cette dernière à celui-là, vingt et une de Freud à Sabina, le journal tenu par cette patiente de Jung, elle-même médecin, tels sont les documents retrouvés à Genève il y a quelque temps, traduits et partiellement publiés par le professeur Aldo Carotenuto, membre de l'Association internationale de psychologie analytique.
De Rome: Jeanclaude BERGER
Sabina Spielrein n'est pas une inconne, dans le milieu psychanalytique: Helene Deutsch a d'elle un souvenir très précis, Jean Piaget¹ a dit avoir fait un bout d'analyse avec elle et, se réfé-
tate du phénomène transfert/contre-transfert». En un mot, Jung, avec Sabina, casse le pacte analytique. Une histoire d'amour, si l'on veut, mais vécue fort différemment, de part et d'autre.
en chair et en os, «comme nous avions rêvé ensemble de faire en d'autres temps», écrit-elle dans son Journal. On ne sait trop ce qui résiste le plus, en Jung, du psychanalyste qui veut rétablir le pacte analytique, ou du mari qui craint de briser celui du mariage. L'homme, écrit Sabina, «met le sacré de sa profession au premier plan, moi au contraire, le sacré de l'amour». Mais le jeu des sacrés est-il aussi innocent pour un homme? Jung «a dit aussi que je suis honnête en amour, tandis que lui est déshonête. Au lieu de me témoigner cet amour calme dont j'avais besoin après tout mon tourment, il s'est remis à jouer le rôle de Don Juan, que je déteste en lui». Avec Sabina, Jung doit avoir senti passer comme une brise paradisiaque, pour mon caractère fort et orgueilleux, mais il m'a dit aussi qu'il ne m'épouserait pas parce qu'il y avait en lui un grand phillistin qui a besoin de l'aspect limité typiquement suisse. Que vaut une telle opération éditoriale? Ajoute-t-elle quelque chose à la compréhension de l'œuvre de Jung, ou comble-t-elle seulement des bas-côtés biographiques? Aux spécialistes du divan d'en juger, même si certaines résonances ne laissent pas d'être fort intéressantes. ■
¹ Dans une interview au *Corriere della Sera* illustrato (février 1979), citée par Carotenuto, Piaget dit avoir été analysé par une certaine De La Fuente, élève directe de Freud.
² La révolution psychanalytique.

Figura 2: Matéria divulgada pelo Jornal Suíço, *Gazette de Lausanne*, em 31 de maio de 1980, sobre a descoberta das fontes encontradas sobre Sabina Spielrein. O título da matéria “Uma importante correspondência e um jornal inéditos revelam uma curiosa relação de Jung”. Fonte: www.letempsarchives.ch/recherche?q=Spielrein

Alguns destes jornais veiculados neste período (1921 – 1923) podem ser consultados na sessão 3.4. Os seus anos produtivos: Berlim e Genebra.

1.1. Referencial teórico e principais fontes

Um dos principais pontos elucidados durante este trabalho se refere às questões mencionadas acima, ou seja, à forma como uma parte da historiografia narrou a história de Sabina e à forma como seus pares, de certo modo, negligenciaram seu mérito. Todavia, a visibilidade de Sabina tem sido gradualmente reconstruída por autores que, ao entrarem em contato com as fontes, perceberam a importância de Spielrein e se propuseram narrar uma nova história da psicanálise (embora ainda existam muitas lacunas a serem preenchidas).

Desta forma, abaixo abordaremos como ocorreu o resgate historiográfico de Sabina, desde a descoberta de seus pertences utilizados como as primeiras fontes até os autores do presente que têm produzido trabalhos relevantes sobre a produção intelectual de Sabina.

Um pouco antes do ano de 1976, o historiador e professor de psicologia junguiana da Universidade de Roma, Aldo Carotenuto, ao entrar em contato com as correspondências de Jung e Freud²⁴, identificou uma frequência do nome de Sabina Spielrein e, diante desta circunstância, percebeu que ela provavelmente influenciou o desenvolvimento psicológico de Jung. (Launer, 2014) Em 1977, Carotenuto publicou o livro *Senso e contenuto della psicologia analitica*, evidenciando “os mais importantes pontos na psicologia de C.G. Jung” (Carotenuto, 1982, p. XIV). Nesta obra, o nome de Sabina Spielrein foi citado algumas vezes em conexão com o trabalho de Jung. (Launer, 2014)

Em outubro 1977, no sótão do *Institut Jean-Jacques Rousseau* em Genebra, instituto no qual Sabina trabalhou anos antes de voltar para a União Soviética (no ano de 1923), foi encontrada uma caixa com pertences de Sabina Spielrein. Dentro desta caixa havia diários, correspondências e rascunhos de artigos escritos por Sabina²⁵. Através de seu amigo (Carlo Trombetta), que também lecionava na Universidade de Roma, Aldo Carotenuto foi o primeiro historiador a ter acesso a estas fontes²⁶. (Launer, 2014)

No ano de 1982, Carotenuto publicou um livro intitulado *A secret symmetry: Sabina Spielrein between Jung and Freud*. O livro é constituído de um compilado dos diários de Sabina entre os anos de 1909 e 1912 com comentários feitos por Carotenuto. De acordo com Launer (2014), o conteúdo publicado dos diários de Sabina foi bastante seletivo, sem explicação da escolha da seleção do material. Launer (2014) aponta para o fato de que Carotenuto era um analista junguiano e que seus comentários tiveram tendências preservando a imagem de Jung.

Em 1998, foi encontrado pelo psicanalista Henry Zvi Lothane, no arquivo privado da senhora Morsier²⁷, em Genebra, o diário de Sabina em russo e algumas correspondências

²⁴ No ano de 1974, as correspondências trocadas entre Sigmund Freud e Carl Gustav Jung foram organizadas e liberadas para acesso na Biblioteca do Congresso em Washington D.C. (EUA). O nome de Sabina Spielrein aparece em várias destas correspondências trocadas entre Freud e Jung, durante o período de início da amizade entre os dois homens. (Launer, 2014)

²⁵ Segundo Carotenuto (1982), foram encontradas 46 cartas de Jung para Sabina, 20 cartas de Freud para Sabina, 2 cartas de Sabina para Freud, os diários de Sabina datados entre os anos de 1909 e 1912, e algumas correspondências de Bleuler, Stekel, Rank e outras pessoas desconhecidas.

²⁶ Carlo Trombetta (amigo de Carotenuto e professor de psicopedagogia na Universidade de Roma), na época estudava as obras de Claparède (fundador do *Institut Jean-Jacques Rousseau*) e tinha contato próximo com Georges de Morsier, que por sua vez era o sobrinho de Édouard Claparède. Trombetta sabendo do interesse de Carotenuto sobre Jung e Spielrein, entrou em contato com Morsier para saber se havia alguma informação sobre Sabina e Jung no instituto (pois Sabina no passado havia trabalhado no instituto). Em outubro de 1977, Morsier entrou em contato com Trombetta informando que havia encontrado, no sótão do instituto, alguns documentos sobre Jung, Freud e Spielrein. (Launer, 2014)

²⁷ O arquivo que pertencia a Édouard Claparède ficou aos cuidados de seu sobrinho Georges de Morsier, que após sua morte permaneceu aos cuidados de sua esposa.

trocadas entre Sabina e sua mãe, onde encontram-se algumas das evidências do relacionamento entre Sabina e Jung. (Launer, 2014)

Vale a pena ressaltar que apenas uma parte do material sobre Sabina foi acessado desde a sua descoberta em 1977. De acordo com Launer (2014), não se sabe exatamente qual seria a extensão do material sobre Sabina. Sabe-se apenas que uma parte do material, que não foi publicado, se encontra sob o domínio da Família Morsier em Genebra e a outra parte se encontra sob responsabilidade do sobrinho-neto de Sabina, o Professor Vladimir Shpilrain. (Launer, 2014)

A literatura secundária escrita sobre Sabina Spielrein apontou para várias interpretações. Uma destas interpretações foi a hipervalorização de sua relação com Carl Gustav Jung em detrimento de seus escritos. Um exemplo é o filme *A Dangerous Method*. Traduzido no Brasil como *Um método perigoso*, a produção hollywoodiana, dirigida pelo diretor David Cronenberg, foi lançada no ano de 2011 e, como mencionado anteriormente, a relação entre Jung, Sabina e Freud e sua doença mental tem um ponto principal na narrativa, enquanto o seu trabalho intelectual não foi retratado. O filme, por sua vez, foi uma adaptação do livro *A Most Dangerous Method: The story of Jung, Freud e Sabina Spielrein* de John Kerr, publicado no ano de 1993. Launer (2014) aponta que o livro foi publicado antes dos registros dos atendimentos de Sabina no Hospital Burghölzli serem disponibilizados enquanto fonte, o que deu margem para especulações diversas fazendo com que a imagem de Spielrein tivesse sido “altamente distorcida” (Launer, 2014, p.5).

Outra produção cinematográfica sobre a vida de Spielrein é o documentário sueco dirigido por Elisabeth Márton. Intitulado como *Ich hiess Sabina Spielrein*, o filme foi lançado em 2002 nos idiomas inglês e alemão.

Ao realizar um levantamento dos autores de língua alemã que publicaram livros sobre Sabina, além da biógrafa Sabine Richebächer, foram encontrados autores que também deram sua contribuição ao narrar a história de Sabina.

No ano de 1986, os autores alemães Günter Bose e Erich Brinkmann organizaram e publicaram um compilado com algumas das obras de Sabina, *Sabina Spielrein: Ausgewählte Schriften*. Em 1999, o psicólogo e historiador da psicanálise alemão, Wolfgang Martynkewics, escreveu o livro *Sabina Spielrein und Carl Gustav Jung: Eine Fallgeschichte*. E no ano de 2000, a psicoterapeuta Renate Höfer escreveu o livro *Die Psychoanalytikerin Sabina Spielrein*.

Em 2002, a *Bibliothek der Psychoanalyse* publicou uma edição com as obras completas de Sabina, *Sabina Spielrein: Sämtliche Schriften*. Esta seria, até então, a única publicação da obra completa de Sabina. (Cromberg, 2014)

Entre as biografias e as obras sobre Spielrein analisadas, alguns autores se destacaram e foram relevantes para compreender a história e o pensamento de Sabina. A primeira biografia foi publicada pela alemã Sabine Richebächer. Esta, por sua vez, serviu de inspiração para o biógrafo John Launer. A obra de Richebächer foi publicada em alemão no ano de 2008 e traduzida para o português no ano de 2012. Alguns outros autores, através de suas publicações, deram subsídios materiais para uma construção mais substancial do trabalho dos biógrafos. As analistas junguianas Coline Covington e Barbara Wharton editaram e publicaram, no ano de 2003, o livro intitulado *Sabina Spielrein: Forgotten Pioneer of Psychoanalysis*. O livro é um compilado de artigos de diversos autores que escreveram sobre Sabina. Autores como Henry Zvi Lothane, Angela Graf-Nold, Fernando Vidal, Johannes Cremerius, Bernard Minder e Nicole Kress-Rosen fizeram uma análise substancial de Sabina Spielrein e suas relações.

Em 2014, o inglês John Launer escreveu e publicou outra biografia, apresentando informações não encontradas nas demais referências trazidas pelos autores anteriormente. Launer apresentou informações inéditas através de entrevistas que ele realizou com familiares de Sabina.²⁸

No ano de 2015, o professor de psicologia da York University, Frank J. Marchese, publicou o livro *Coming into Being: Sabina Spielrein, Jung, Freud and Psychoanalysis*. O livro foca principalmente nas ideias desenvolvidas por Sabina Spielrein em seu texto *Destruction as the cause of coming into being*, e na relação e influência que Sabina desempenhou nos pensamentos de Freud e Jung e na psicanálise em geral.

Em 2017, uma nova biografia foi lançada pela americana Angela M. Sells, *Sabina Spielrein: The woman and the myth*.

Embora percebe-se um aumento gradual nas publicações sobre Sabina nos países europeus, no Brasil, por sua vez, a invisibilidade de Sabina foi mais sentida. Poucos autores escreveram sobre Sabina Spielrein. A mais conhecida é a psicanalista Renata Udler Cromberg que defendeu sua tese de doutorado no ano de 2008 focada na vida e na obra de Sabina Spielrein. Intitulada como *O amor que ousa dizer seu nome: Sabina Spielrein – pioneira da psicanálise*,

²⁸ John Launer entrevistou o Professor Vladimir Shpilrain, que é um sobrinho neto de Sabina. Outro membro da família de Sabina com quem Launer teve contato foi Katy Zaidman, sobrinha-bisneta de Sabina, que ajudou Launer a refazer a árvore genealógica da família. Um outro contato que ajudou Launer a saber mais sobre a vida de Sabina foi o russo Alexander Zhuravlyov que, por sua vez, foi colega de infância da enteada de Sabina, Nina Snetkova.

a tese da psicanalista aborda principalmente o pioneirismo de Spielrein. No ano de 2014, Cromberg publicou o primeiro volume das obras completas de Sabina Spielrein. Com alguns trabalhos de Sabina traduzidos para o português, considera-se que este pode ser um avanço na divulgação das obras de Spielrein para o público de língua portuguesa. Outra autora brasileira que deu sua contribuição aos estudos sobre Sabina foi a psicóloga Fátima Caropreso, que escreveu o artigo *O instinto de morte segundo Sabina Spielrein* (2015).

Os demais autores, não sem menos importância, que publicaram seus trabalhos sobre Sabina Spielrein podem ser consultados na sessão das referências bibliográficas.

1.2. Estrutura do trabalho

Esse trabalho divide-se em quatro capítulos, sendo o primeiro a introdução e o último, a conclusão.

O segundo capítulo, intitulado “A História das Mulheres na psicanálise no período de sua concepção”, foca na produção das mulheres na psicanálise. No entanto, para uma melhor compreensão das limitações vivenciadas pelo fato de serem mulheres, foi necessário averiguar como Viena funcionava no começo do século XX e como a histeria funcionou como uma condição patológica que reforçou o lugar da mulher às margens. Este capítulo foi subdividido em três sessões, a saber, “As mulheres burguesas no contexto da criação da psicanálise”; “A histeria como uma condição patológica social na virada do século XX”; e “As mulheres enquanto produtoras do conhecimento psicanalítico”. O objetivo principal deste capítulo é apresentar as condições em que se encontravam as mulheres no contexto da criação da psicanálise, qual era a função social que esta mulher desempenhava nesta sociedade, assim como mostrar a relação entre a histeria e a psicanálise. Outra questão que o capítulo delineia é como sucedeu a inserção das mulheres no campo psicanalítico e as restrições encontradas pelo fato de serem mulheres. Para este empreendimento utilizamos o exemplo de cinco mulheres que atuaram como psicanalistas durante a constituição da psicanálise, a saber: Margarete Hilferding (1871-1942), Hermine Hug-Hellmuth (1871-1924), Karen Horney (1885-1952) e Helene Deutsch (1884-1982). Estas foram escolhidas como ilustração por serem as primeiras mulheres aceitas como membras na Sociedade Psicanalítica de Viena.

Neste capítulo, utilizamos como guia as obras de historiadores da psicanálise, historiadores culturais, historiadores sociais da medicina, psicanalistas e biógrafos, à saber: John Forrester e Lisa Appignanesi, *As Mulheres de Freud* (2010); Peter Gay, *Freud: Uma vida*

para o nosso tempo (1988); Elizabeth Roudinesco e Michel Plon, *Dicionário de Psicanálise* (1997); Jacquy Chemouni, *História do Movimento Psicanalítico* (1990); Célia Bertin, *A mulher em Viena nos tempos de Freud* (1990); Paul-Laurent Assoun, *Freud e a Mulher* (1993); Carl E. Schorske, *Viena fin-de-siècle* (1980); Michelle Perrot, *Mulheres públicas* (1998); Maria Rita Kehl, *Deslocamentos do Feminino* (2016); Andrew Scull, *Hysteria: The Biography* (2009); Georges Didi-Huberman, *Invention of Hysteria: Charcot and the Photographic Iconography of the Salpêtrière* (2003); Asti Hustvedt, *A medical muses: Hysteria in nineteenth century Paris* (2011); Henri Ellenberger, *The Discovery of the Unconscious: The History and Evolution of Dynamic Psychiatry* (1970); J. H. van Den Berg, *Psicologia Profunda* (1970); entre outros.

Ainda neste capítulo, utilizamos também os textos das psicanalistas investigadas (Margarete Hilferding, Hermine Hug-Hellmuth, Helene Deutsch e Karen Horney) e de seus biógrafos. Sobre Margarete Hilferding utilizamos a obra de Teresa Pinheiro e Helena Besserman Vianna, onde as psicanalistas organizaram a tradução e a publicação do texto de Margarete Hilferding, *As bases do Amor Materno* (1991). Sobre Hermine Hug-Hellmuth, utilizamos a biografia escrita por Angela Graf-Nold, *Der Fall Hermine Hug Hellmuth: Die Geschichte der früher Kinder Psychoanalyse* (1988) e o texto de Freud *Um estudo Autobiográfico* (1925-1926), onde Freud menciona o trabalho de Hug-Hellmuth. Sobre Helene Deutsch, utilizamos a biografia sobre Helene escrita por Paul Roazen, *Helene Deutsch: A Psychoanalyst's Life* (1985), além da autobiografia de Helene, *Confrontations with Myself: An Epilogue* (1973) e sua obra *The psychology of women* (1944). Sobre Karen Horney, utilizamos a biografia de Jack L. Rubins, *Karen Horney: A Gentle Rebel of Psychoanalysis* (1978) e sua obra *Conheça a si mesmo* (1942). Além das obras de Lisa Appignanesi e John Forrester (*As mulheres de Freud*) e de Elizabeth Roudinesco e Michel Plon (*Dicionário de Psicanálise*) que utilizamos no decorrer da investigação de todas as psicanalistas analisadas. Alguns textos de Sigmund Freud foram consultados, a saber, *Relatório sobre os meus estudos em Paris e Berlim* (1886), *Três ensaios sobre a Teoria da Sexualidade* (1905), *Notas sobre um caso de neurose obsessiva* (1909), *Estudos sobre a Histeria* (1895), *Fragmento da análise de um caso de histeria* (1905) e *As neuropsicoses de defesa* (1895).

No Capítulo 3, intitulado “Sabina Spielrein: do quadro de histeria a pioneira da psicanálise”, a vida e a obra de Sabina Spielrein serão exploradas como exemplo de mulheres inseridas na história das ciências. Em uma narrativa biográfica científica, os principais elementos e contribuições de sua trajetória serão apresentados. O seu legado também será evidenciado neste capítulo. A principal característica do trabalho de Sabina é o seu pioneirismo

em diversas áreas relacionadas à psiquiatria, psicologia e psicanálise. Discutir a contribuição que Sabina Spielrein deixou em todas essas áreas é, sem dúvida, importante para remediar essas invisibilidades da narrativa tradicional.

2. A história das mulheres da psicanálise no período de sua concepção

Conforme mencionado no capítulo anterior, a participação das mulheres na história da ciência ocidental foi marcada por uma série de ciclos onde em cada momento histórico o lugar da mulher esteve determinado de acordo com motivações políticas, sociais e ideológicas. As relações dicotômicas entre, por um lado, homem, mente e objetividade e, por outro lado, mulher, natureza e subjetividade (Keller, 1985)²⁹ perpassaram as compreensões que se produziram, revelando uma divisão social do trabalho nas áreas científicas.

A análise da participação das mulheres na história das ciências, articulada, por sua vez, no contexto da criação psicanálise, torna-se interessante neste caso, pois, ao localizar historicamente em que contexto a psicanálise se estruturou, permite-se uma reflexão sobre a tolerância social dedicada as mulheres que se dedicaram à árdua tarefa de ser mulher e ao mesmo tempo fazer ciência. Compreender o contexto sócio-histórico que colaborou para a criação da psicanálise nos permite lançar luzes sobre as relações de gênero que perpassaram a psicanálise. Sabe-se que a maioria das pacientes de Freud eram mulheres, a maioria dos membros da Sociedade Psicanalítica de Viena eram judeus³⁰ e a maior parte das pessoas que tinham acesso à psicanálise, sejam elas como pacientes ou como estudiosos pertenciam as classes sociais privilegiadas. (Appignanesi, Forrester, 2010)

A psicanálise, criada no princípio do século XX, foi inicialmente um método terapêutico. Antes de sua disseminação pelos países da Europa, Viena foi o palco para a constituição da psicanálise, que anos mais tarde se tornou uma escola de pensamento difundida nas mais diversas áreas. Embora Freud tenha publicado vários trabalhos antes deste período, a primeira sociedade psicanalítica foi instituída ainda no ano de 1902, chamada de “Sociedade Psicológica das Quartas-Feiras”. O intuito de Freud era “aprender, praticar e difundir a

²⁹ A Historiadora da Ciência Evelyn Fox Keller abordou bastante estas relações em sua obra *Reflections on Gender and Science* (1985).

³⁰ Embora a relação entre psicanálise e judaísmo seja um tópico relevante, por se tratar de um tema amplo e complexo, não abordaremos esta questão. Este tema é trabalhado no artigo “Discurso freudiano e tradição judaica” (2013) do psicanalista Joel Birman.

psicanálise”. (Gay, 1988, p. 184) Ainda de acordo com Appignanesi e Forrester (2010), “a psicanálise seria um fenômeno histórico, como teoria na história da ciência e como movimento cultural.” (Appignanesi; Forrester, 2010, p.12)

As mulheres, por sua vez, atuaram nos diversos papéis colaborando para que a psicanálise se tornasse esta escola de pensamento estudada até os dias de hoje. Pacientes, psicanalistas, amigas e familiares de Sigmund Freud foram de extrema importância para a formulação das teorias psicanalíticas. (Appignanesi; Forrester, 2010)

Todavia, pode-se pensar que no início do século XX, as universidades de medicina na Europa estavam se abrindo à participação das mulheres. (Schiebinger, 1985; Appignanesi e Forrester, 2010) A grande parte das mulheres que atuaram como as primeiras psicanalistas estavam inseridas na área médica. No entanto, suas escolhas profissionais tinham pouca flexibilidade, ou seja, só eram permitido as mulheres atuarem com as questões relacionadas ao universo feminino, que se resumia aos cuidados das crianças (psicologia infantil) e às problemáticas femininas (psicologia da mulher). (Appignanesi; Forrester, 2010)

Sendo assim, este capítulo tem como propósito principal abordar não apenas a importância das mulheres nos tempos da criação da psicanálise, mas reforçar suas produções e contribuições à história da ciência (psicanálise); articulando, ao mesmo tempo, o contexto social em que a psicanálise foi constituída e a histeria, enquanto condição patológica tão diagnosticada nas pacientes de Freud.

2.1. As mulheres burguesas no contexto da criação da Psicanálise.

Abordar sobre como era ser mulher no contexto da criação da Psicanálise pode parecer em um primeiro momento uma tarefa extremamente complexa que poderia nos levar ao risco de cometermos reducionismos e explicações simplistas sobre um fenômeno complexo. No entanto, a ideia principal é refletir sobre as condições das mulheres neste contexto, ou seja, compreender os papéis sociais que as mulheres desempenhavam, suas limitações devido a questões de gênero e principalmente como estas situações se articularam com a criação da psicanálise. Neste caso, o que torna relevante neste trabalho não é aprofundar o entendimento de como era Viena no início do século XX, pois para tal empreendimento seria necessário retornar a um período anterior na história e analisar os fatores sociais, econômicos e políticos que resultaram na Viena do período que nos interessa. O que mais importa aqui é destacar em

que estrutura social a psicanálise esteve apoiada para assim ser possível um discernimento sobre o lugar de discurso da psicanálise e, por conseguinte, o lugar da mulher na psicanálise.³¹

Quando Sigmund Freud criou a primeira sociedade psicanalítica de Viena, no ano de 1902, a Áustria pertencia ao império Austro-Húngaro³² (1867-1918), regido pela dinastia dos Habsburgo. (Winograd; Klautau 2014). Os movimentos culturais que marcaram o rompimento do século XIX e o início do século XX ecoavam dentro deste contexto. O termo francês *fin-de-siècle* denota o clima de transição cultural que ocorreu em toda a Europa entre o final do século XIX e início do século XX³³.

O império Austro-Húngaro foi dissolvido com o fim da primeira guerra mundial (1914 – 1918)³⁴, separando-se em dois países distintos (Áustria e Hungria), deixando de ser regido pelo sistema monárquico dual e tornando-se uma democracia. Sendo assim, o contexto de pós-guerra na Áustria, que paralelamente sucedeu os primeiros anos da criação da psicanálise foi caracterizado pelas contradições, ou seja, de um lado havia um país marcado pelas influências dos movimentos do final do século XIX, e estes eram reconhecidos pelos espetáculos, pela alta cultura, por um modernismo progressista, pela emergência do indivíduo moderno, pela autonomia do sujeito; e por outro lado havia uma Viena caótica, assolada pelas consequências das guerras e revoluções que atingiram toda a Europa³⁵. (Kehl, 2016)

A sociedade vienense, por sua vez, era extremamente estratificada socialmente³⁶. Os papéis sociais, bem determinados, estabeleciam as funções de cada sujeito. (Bertin, 1990) A classe burguesa, composta principalmente por políticos, governantes, financistas, profissionais

³¹ O Historiador Peter Gay publicou um compilado de cinco volumes onde ele fundamenta vários aspectos da cultura do século XIX na Europa, articulando os acontecimentos macro aos micro acontecimentos. O título principal é *A experiência burguesa da Rainha Vitória a Freud*. Os volumes foram divididos por temas a saber: *A educação dos sentidos* (1988); *A paixão terna* (1990); *O cultivo do ódio* (1995); *O coração desvelado* (1999); *Guerras do prazer* (2001).

³² O império Austro-Húngaro concentrava diversas nacionalidades sob seu domínio: tchecos, iugoslavos, sérvios, húngaros e venezianos. (Winograd; Klautau, 2014)

³³ O termo *Fin-de-siècle*, simbolizado por este período de transição, foi um movimento modernista caracterizado pela mudança de um cenário, uma ruptura com o século XIX e a emergência de uma nova Europa. A literatura, a arquitetura, a filosofia, a música, a cultura, as artes e as ciências tiveram uma contribuição essencial na construção do novo clima de Viena. (Kehl, 2016)

³⁴ Este acontecimento teria sido devastador em toda a Europa. Além das mortes de homens nas frentes de guerra, a falta de subsídios para a sobrevivência da população, a fome, as doenças da época; como a gripe espanhola e a tuberculose, também tiveram como consequências a morte de milhões de civis. (Bertin, 1990)

³⁵ Ainda de acordo com Célia Bertin (1990), neste período, com sistema econômico enfraquecido e consequentemente com os altos índices de desemprego, sucedeu-se um grande movimento de migrações. Muitos trabalhadores e trabalhadoras migravam, partindo das regiões rurais e se estabelecendo em Viena. Algumas mulheres, ao partirem de suas cidades de origem e ao chegarem em Viena em busca de melhores condições de vida, atuavam como costureiras ou domésticas, outras encontravam na prostituição a única possibilidade de sobrevivência.

³⁶ Como mencionado anteriormente, a maioria das pessoas que se dedicava à psicanálise era aquelas pertencentes à classe burguesa. É apropriado reforçar esta afirmação pois dedicaremos-nos a concentrar nossa investigação na classe referida.

liberais, como médicos, advogados entre outros, levou a cabo a ideia modernista de progresso enfatizando por um lado, a educação, a arte, a ciência, os bons costumes e, por outro lado, a aparência e o luxo. (Kehl, 2016) Desta forma, conforme Bertin (1990) elucidou, em termos de nível educacional e cultural, a classe burguesa era a que tinha um maior nível de instrução desta sociedade. A arte, todavia, foi bastante valorizada entre este grupo social, tornando-se um modo de vida³⁷. (Winograd, Klautau, 2014) De todo modo, Winograd e Klautau explicitaram bem sobre o modo de ser dos burgueses de Viena e a influência adquirida através dos costumes monárquicos.

No final da monarquia, Viena era, sobretudo, uma cidade da burguesia que adquirira seu caráter individual durante a segunda metade do século XIX num momento de expansão industrial. Enormes fortunas se fizeram garantindo a base para uma sociedade patriarcal cujos valores eram, principalmente, a razão, o progresso, a ordem, a perseverança, a autoconfiança, a conformidade disciplinada com os padrões do bom gosto e da ação. O que estivesse à margem dessas diretrizes deveria ser radicalmente evitado. Media-se o sucesso de um homem pelo o que ele possuía. A sociedade não abria mão da ordem e das tradições do passado: a estabilidade era a maior virtude. Cada família, cada lar era como um microcosmo da monarquia em que o pai de família, autoridade absoluta, tinha como tarefa básica garantir a ordem e a segurança. (Winograd, Klautau, 2014, p. 205)

Inserida nesta realidade, a família vienense burguesa estava se reajustando à este modelo de ordem social. Alguns aspectos centrais encontrados nos costumes burgueses eram a artificialidade e a aparência. O modo de consumo, os lugares frequentados, o modo de se comportar e até a forma como se vestiam e decoravam suas casas³⁸, os móveis escolhidos copiados da aristocracia, evidenciavam a necessidade de pertencer a determinado grupo social. (Winograd, Klautau, 2014)

O universo feminino seguia as mesmas regras de funções sociais. No entanto, é importante frisar que a posição da mulher seguia uma ordem subjugada em relação ao homem. A começar pelo estatuto jurídico, que reforçava que a mulher, enquanto membro desta família, era reconhecida como propriedade do pai, e somente se desvinculava do mesmo ao se casar, tornando-se então posse e patrimônio do marido. (Pinheiro, Vianna, 1991) Até mesmo os seus

³⁷ O livro do historiador Carl Emil Schorske, *Viena Fin-de-Siècle: Política e cultura* (1990), evidencia bastante a relação entre a arte e a cultura vienense.

³⁸ De acordo com Perrot (1998), as casas das famílias burguesas eram decoradas de modo que as cortinas eram feitas para evidenciar a privacidade da família, ou seja, o lado de fora das casas era o lugar onde a aparência poderia ser vivenciada, enquanto o que ocorria dentro dos lares deveria ser guardado e protegido. Desta forma, Perrot aponta que a cortina foi um artefato simbólico para demonstrar a separação entre o público e o privado e por sua vez, o aparente e o velado. É interessante ressaltar que uma das cenas do filme *Madame Bovary* (2014), adaptado do romance de Gustave Flaubert, mostra Bovary comprando uma cortina nova, o que reforça a simbologia deste artefato.

bens cumpriam o mesmo trâmite³⁹. Em relação aos direitos constitucionais das mulheres na Áustria, como nos demais países da Europa, foi necessária organização e embates para a conquista de tais direitos. O sufrágio feminino na Áustria, por exemplo, só foi regulamentado no ano de 1919⁴⁰, juntamente com a primeira Constituição Federal. (Bertin, 1990)

Em relação às questões profissionais, não era bem visto que a mulher burguesa tivesse uma profissão. O casamento era o principal objetivo da jovem. O ideal era que, logo após o casamento, ela mantivesse focada nos cuidados com o lar e dos filhos. Sendo assim, a escolha em se dedicar aos estudos em detrimento ao lar gerava várias questões, como o fato destas mulheres não serem vistas como aptas ao casamento. (Bertin, 1990)

O direito à educação destinada às mulheres também demandou esforços para serem adquiridos. Célia Bertin (1990) elucidou em sua obra que somente no ano de 1902 foi criado escolas secundárias que aceitavam a matrícula de mulheres. Anteriormente, somente os homens tinham acesso à educação secundária na Áustria. As escolas secundárias para as mulheres eram, por sua vez, escolas intermediárias e somente em 1919 as moças passaram a ser admitidas nos ginásios de rapazes. (Bertin, 1990)

O direito à matrícula de mulheres nas universidades da Áustria eram restritos, estas só poderiam cursar determinados cursos, como pedagogia, filosofia e, em alguns lugares, medicina. As especializações médicas também eram limitadas.⁴¹ Por volta do ano de 1895 algumas mulheres iniciaram seus estudos em medicina nas universidades austríacas, exceto em Viena⁴². Neste caso, é interessante ressaltar que mesmo as mulheres que conseguiam formar-se em medicina encontraram diversas dificuldades ao exercerem a profissão. (Bertin, 1990)

Ainda segundo Bertin (1990), os cursos de direito e ciências políticas não eram acessíveis às mulheres até no ano de 1919 quando decretou-se a inserção das mulheres em tais

³⁹ Michelle Perrot (1998) mostrou como até mesmo a liberdade do ir e vir era uma limitação experienciada pelas mulheres, sendo inapropriado que a mulher decente saísse sozinha à noite. “A cidade, à noite, é hostil às mulheres solitárias. Uma mulher decente só anda com um homem. Sozinha, ela corre o risco de ter problemas, assédio sexual ou policial, violência e violação. Sem dúvida, o espaço da cidade nunca é simples para as mulheres. Contudo, de dia, elas circulam à vontade, contanto que tomem certas precauções. Mas, à noite, a cidade pertence aos homens e às profissionais dedicadas ao uso deles.” (Perrot, 1998, p.29)

⁴⁰ De acordo com Pinheiro, Vianna (1991) a Lei 1867 “proibia que pessoas do sexo feminino, bem como estrangeiros e menores, participasse de qualquer atividade política.” (p.72)

⁴¹ Um dos primeiros lugares da Europa a aceitar alunas mulheres no curso de medicina foi a Universidade de Zurique, na Suíça, que neste caso somente aceitavam alunas estrangeiras. (Bertin, 1990)

⁴² De acordo com Bertin (1990), a primeira mulher médica da Áustria foi a baronesa Gabriele Possaner-Ehrenthal (1860-1940), que após estudar em Zurique solicitou uma petição ao Parlamento solicitando sua atuação como médica em Viena. Seu requerimento foi autorizado e no dia 02 de abril de 1897 tornou-se médica em Viena.

cursos. Assim, em 1921, a primeira mulher se formou em direito na Áustria. Neste período, “menos de 5% dos estudantes inscritos na faculdade eram mulheres.” (Bertin, 1990, p.126)⁴³

Com este cenário, as relações de poder estabelecidas entre os homens e as mulheres eram evidenciadas de tal modo que, se por um lado as demandas culturais exigiam progresso e logo a emancipação do sujeito moderno, por outro, as demandas sociais sustentavam o lugar da mulher moderna, não apenas excluída dos domínios profissionais, mas deslocada de seus reais desejos. Desta forma, todas estas questões mencionadas acima evidenciavam as incongruências encontradas na sociedade vienense. A psicanalista Maria Rita Kehl, em sua obra “Deslocamentos do feminino”, apontou para esta questão:

Assim, aos ideais de submissão feminina contrapunham-se os ideais de autonomia de todo o sujeito moderno; aos ideais de domesticidade contrapunham-se os de liberdade; à ideia de uma vida predestinada ao casamento e à maternidade contrapunha-se a ideia, também moderna, de cada sujeito deve escrever seu próprio destino, de acordo com a própria vontade. (Kehl, 2016, p. 38)

Desta forma, quanto mais o contexto social demandava progresso e autonomia do sujeito nas mais variadas formas, mais a mulher burguesa vienense tinha sua liberdade de escolha e autonomia sacrificadas. Sua posição política, seu modo de pensar e de se comportar eram estabelecidos em prol dos bons costumes da época. Assim, o padrão de conduta das mulheres já era, de tal modo, revelado na educação que recebiam, na literatura que tinham acesso e no meio em que conviviam. Estes costumes, passados de mães para filhas, resumiam a vida da mulher com base nos três K's (*Kinder, Kirsche e Küche*), ou seja, “criança, igreja e cozinha”⁴⁴. (Bertin, 1990) Desta maneira, para que o lar burguês funcionasse de modo a cumprir seu objetivo social eram necessários requisitos como: o cumprimento das obrigações dedicadas a

⁴³ A inserção das mulheres nas demais profissões tardaram a suceder. Bertin (1990) aponta que a primeira mulher doutora em física foi Elise Meitner (1878-1968), obtendo seu título de Doutora no ano de 1906. E a primeira doutora em química foi Margarete Janke-Garzuly (1897-1972), no ano de 1921. E no ano de 1934, Paula Embacher (1908-1996), a primeira mulher a formar-se em geodésia. Friederike Neumann foi a primeira mulher que defendeu seu doutorado em arquitetura. Como pode ser constatado, estes são exemplos de mulheres inseridas em profissões dominadas exclusivamente por homens.

⁴⁴ As “feministas” Auguste Fickert, Marie Lang e Rosa Mayreder (1899) apontaram que as mulheres burguesas, de modo geral, não se organizavam em grupos e quando faziam estas atividades eram restritas às igrejas ou às atividades beneficentes. Perrot (1998) reforçou esta informação relatando que a sociabilidade burguesa se resumia aos encontros nos grandes magazines, nos salões de chá e nas igrejas. Neste caso, podemos abrir um paralelo e refletir sobre a vivência destas mulheres nos magazines e suas relações de consumo. Perrot reforçou que os hábitos de compras destas mulheres se tornaram tão intensos que geraram no século XIX um alto índice de delinquência feminina nestes ambientes. Estas nas mais variadas formas poderiam ser as “mulheres da sociedade com obsessão pelas novidades” ou “operárias em busca de pequenos enfeites”. “Os psiquiatras analisaram extensamente a cleptomania delas como uma forma de histeria, expressão de uma sexualidade de substituição.” (Perrot, 1998, p. 40)

cada sujeito, a estabilidade emocional dos indivíduos de modo geral, e a simplificação nas relações. (Kehl, 2016)

Estabilidade e simplificação dos papéis eram necessidades psicológicas dos indivíduos que precisavam fortalecer suas personalidades para travar as batalhas requeridas pelos negócios e pela vida pública: daí a insistência na harmonia do lar, pelo qual a mulher deverá zelar sacrificando todos os componentes excessivos de sua “natureza”, caracterizada, acima de tudo, pela sexualidade. (Kehl, 2016, p. 58)

Todavia, diante da afirmação levantada por Kehl (2016) pressupõe-se que atributos como a espontaneidade, o descontrole e o desregramento eram de fato depreciados nesta sociedade. A sexualidade descomedida, por sua vez, também era um fator cujos seus mecanismos centrais colocariam em risco a estabilidade social. Contudo, a contenção do desejo da mulher juntamente com a sua sexualidade reforçou a hipótese de que a emergência de certas patologias, como a histeria⁴⁵; tão diagnosticada dentro dos lares burgueses, poderia ter as suas causas acoplada ao modo de ser burguês, ou seja, a histeria seria um sintoma bem localizado culturalmente. (Scull, 2009)

Desta forma, esta condição periférica atribuída as mulheres sustentou e deu subterfúgio à criação de determinadas patologias e, conseqüentemente, ao surgimento de novas teorias. As demandas trazidas por estas mulheres que estavam neste contexto e que buscavam pelos serviços de Freud nos permite de alguma forma captar a atmosfera psíquica desta sociedade onde a ordem e o progresso cumpriam uma agenda civilizatória. As mulheres atendidas por Freud estavam, por sua vez, inseridas dentro deste contexto, ou seja, como Kehl (2016) frisou, uma sociedade em desacordo ao o que se pregava do que se praticava. Assim, não era de se esperar que este ambiente pudesse gerar neuroses⁴⁶ e logo as patologias psicológicas dos tempos de Freud. Diante do cenário exposto, as mulheres em Viena, no período referido, se inscreveram em duas formas de alienação. A primeira a alienação no sentido político e a outra no sentido subjetivo. (Kehl, 2016)

Ao aceitar a posição do “Outro do discurso”, as mulheres renunciaram a falar por si próprias – renunciaram a se aproximar de uma das formas universais do

⁴⁵ Na próxima sessão, será abordado a questão da histeria.

⁴⁶ De acordo com o Dicionário de Psicanálise, o termo neurose foi cunhado em 1769 pelo médico William Cullen “para definir as doenças nervosas que acarretavam distúrbios de personalidade.” (Roudinesco; Plon, 1998, p.535) Logo, em 1785, o termo foi popularizado na França, por Philippe Pinel. E em 1893, Sigmund Freud utiliza o termo “para designar uma doença nervosa cujos sintomas simbolizam um conflito psíquico recalcado, de origem infantil.” (Roudinesco; Plon, 1998, p.535) Logo, com o desenvolvimento da psicanálise, o conceito também evoluiu, sendo subdividido entre histeria e neurose obsessiva. (Roudinesco; Plon, 1998)

falo, o *falo da fala* – e, durante quase todo o século XIX, deixaram de participar do que Freud chamou de “as grandes tarefas da cultura”, permanecendo socialmente invisíveis. Não se trata de negar a importância da maternidade nem de negar que a organização da vida doméstica confira um grande poder às mulheres (...). Trata-se de apontar para o fracasso de uma posição subjetiva que não produz discurso, da qual só se espera que corresponda ao que já está designado no discurso do Outro” (Kehl, 2016, p.57)

Assim sendo, é interessante compreender os aspectos sociais dos sintomas destas mulheres burguesas, que em sua maioria não vivenciaram suas questões mais profundas. Talvez neste ponto esteja o caminho da compreensão da histeria enquanto sintoma de uma sociedade na qual a mulher esteve sempre às margens. Estas neuroses foram cruciais para a criação e o desenvolvimento da psicanálise. A histeria, enquanto patologia predominantemente feminina revelou os sintomas sociais localizados em uma determinada época.

2.2. A histeria como uma condição patológica social no contexto da criação da psicanálise

No ano da criação da psicanálise (1902), a histeria era um diagnóstico bastante utilizado nos hospitais e nas clínicas médicas dos Estados Unidos e da Europa. Andrew Scull, um sociólogo especializado em História Social da medicina salientou em sua obra que “a histeria seria uma condição patológica com uma história médica e cultural fascinante e tortuosa.” (Scull, 2009, p.6) Ainda de acordo com o autor, por se tratar de uma patologia socialmente construída, a histeria mudou a sua forma ao longo dos séculos, sendo capaz de moldar os sintomas à cultura em que esta aparecia. (Scull, 2009)⁴⁷ Todavia, por se tratar de uma condição patológica acometida também por grande parte das pacientes mulheres de Freud, e estas por sua vez, foram cruciais para o desenvolvimento da psicanálise ainda em seus primórdios, faz-se necessário não apenas apresentar o supracitado conceito de histeria, mas principalmente evidenciar a histeria enquanto uma construção social médica localizada culturalmente, característica nos tempos de Freud.

⁴⁷ Os exemplos desta constatação foram abordados na obra de Scull (2009). Assim, a característica histérica pode ser observada através dos exemplos das bruxas na Idade Média, das histéricas atendidas por Jean-Martin Charcot (no Hospital Salpêtrière em Paris) e nos dias atuais, através dos quadros de anorexias diagnosticados pela psiquiatria. (Scull, 2009) É interessante pontuar que a partir do DSM-III (Diagnostic and Statistical Manual of Mental Disorders) a histeria foi retirada do manual e fragmentada em diversos diagnósticos (como transtorno de personalidade *borderline*, transtorno de personalidade múltipla, anorexia, doenças psicossomáticas, e assim por diante).

O termo histeria, originário da palavra grega *hystera*, significa útero, matriz. (Roudinesco, Plon, 1997) De acordo com o Dicionário de Psicanálise (1997), o termo é utilizado desde os tempos de Aristóteles (384 a.C – 322 a.C). A medicina antiga compreendia que a histeria era uma “doença orgânica, de origem uterina e, portanto, especificamente feminina, que tinha a especificidade de afetar o corpo em sua totalidade, por “sufocações da matriz””. (Roudinesco, Plon, 1997, p.338) Já durante a Idade Média, “As convulsões e as famosas sufocações da matriz eram consideradas a expressão de um prazer sexual e, por conseguinte, de um pecado”. (Roudinesco, Plon, 1997, p.338) Estes tipos de manifestações eram enxergadas como intervenções demoníacas infligidas às mulheres.

Embora a histeria foi uma patologia pouco compreendida entre a classe médica desde a antiguidade, é somente no final do século XIX que ela torna-se um diagnóstico mais utilizado pela psiquiatria. (Ellenberger, 1970) O primeiro grande tratado moderno sobre a histeria foi desenvolvido pelo médico francês Pierre Briquet⁴⁸ e publicado no ano de 1859. Em sua investigação de dez anos, Briquet pesquisou 430 pacientes histéricas e encontrou a histeria feminina na proporção de 19 para cada 20 casos investigados. Outras características interessantes que Briquet verificou em sua pesquisa foi que a maioria das mulheres diagnosticadas com histeria pertenciam às classes sociais mais baixas, que a crise geralmente ocorria no período da vida da mulher entre o puerpério e a menopausa, e que a crise, propriamente dita, ocorria na presença de outra pessoa, permitindo com que alguém pudesse “salvar” esta mulher. (Ellenberger, 1970)

Logo, o médico francês Jean Martin Charcot (1825-1893)⁴⁹ retomou o trabalho de Briquet no Hospital Salpêtrière⁵⁰. Como Briquet, Charcot compreendia que a histeria tinha sua etiologia localizada no cérebro. (Ellenberger, 1970) Para o médico, a doença era uma desordem do sistema nervoso, excluindo a ideia de que a histeria era uma disfunção dos órgãos reprodutores femininos e que a mesma funcionava como mecanismos reais e somáticos⁵¹. (Scull, 2009) Neste contexto, Charcot realizou um extenso trabalho de observação descritiva

⁴⁸ Paul Briquet (1796 – 1881) foi um médico francês que atuou no tratamento da histeria. No ano de 1859, publicou o livro *Traité clinique et thérapeutique de l’Hystérie*. Briquet foi o responsável pelo departamento de pacientes histéricos no Hôpital de la Charité in Paris, onde a partir de seu trabalho desenvolveu o seu tratado sobre a histeria. (Ellenberger, 1970)

⁴⁹ Jean Martin Charcot ocupou uma cátedra em neuropatologia no Hospital Salpêtrière entre os anos de 1881 e 1893. Foi também professor nas disciplinas Anatomia patológica e Doenças do sistema nervoso na Faculdade Médica de Paris. (Roudinesco, Plon, 1997)

⁵⁰ No século XIX, havia duas principais vertentes psiquiátricas na Europa que poderia se dividir entre a escola francesa de psiquiatria e a escola alemã de psiquiatria. (Caponi, 2012)

⁵¹ De acordo com Scull (2009), Charcot foi treinado em uma tradição médica clínica-patológica, que emergiu dos hospitais em Paris ainda no começo do século XIX.

dos sintomas das pacientes histéricas internadas no Hospital Salpêtrière. (Scull, 2009) Freud (1886)⁵² salientou que Charcot centralizou o seu trabalho quase por completo nas neuroses, mais especificamente na histeria. Seu método de tratamento se baseava em hipnose e uma descrição do corpo neurológico (Caponi, 2012), e utilizava o método de supressão ou o toque das zonas histeriogênicas, ou seja, no ovário (hiperestesia ovariana), nos casos das mulheres e, nos casos masculinos, os testículos.⁵³ De todo modo, podia-se observar modificações nos sintomas, que não eram, necessariamente, uma modificação para melhor⁵⁴. (Scull, 2009)

Os sintomas da histeria podiam ter várias formas. Entre eles, os mais comuns eram a perda da visão, surdez ou mudez temporárias, tiques nervosos, afonia, compulsões, crises de choro ou risos, aumento na sensibilidade cinestésica, ataques de fome, sensações de estrangulamento, alucinações, sonambulismo, contorções corporais e convulsões. (Hustvedt, 2011) Outra característica interessante na histeria era a teatralidade na forma de agir destas mulheres. (Hustvedt, 2011) De fato, a crise histérica tratada por Charcot não era simplesmente uma enfermidade, mas objetos de verdadeiros espetáculos onde os interesses em assisti-los vinham não apenas da classe médica da época, mas também de artistas, escritores e mesmo de pessoas curiosas em relação ao fenômeno. (Hustvedt, 2011)

Um outro componente evidente nos sintomas histéricos eram as performances sintomáticas em alusão aos componentes sexuais do corpo, como o exemplo da posição conhecida como o “arc de cercle” onde a posição da mulher evidenciava seus órgãos sexuais. Charcot fez um levantamento das fases observadas durante um crise histérica levando a reflexão sobre o conteúdo sexual latente encontrados na sintomatologia histérica. (Scull, 2009)

A imagem abaixo evidencia como funcionavam as sessões de hipnose que Charcot realizava com as pacientes histéricas. Charcot tinha o hábito de fotografar e convidar pintores para registrar as sessões. (Scull, 2009) Nesta pintura, é interessante observar como a mulher

⁵² No ano de 1885, Sigmund Freud recebeu uma bolsa de estudos para realizar uma pesquisa no Hospital Salpêtrière onde teve a oportunidade de acompanhar de perto o trabalho desenvolvido por Charcot. De acordo com seu relato no *Relatório sobre os meus estudos em Paris e Berlim* (1886), Freud revelou que seu interesse inicial era estudar a anatomia do sistema nervoso.

⁵³ Os três principais nomes da psiquiatria dinâmica na França nesse período foram: Martin Charcot, que atuou no Hospital Salpêtrière e utilizou-se da hipnose enquanto método terapêutico no tratamento dos pacientes psiquiátricos. Pierre Janet (1859-1947), que trabalhou com Charcot no Hospital Salpêtrière e utilizou o *rapport*, evidenciando a relação entre médico e paciente. Hyppolite Bernheim (1840-1919), pertenceu à Escola de Nancy que utilizou a sugestão e a hipnose enquanto métodos. (Berg, 1970)

⁵⁴ Charcot descreveu em fases como a histeria funcionava: A primeira baseava-se em uma fase “epileptoide”, onde a paciente tinha uma série de convulsões. A segunda Charcot nomeou-a de “Clownisme”, seguindo de movimentos estranhos, contorções, gritos e risos, e em alguns casos movimentos como o arc-en-cercle. Na terceira fase, algumas pacientes tinham alguns comportamentos que Charcot chamou de “attitudes passionelles”, onde a paciente se posicionava como se estivesse sendo crucificada ou mesmo em posições orgásticas. E por último, uma fase de delírio, onde a paciente poderia ter alucinações. (Didi-Huberman, 2003; Scull, 2009; Hustvedt, 2011)

era, de fato, um objeto do discurso médico, ou seja, passiva dentro deste contexto, enquanto os homens observavam a emergência de seus sintomas. Na sala de Charcot, observa-se ao fundo o retrato de uma histérica em crise, que Charcot nomeou de fase de contorção. Na figura, a mulher se contorce de tal forma a evidenciar seus órgãos sexuais, sugerindo haver um elemento de cunho sexual nos sintomas histéricos. (Scull, 2009)



Figura 3: André Brouillet (1857 – 1914), *A Clinical Lesson at the Salpêtrière* (1887). Oil on canvas. Musée d'histoire de la médecine, Paris. Fonte: *Medical Muses: Hysteria in Nineteenth Century*. A paciente da foto é Marie Blanche Wittmann (1859 – 1913)⁵⁵, conhecida como a “Rainha das Histéricas” devido a sua alta performance histérica durante as sessões com Charcot. (Scull, 2009) Como pode ser observado, a imagem mostra Wittmann apoiada pelo assistente de Charcot, Joseph Babinski (1857 – 1932). Na posição em que ela se encontra, sua pélvis aparece enfatizada tanto quanto os seus seios, pouco cobertos pela blusa. Seu rosto está contraído como se estivesse em estado orgástico. (Scull, 2009) O quadro ao fundo da sala mostra uma histérica exibindo a posição “arc-de-cercle”.



⁵⁵ Wittman foi internada no Hospital Salpêtrière no ano de 1878 e permaneceu no Hospital por 16 anos. Após a sua saída, Wittman foi assistente de laboratório de Marie Curie (1867 – 1934). (Scull, 2009)

Figura 4. Este movimento foi identificado em várias das pacientes diagnosticadas com histeria por Charcot, chamado de *arc-de cercle*. O médico nomeou esta fase da crise histérica de fase de contorções. Fonte: Scull, 2009, p.117.

Todavia, este fator da teatralidade constatado no comportamento histérico deu margem para sustentar a ideia de que a histeria seria um conjunto de comportamentos dissimulados pelo portador da patologia com o intuito de constranger os familiares e o próprio médico. (Scull, 2009) Outras hipóteses apontaram para a ideia de que a histeria seria nada mais do que o sintoma de uma sociedade que reprimia seus impulsos sexuais mais profundos. (Scull, 2009) Neste sentido, Scull (2009) levantou em seu livro os seguintes questionamentos: “A histeria seria real, fictícia, somática ou psicológica? Poderia esta constituir em um idioma não dito de protesto, uma voz simbólica do sexo silenciado, cujo eram proibidas de verbalizar seus descontentes, e assim criaram uma linguagem do corpo?” (Scull, 2009, p.7)

De todo modo, como mencionado acima, a histeria foi por muito tempo uma patologia pouco compreendida entre os médicos e seu diagnóstico era comumente adotado quando não restavam outras possibilidades. Com estes componentes instaurados em seu âmago, a histeria foi marginalizada no sentido em que esta vinha carregada de elementos desconhecidos e logo, de ameaças ao suposto e absoluto saber médico. (Scull, 2009) O ato de se classificar uma mulher como histérica, por sua vez, não dizia respeito apenas à uma definição médica, mas a um conjunto de prerrogativas, operações e tratamentos que eram impostos ao objeto (no caso, à mulher histérica) uma vez assim classificado. Portanto, a naturalização dos supostos conceitos científicos, como a naturalização de um diagnóstico era também parte de uma normatização e logo um endossamento de uma determinada sociedade. A categoria “histeria”, no caso estudado, foi tanto uma classificação em psicopatologia quanto uma normatização/ patologização cujas consequências práticas foram refletidas de volta sobre o objeto conceitualizado. Há portanto, neste caso, ao normalizar a histeria enquanto “patologia incompreendida” pela classe médica, e logo uma banalização do diagnóstico, um movimento de reforçar o lugar da mulher considerada “fora dos padrões” almejados por esta sociedade. Portanto, ao naturalizar a histeria, reforçou-se a posição da mulher enquanto objeto à serviço da regulamentação e padronização social.

Sigmund Freud, por sua vez, em suas formulações sobre as neuroses, classificou-as entre “neuroses atuais” e “psiconeuroses”. As “neuroses atuais” subdivididas entre “neurastenia” e “neurose de angústia”. E as “psiconeuroses” subdivididas entre “histeria” e “neurose obsessiva”. (cf. Freud, 1894, 1896) Logo a divisão social do trabalho taxonômico das

psicopatologias foram estruturadas de modo a sugerir que a mulher seria mais propensa a desenvolver a “histeria”⁵⁶, enquanto o homem mais propenso a “neurose obsessiva”^{57,58}. (Appignanesi; Forrester, 2010) Os autores de *As Mulheres de Freud* já haviam assinalado esta divisão:

Para explicar ambas as principais psiconeuroses com um fator causal específico, a sedução sexual na infância, Freud fez a distinção entre experiências sexuais pré-púberes desagradáveis – “isto é, - de natureza passiva” -, causadoras da histeria, e experiências prazerosas (seja uma experiência ativa, no caso dos garotos, seja passiva, no caso das garotas), causadoras de neurose obsessiva. “A natural passividade sexual das mulheres explica o fato de elas serem mais propensas à histeria” (carta de Freud a Fliess). Está montado o cenário para uma divisão sexual do trabalho entre as neuroses: os homens são mais propensos a ter sintomas de culpa, autorrecriminação, conscienciosidade escrupulosa e pensamentos assustadores compulsivos; as mulheres são mais propensas a sentir medo, fugir com repugnância do aflorar de uma lembrança carregada de desejo, a reagir com vergonha e repulsa às próprias produções mentais. (Appignanesi; Forrester, 2010, pp. 575-576)

Portanto, se o mecanismo central dos sintomas da neurose obsessiva apareciam através de mecanismos mentais, no caso da histeria, classificada como uma neurose de conversão, se manifestava através dos domínios corporais. Desta forma, a própria classificação das psicopatologias evidenciou a patologia da mulher como passiva e a do homem como ativo. (Appignanesi, Forrester, 2010)

Desta forma, se a normalização do diagnóstico “histeria” endossou a posição da mulher passiva e, portanto, às margens, alguns casos observados na literatura psicanalítica revelaram a desobediência de algumas mulheres a estes arranjos. O exemplo mais interessante que corrobora esta afirmação é o caso da Srta. Anna O. (Bertha Pappenheim 1859-1936), paciente de Josef Breuer⁵⁹ descrito nos *Estudos sobre a Histeria* (1895), obra produzida por Breuer e Freud. Anna O., diagnosticada inicialmente com histeria, logo encontrou na redação de contos infantis a melhoria de seus sintomas. Anna tornaria-se um paradigmático caso onde ocorreu um desenrolar dos sintomas histéricos ao engajamento em causas sociais e políticas. Líder do

⁵⁶ Os casos clínicos mais famosos na obra freudiana foram: Srt. Anna O., Sra. Emmy von N., Miss. Lucy R., Katharina e Srta. Elisabeth von R., e o caso Dora. Estes casos foram publicados nos trabalhos *Estudos sobre a Histeria* (1885) e *Fragmento da Análise de um caso de Histeria* (1905).

⁵⁷ De acordo com o *Dicionário de Psicanálise*, a neurose obsessiva “tem como origem um conflito psíquico infantil e uma etiologia sexual caracterizada por uma fixação da libido no estágio anal. No plano clínico, manifesta-se através de ritos conjuratórios de tipo religioso, sintomas obsedantes e uma ruminação mental permanente, na qual intervêm dúvidas e escrúpulos que inibem o pensamento e a ação.” (Roudinesco, Plon, 1997, p. 538)

⁵⁸ O caso clínico clássico de neurose obsessiva desenvolvido por Freud foi o “homem dos ratos” explorado através do trabalho *Notas sobre o caso de neurose obsessiva* (1909).

⁵⁹ Josef Breuer (1842 – 1925) foi um médico e fisiologista austríaco que influenciou Freud.

movimento feminista de Viena, criou uma escola para garotas judias e logo tornou-se assistente social. (Appignanesi; Forrester, 2010)

Anna O. (Bertha Pappenheim) não foi o único caso conhecido na psicanálise onde esta mudança sintomática ocorreu. Os casos de ex-pacientes histéricas que se tornaram psicanalistas, como Sabina Spielrein, (paciente de Carl Gustav Jung) e Emma Eckstein (1865-1924) (paciente de Sigmund Freud), são especialmente paradigmáticos porque ilustram um processo progressivo de subversão nos campos prático e teórico. Eckstein após seu tratamento passou a se interessar por psicanálise e foi a primeira mulher na história da psicanálise a aceitar pacientes sob a supervisão de Freud. (Pinheiro; Vianna, 1991; Plon; Roudinesco, 1997). Posteriormente, se voltou para os assuntos relacionados a emancipação das mulheres, escrevendo o artigo *Vorbereitung der Frau zur Lebensarbeit e Dienstmädchen als mutter* (1899). Em 1904, publicou um texto sobre *A questão da sexualidade na educação das crianças*⁶⁰, onde utilizou a teoria freudiana como parâmetro⁶¹. (Bertin, 1990, p.119)

Todavia, ao tentar relacionar as pacientes histéricas ao seu conteúdo terapêutico, quer dizer, ao seu desenrolar sintomático, um outro olhar torna-se oportuno. A neurose feminina evidenciou o sintoma de uma época. Neste caso, a histeria pode ser compreendida como o símbolo de subversão de uma sociedade e, logo, de sua cultura. A necessidade de subverter um papel imposto pela sociedade foi traduzida através da neurose instaurada no corpo feminino. De acordo com Assoun (1993):

A hística, o exemplo mais eminente da mulher enquanto sintoma da cultura, é aquela que denuncia através de seu sintoma uma das causas de sua infelicidade: uma civilização demasiadamente fálica que se opõe a seu querer feminino, ou pelo excesso (supervalorização sexual) ou pela falta (depreciação amorosa). A recusa à feminilidade imposta pela civilização, seja por processos claros ou sutis de repressão, neurotiza a mulher, restando a esta apenas encarnar o negativo neurótico da perversão de seu duplo masculino. (Assoun, 1993, p. 13)

Sendo assim, se a naturalização do diagnóstico hístico endossou a marginalização da mulher hística nesta sociedade, a narrativa tradicional elaborada também sustentou o lugar das mulheres na psicanálise como pacientes histéricas. Neste caso, pode-se pensar que há uma uniformidade entre o lugar da ordem discursiva e a narrativa tradicional, onde em ambos os casos a posição da mulher na psicanálise foi construída através de uma norma subordinativa.

⁶⁰ Título original em alemão, *Die Sexualfrage in der Erziehung des Kindes* (1904).

⁶¹ De acordo com Roudinesco e Plon (1997), Emma Eckstein produziu artigos até 1905 e após isso, viveu solitária em um cômodo repleto de livros. Morreu em 1924 de apoplexia cerebral.

Posto isto, o objeto da próxima sessão é a participação das mulheres na história da psicanálise, como psicanalistas e produtoras de conhecimento e teoria. Com o intuito didático, abordaremos parte das histórias das primeiras psicanalistas e suas contribuições à história da psicanálise.

2.3. As mulheres enquanto produtoras do conhecimento psicanalítico

No ano de 1992, a escritora britânica Lisa Appignanesi e o historiador da psicanálise John Forrester publicaram uma obra seminal sobre as mulheres de Freud⁶². Na obra mencionada os autores estruturaram a relação das mulheres envolvidas com a criação da psicanálise nos mais diversos aspectos. As pacientes, amigas, familiares de Freud, as interessadas em psicanálise e aquelas que logo se tornaram psicanalistas são apresentadas no decorrer do livro. No entanto, o que se pretende com esta sessão é apresentar ao leitor não apenas quem eram as mulheres durante o período da criação da psicanálise, mas quais foram suas contribuições e como elas influenciaram, através do ser mulher, as teorias criadas dentro desta escola de pensamento.

A primeira Sociedade Psicanalítica de Viena era composta por homens da elite intelectual de Viena, em sua maioria judeus. Os primeiros membros foram, além de Freud, Wilhelm Stekel (1868-1940)⁶³, Alfred Adler (1870-1937)⁶⁴, Max Kahane (1866-1923)⁶⁵ e Rudolf Reitler (1865-1917)⁶⁶. A partir de 1903, novos membros juntaram-se ao grupo de Freud, sendo eles: Max Graf (1873-1958)⁶⁷, Hugo Heller (1870-1923)⁶⁸, Alfred Meisl (1868-1942)⁶⁹, Paul Federn (1871-1950)⁷⁰, Eduard Hitschmann (1871-1957)⁷¹, Isidor Sadger (1867-1942)⁷²,

⁶² Freud's women (1992). Traduzido em português como As Mulheres de Freud (2010).

⁶³ Wilhelm Stekel foi um psiquiatra austríaco e um dos primeiros seguidores de Freud. Stekel viveu alguns meses no Rio de Janeiro, a convite do médico professor Antônio da Silva Melo. (Pinheiro, Vianna, 1991)

⁶⁴ Alfred Adler foi um psicólogo austríaco criador da psicologia individual.

⁶⁵ Max Kahane foi um médico psicanalista romeno.

⁶⁶ Rudolf Reitler foi um médico psicanalista austríaco. Conheceu Freud ao assistir suas aulas na Universidade de Viena. (Pinheiro, Vianna, 1991)

⁶⁷ Max Graf foi um crítico de música austríaco. Ficou conhecido por ser pai do Pequeno Hans, inspiração para as discussões relatadas no livro Análise de uma fobia em um menino de cinco anos. (1909)

⁶⁸ Hugo Heller foi um jornalista húngaro.

⁶⁹ Alfred Meisl foi um médico tcheco. Morreu no campo de concentração nazista Theresienstadt.

⁷⁰ Paul Federn foi um médico vienense, membro do Partido Social Democrata Austríaco. Federn foi analista do poeta Rainer Maria Rilke, de Wilhelm Reich, Otto Fenichel e Edward Weiss. Durante suas atividades políticas, Federn esteve envolvido em projetos de melhoria ao atendimento da gestante e orientação familiar. Sua mãe, Ernestine Spitzer, foi militante no movimento pela emancipação das mulheres. (Pinheiro, Vianna, 1991)

⁷¹ Eduard Hitschmann foi um médico austríaco.

⁷² Isidor Isaak Sade foi um neurologista austríaco. Morreu no campo de concentração nazista Theresienstadt.

Guido Brecher (1877-1942)⁷³, Maximilian Steiner (1874-1942)⁷⁴, Fritz Wittels (1880-1950)⁷⁵ e Otto Rank (1884-1939)⁷⁶, que após ser nomeado secretário da sociedade, passou a registrar as atas das discussões sendo estas publicadas em jornais de referência do campo médico anos mais tarde. (Chemouni, 1990)

Embora no princípio a Sociedade Psicanalítica de Viena contasse apenas com a participação de homens, Freud teve diversas alunas de prestígio interessadas em conhecer mais sobre a psicanálise. Ainda no ano de 1885, a ativista política Emma Goldman (1869-1940)⁷⁷ foi uma das primeiras mulheres a participar dos cursos de Freud. (Appignanesi, Forrester, 2010) A ginecologista Dora Teleky (1879-1963)⁷⁸ e as médicas vienenses Gisela Kaminer (1883-1941)⁷⁹ e Clara Hönigsberg (1879-1942)⁸⁰ também foram mulheres de grande importância em suas áreas que se envolveram de alguma forma com a psicanálise. (Appignanesi, Forrester, 2010)

Todavia, Freud edificava suas teorias apoiado nas discussões estabelecidas entre seus discípulos e discípulas, e na observação clínica de seus pacientes. Assim, a psicanálise foi uma escola de pensamento constituída através das relações intelectuais entre Freud e seus adeptos. Os discípulos de Freud foram inúmeros, alguns foram fiéis a Freud, outros nem tanto. Outros desassociaram-se de Freud e criaram suas próprias escolas, como os casos de Alfred Adler, que criou a psicologia individual, e Carl Jung, criador da psicologia analítica. (Appignanesi, Forrester, 2010)

As mulheres que logo tornaram-se psicanalistas vieram de diversas partes da Europa e eram também, em sua maioria, judias. Sendo mulheres, tiveram que fazer o caminho de formação intelectual de forma solitárias. (Richebächer, 2012) Foram também, de certa maneira, limitadas aos trabalhos com crianças e mulheres.

As áreas específicas do conhecimento nas quais as mulheres começam a ter influência decisiva são a pedagogia psicanalítica, a investigação da relação entre mãe e filho, o desenvolvimento prático e a reflexão teórica sobre os métodos de tratamento infantil, bem como a aplicação da psicanálise em

⁷³ Guido Brecher foi um médico austríaco. Morreu no campo de concentração nazista (*Ghetto Zamość*).

⁷⁴ Maximilian Steiner foi um médico dermatologista e especialista em doenças sexuais.

⁷⁵ Fritz Wittels foi um médico austríaco. Sobrinho de Isidor Sadge. (Pinheiro, Vianna, 1991)

⁷⁶ Otto Rank foi um psicanalista austríaco. Sua obra mais famosa é *O traumatismo do nascimento* (1924). (Chemouni, 1990)

⁷⁷ Emma Goldman foi uma ativista nascida na Lituânia que teve um papel fundamental no movimento anarquista norte americano.

⁷⁸ Dora Brücke Teleky foi uma ginecologista e a primeira urologista mulher associada à *Deutsche Gesellschaft für Urologie*.

⁷⁹ Gisela Kaminer foi uma médica, bioquímica que participou do movimento feminista de Viena.

⁸⁰ Klara Scherer-Hönigsberg foi uma médica vienense especialista em clínica médica.

jardins de infância, escolas e na pedagogia familiar. Outra área na qual as mulheres têm sucesso é a investigação da psicologia feminina. (Richebächer, 2012, p.195)

Todavia, de acordo com Appignanesi e Forrester (2010), o trabalho analítico seria melhor desempenhado pelas mulheres. Desta forma, o olhar feminino nas mais diversas posições formaram a essência do pensamento psicanalítico.

2.3.1. Margarete Hilferding

A primeira mulher a fazer parte da Sociedade Psicanalítica de Viena foi Margarete Hönigsberg Hilferding no ano de 1910. Nascida em Viena em 1871, no seio de uma família judia, Margarete foi contemporânea de importantes intelectuais vienenses, como os compositores Gustav Mahler (1860-1911) e Arnold Schoenberg (1874-1951), o pintor Gustav Klimt (1862-1918), o médico Arthur Schnitzler (1862-1931), entre outros. (Pinheiro; Vianna, 1991) De acordo com as psicanalistas Teresa Pinheiro e Helena Besserman Vianna (1991), a infância de Margarete foi marcada por episódios presenciados de manifestações contra os judeus⁸¹, fato este que teria influenciado as motivações de sua militância na vida adulta.

Em relação à formação educacional de Margarete, inicialmente a psicanalista obteve o título de formação de professores de Viena em 1898 (Lehrerinnenbildunganstalt), mas logo, entre os anos de 1898 e 1900, Margarete estudou filosofia e, entre os anos de 1900 e 1901, transferiu seus estudos para a Universidade de Medicina (ambos os cursos foram cursados na Universidade de Viena). Deste modo, Margarete recebeu o título de doutora no ano de 1903, sendo então considerada uma das primeiras mulheres médicas de Viena. (Pinheiro; Vianna, 1991) O trajeto educacional feito por Margarete também nos interessa, ao passo que pode-se refletir sobre a limitação de escolhas profissionais em que as mulheres vivenciavam neste período. Margarete relatou que, pelo fato de ser judia e mulher, somente lhe “era possível estudar Medicina ou Filosofia e que o fez porque desejava se encaminhar para o estudo das ciências naturais”. (Hilferding, 1911, p. 30, In: Pinheiro; Vianna, 1991)

⁸¹ A quebra da Bolsa de Valores de Viena em 1873 gerou uma série de consequências econômicas, tendo os judeus sido perseguidos e culpabilizados injustamente pela depressão econômica que assolou diversos países. Neste mesmo período, os judeus eram acusados impropriamente de cometerem assassinatos com propósitos de rituais religiosos. Em 1879, o jornalista alemão Wilhelm Marr criou o termo anti-semitismo em sua obra *A vitória do judaísmo sobre o germanismo* (*Der Sieg des Judenthums über das Germanenthum*). Em 1881, em Pressburg (cidade próxima a Viena), ocorreu diversos ataques a sinagogas, estabelecimentos e propriedades de judeus. (Pinheiro; Vianna; 1991) Desta forma, estes foram alguns dos episódios vivenciados e sentidos por Margarete em seus primeiros anos de vida.

Convidada por Alfred Adler (1870-1937) a participar do grupo de Freud, Margarete logo faria parte da lista dos dissidentes de Freud. Sua única obra psicanalítica, intitulada “As bases do amor materno”, foi apresentada aos membros da sociedade no dia 11 de janeiro de 1911. (Pinheiro; Vianna, 1991) Embora sua contribuição à psicanálise tenha se baseado no trabalho citado, Margarete logo se envolveu com a política, participou do movimento socialista estudantil, casou-se com o marxista austríaco Rudolf Hilferding (1877-1941)⁸², e viveu toda sua vida militando na causa socialista. (Pinheiro, Vianna, 1991) Margarete e Rudolf tiveram dois filhos: Karl Emil (nascido em 1915) e Peter (nascido em 1918)⁸³, porém se divorciaram em 1924. (Pinheiro, Vianna, 1991)

Como a maioria das mulheres psicanalistas, que tiveram seus trabalhos voltados para questões relacionadas à mulher e à infância, com Margarete não foi diferente. O ponto central de seu trabalho psicanalítico foi a relação entre o nascimento do bebê e o suposto amor materno inato em todas as mulheres. (Hilferding, 1911) No referido trabalho, Margarete articulou a relação entre os fatores fisiológicos e psicológicos envolvidos na maternidade e reforçou que não há amor inato e sim um sentimento construído, através da relação física entre a mãe e o bebê. (Hilferding, 1911, In Pinheiro; Vianna, 1991) Outro ponto sustentado em seu trabalho foi a afirmação de que “o bebê representa para a mãe um objeto sexual natural.” (Hilferding, 1911, p.17, In Pinheiro; Vianna, 1991) Estes argumentos deram o crédito do pioneirismo ao trabalho de Margarete. De acordo com Pinheiro e Vianna (1991), esta ocasião foi a primeira vez que os membros do grupo de Freud abordaram um tema relacionado ao amor materno, sendo este discutido ao lado de uma mulher⁸⁴.

Todavia, ser mulher em um ambiente intelectual onde os homens, de modo geral, não estavam habituados a conviver com suas colegas do sexo oposto, vislumbrando-as como iguais, não era uma tarefa simples. Muitas questões levantadas de caráter antagônico ao propósito de emancipação das mulheres foram identificadas durante o período que Margarete permaneceu na Sociedade Psicanalítica de Viena. Nestas circunstâncias, pôde-se constatar alguns episódios onde estes pontos ficaram mais explícitos: o primeiro ocorreu durante a votação entre os membros da sociedade para a permissão da entrada de mulheres, onde ocorreram dois votos

⁸² Rudolf Hilferding (1877-1941) foi um médico vienense marxista, líder do partido Social Democrata durante a República de Weimar, tendo se tornado ministro da Fazenda. Foi detido e morto pela Gestapo. Sua obra mais importante foi o *Capital Financeiro* (1910). (Appignanesi, Forrester, 2010).

⁸³ Os quatro membros da família foram vítimas fatais do regime nazista. (Pinheiro, Vianna, 1991)

⁸⁴ Ainda de acordo com Pinheiro e Vianna (1991), o trabalho de Margarete foi por muitos anos abandonado dentro da psicanálise “ortodoxa”.

contra a admissão de uma mulher e uma abstenção⁸⁵. O segundo episódio ocorreu quando Wilhelm Stekel (1868-1940) apresentou a conferência intitulada “A escolha de profissão e neurose”, trazendo em seu discurso uma narrativa simplista e hostil em relação às motivações femininas nas escolhas das profissões. E a resposta de Viktor Tausk (1879-1919) onde este revelou preconceitos ao apontar a relação entre médicas e a homossexualidade. E, por fim, quando Fritz Wittels (1880-1950) apresentou a conferência intitulada “Mulheres Médicas”, onde demonstrou ser contra qualquer tipo de movimento de aproximação à emancipação da mulher⁸⁶. (Pinheiro; Vianna, 1991) Durante a reunião mencionada, após a apresentação de Stekel e à réplica de Tausk, Hilferding discordou dos colegas e relatou sobre sua escolha pessoal em estudar medicina.

Antes de mais nada, insatisfação com a profissão não significa, de forma alguma, especial peculiaridade do neurótico. (...) No que se refere à Medicina, posso até aceitar boa parte do que foi dito por Stekel. Entretanto é preciso acentuar que nos dias de hoje, muito frequentemente, grande parte dos médicos escolhe determinada especialização, não tanto por inclinação, mas por receber relevante empurrão ou proteção. Eu, por exemplo fui estudar medicina quase por acaso, fora de razões puramente práticas. (...) Sem discutir a afirmação de que de início eram principalmente as mulheres neuróticas que buscavam ter profissão, gostaria de deixar bem claro que atualmente, em verdade, nem a dedicação à profissão nem a escolha específica de um ofício é livre para ninguém, muito menos para as mulheres. No meu caso, por exemplo, só me era possível estudar medicina ou filosofia, por ser mulher e judia. (Hilferding, 1911, In: Pinheiro; Vianna, 1991, p.36)

Desta forma, pode-se refletir sobre como Margarete enquanto a primeira mulher em um grupo predominantemente masculino presenciou as mais diversas formas de androcentrismo existentes em sua época. Ainda de acordo com Pinheiro e Vianna (1991), havia uma tendência entre os psicanalistas vienenses ao redor de Freud a pensarem que a mulher deveria permanecer nos limites endereçados às mulheres, ou seja, crianças, cozinha e igreja (*Kinder, Küche e Kirche*), caso contrário eram julgadas como “degeneradas, loucas, homossexuais” (Pinheiro;

⁸⁵ É interessante frisar que nesta mesma reunião, ocorreu a votação para a admissão junto à Sociedade Psicanalítica de Viena de Margarete Hilferding e Ludwig Jekels (1867-1954). Enquanto Margarete teve dois votos contra e uma abstenção, Jekels teve todos os seus votos à seu favor. (Pinheiro; Vianna, 1991)

⁸⁶ O texto *Mulheres Médicas* (*Weibliche Ärzte*) publicado na obra *Die Sexuelle Not* (A necessidade sexual) (1909) revelou o mais eloquente discurso difamatório em relação as mulheres médicas. Embora o texto original tenha sido consultado na íntegra, o trecho abaixo foi retirado da obra de Pinheiro e Vianna (1991). De acordo com as psicanalistas: “Wittels considera que a verdadeira profissão da mulher é atrair os homens.” (Pinheiro; Vianna, 1991, p.66) “Quando muito, por injunções sociais, a mulher pode, em sua opinião, ser professora. Entretanto, quando decide ser médica, o faz para seguir seu desejo. Que desejo? Inicialmente, o de sobrepujar outras mulheres e, disfarçadamente, obter oportunidade de visualizar os órgãos genitais masculinos...A mulher que estuda medicina (...) quanto mais histérica for, melhor estudante será, pois a histérica desvia seu impulso sexual com relação ao seu objetivo sexual. Ela pode ser tão imoral quanto gosta, sem precisar ficar envergonhada. Entre outras considerações, afirma que a mulher médica, de modo geral, não pode se casar e ter vida familiar normal.” (Wittels, 1909, p.66)

Vianna, 1991, p.37), ou aquelas que queria ter uma profissão, eram taxadas de neuróticas, como contestado por Hilferding ao discurso de Stekel. (Pinheiro; Vianna, 1991)

Margarete Hilferding permaneceu como membra da Sociedade Psicanalítica de Viena entre 1910 e 1911, participando ao todo de 29 reuniões científicas. (Pinheiro, Vianna, 1991) Após sua saída da sociedade, tornou-se membra da Sociedade para a Psicologia Individual de Viena, fundada por Alfred Adler. Após a grande guerra, assumiu o cargo de presidente da sociedade. O foco de trabalho de Margarete junto ao grupo de Psicologia Individual era voltado às questões sociais, muitas delas em demanda das consequências do pós-guerra. Desta forma, grande parte de seu trabalho estava direcionado às atividades educacionais, aos serviços de assistência social para famílias necessitadas, que incluíam “consultas pré-matrimoniais, orientação a grávidas e informações sobre puericultura” (Pinheiro, Vianna, 1991, p.73) Além de seu trabalho social, Margarete publicou diversos artigos, ministrou palestras e cursos sobre Psicologia Individual. O artigo publicado no ano de 1926, “Controle de natalidade”⁸⁷, evidencia “a importância do desejo da mulher em ter um filho para que se instalem os movimentos maternos amorosos, que, ao lado de boas condições sociais, contribuirão para o desenvolvimento do bebê.” (Hilferding, 1926, *apud* Pinheiro, Vianna, 1991, p. 74) Alguns outros trabalhos de Margarete foram: “Mulheres e a Psicologia Individual” (1932), “Fuga do casamento” (1934), “O psicólogo individual como médico escolar” (1935), “Casamento e crise” (1935) e “Pontualidade” (1936). (Pinheiro, Vianna, 1991) Ainda nos anos de 1935 e 1936, Margarete apresentou as conferências “Ideias de Psicologia Individual sob o ponto de vista de um médico de crianças” (1935) e “A vida humana sob o ponto de vista da psicologia individual e da psicologia experimental” (1936). (Pinheiro, Vianna, 1991)

Margarete Hilferding morreu no campo de concentração nazista Theresienstadt, no ano de 1942, aos 71 anos, assassinada pelo regime de Adolf Hitler (1889-1945). Suas principais causas basearam-se na tríade: “patriotismo, socialismo e nação judaica”. (Pinheiro; Vianna, 1991, p.27)

2.3.2. Hermine Hug-Helmuth

No ano em que Margarete Hilferding desligou-se da Sociedade Psicanalítica de Viena, Sabina Spielrein juntou-se ao grupo de Freud e logo após a adesão de Sabina, no ano de 1913, a vienense Hermine Hug von Hugenstein associou-se ao grupo, sendo então a terceira mulher

⁸⁷ *Geburterregelung.*

aceita no círculo freudiano. Nascida em 31 de agosto de 1871, Hermine foi uma das poucas mulheres não judia envolvidas com a psicanálise (Appignanesi, Forrester, 2010).⁸⁸

Hug-Hellmuth estudou o magistério e formou-se como professora primária e secundária, obtendo seu doutorado em física na Universidade de Viena, no ano de 1909. (Appignanesi; Forrester, 2010) O primeiro contato que Hermine teve com a psicanálise foi através do psicanalista Isidor Sadge⁸⁹, amigo de Hermine que a apresentou à Freud. Em sua experiência clínica, Hug-Hellmuth foi analista de Sadge por um período. (Appignanesi; Forrester, 2010)

O foco de trabalho de Hermine foi a relação entre psicanálise e educação, interesse que ocorreu devido sua formação como professora. Um mérito pouco mencionado na história da psicanálise foi o fato de Hermine ter sido a primeira psicanalista a compreender o potencial educacional da psicanálise infantil. Appignanesi e Forrester (2010) reforçaram que o crédito destinado a Anna Freud (1895-1982) e Melanie Klein (1882-1960) por serem as pioneiras em psicanálise infantil não foi adequado, pois logo no início de sua carreira Hermine havia desenvolvido ideias que anos mais tarde Anna Freud viria a desenvolver.

Seus principais trabalhos foram: *Um estudo da vida mental da criança*⁹⁰ (1913), “Psicologia infantil e pedagogia” (1914); *O diário de uma jovem*⁹¹ (1919)⁹², “Técnica de análise infantil” (apresentado no Congresso Internacional de Psicanálise de Haia em 1920). Em 1922, trabalhou no programa de educação do Ambulatorium na Sociedade Psicanalítica de Viena. Em 1924 publicou “A estrutura libidinal da vida familiar” (1924) e “Novas formas de entender a

⁸⁸ De acordo com Appignanesi e Forrester (2010), os pais de Hermine Hug-Hellmuth, Ritter Hugo Hug von Hugenstein e Ludovika Achelpohl, tiveram, além de Hermine, dois filhos que faleceram ainda na infância. Ritter Hugo teve uma filha fora do casamento, chamada Antoine, que Hugo legitimou levando-a a morar com a família. Antoine e Hermine tiveram o mesmo nível educacional e permaneceram sob o mesmo teto até a morte de Antoine. Antoine nunca se casou, mas envolveu-se com um homem casado e juntos tiveram um filho, chamado Rolf Hug, nascido em 1906. Logo, Hermine, Antoine e Rolf dividiam o mesmo lar. Mas com a morte de Antoine Rolf passou a morar em abrigos para crianças órfãs.

⁸⁹ É interessante ressaltar que no ano de 1911 Isidor Sadge foi um dos membros que votou contra a entrada de mulheres junto a Sociedade Psicanalítica de Viena.

⁹⁰ *Aus dem Seelenleben des Kindes: Ein Psychoanalytische Studie* (1913).

⁹¹ *Tagebuch eines halbwüchsigen Mädchens* (1919).

⁹² Esta obra gerou polêmica, pois, inicialmente, Hermine publicou-a alegando tratar-se da história de uma adolescente chamada Greta Lainer. No entanto, Cyril Burt (1883-1971), membro da Sociedade Psicanalítica Britânica, denunciou Hermine alegando que a obra continha dados falsos em relação a autoria do diário. Em uma edição posterior, publicada em 1923, Hermine assumiu que a obra não era uma ficção, mas sim um verdadeiro diário, dando a entender que as informações contidas na obra basearam-se em uma experiência pessoal quando adolescente. (Roudinesco, Plon, 1997) Todavia, a obra foi bastante elogiada por seus colegas, entre eles Stefan Zweig (1881-1942), Helene Deutsch (1884-1982) e Lou Andreas-Salomé (1861-1937). (Roudinesco; Plon, 1997, Appignanesi; Forrester, 2010) Apesar do sucesso da obra, com a polêmica gerada e após a morte de Hermine, o diário foi retirado dos anais de psicanálise, sendo este resgatado pelos historiadores Paul Roazen (1936-2005), Wolfgang Huber (1931-1989), Jacque Le Rider (1954-) e Angela Graf-Nold, que apresentaram o conjunto de fatos relacionado à obra de forma detalhada. (Roudinesco; Plon, 1997)

juventude”⁹³ (1924) – resultado das conferências proferidas e análises com crianças. (Appignanesi; Forrester, 2010)

Todavia, é interessante refletir sobre como o nome de Hermine foi articulado na obra freudiana. O primeiro elogio encontrado na literatura estudada de Freud à psicanalista ocorreu em carta de Freud a Jung datada de 28 de dezembro de 1913, onde Freud relatou como o trabalho de Hug-Helmuth sobre a audição colorida foi esclarecedor, sugerindo a Jung publicá-lo no *Jahrbuch für Psychoanalytische und Psychopathologische Forschungen* (Anuário de pesquisa psicanalítica e psicopatológica). (Freud, 1913, In: McGuire; Sauerländer, 1974) Outras alusões ao trabalho desenvolvido por Hermine foram encontradas em quatro trabalhos de Freud⁹⁴. Em carta à Hermine em 27 de abril de 1915, Freud elogiou o diário escrito em 1913.

O diário é uma pequena jóia. Realmente acredito que jamais foi possível obter uma visão tão nítida e verdadeira dos impulsos mentais que caracterizam o desenvolvimento de uma jovem em nosso meio social e cultural durante os anos que precedem a puberdade. (...) Tudo é expresso de modo tão encantador, tão natural e tão sério nessas notas despretensiosas, que elas não podem deixar de despertar o maior interesse em educadores e psicólogos... É seu dever, julgo eu, publicar o diário. Meus leitores ficarão gratos por isso. (Freud, 1915, p.355)

Em outro momento, em sua trabalho “Um estudo autobiográfico” (1925-26), Freud mencionou Hug-Hellmuth como uma das poucas psicanalistas que relacionaram a psicanálise à educação. (Appignanesi; Forrester, 2010)

Eu próprio em nada contribuí para a aplicação da análise à educação. (...) O Dr. Oskar Pfister, pastor protestante de Zurique, desbravou o caminho, como incansável pioneiro, seguindo essa trilha, e não achou que a prática da análise era compatível com o fato de ele conservar sua religião, embora fosse verdade que tal ocorresse de forma sublimada. Entre muitos outros que trabalharam ao lado dele posso mencionar Frau Dr. Hug-Hellmuth e o Dr. S. Bernfeld, ambos de Viena. A aplicação da análise à educação profilática de crianças saudáveis e à correção daquelas que, embora na realidade não fossem neuróticas, se desviaram do curso normal de desenvolvimento, levou a uma consequência que é de importância prática. (Freud, 1925-26, p.71-72)

Embora Freud tenha reconhecido que o trabalho de Hermine foi relevante à psicanálise ao trazer o campo educacional à psicanálise infantil, psicanalistas como Melanie Klein e Anna

⁹³ *Neue Wege zum Verständnis der Jugend* (1924).

⁹⁴ A História do Movimento Psicanalítico (1914), “Conferências Introdutórias sobre a Psicanálise” (1915-1917), “Uma recordação de infância de Dichtung und Wahrheit” (1917), “Um estudo autobiográfico” (1925-1926).

Freud, que atuaram na área mencionada, negligenciaram em suas obras a contribuição de Hug-Hellmuth em seus trabalhos sobre psicologia infantil. (Appignanesi; Forrester, 2010)

Todavia, a falta de credibilidade gerada por parte de algumas de suas colegas psicanalistas supostamente ocorreu após a polêmica envolvida com o seu sobrinho Rolf Hug. Hermine foi acusada por ele de ter utilizado-o como cobaia em seus experimentos psicanalíticos. (Appignanesi, Forrester, 2010) O fato ocorreu quando a irmã de Hermine, Antoine, morreu no ano de 1915, e seu filho Rolf Hug passou a ser criado por uma ama e quatro tutores, sucessivamente, incluindo o psicanalista Isidor Sadge. Na ocasião, o único vínculo familiar que Rolf tinha era com sua tia Hermine, porém, o garoto constantemente estava envolvido com delitos e chegou a cometer diversos crimes, incluindo inúmeras ameaças à Hermine. (Roudinesco; Plon, 1997)

Quando Hermine foi encontrada morta em seu apartamento, a primeira suspeita recaiu sobre o seu sobrinho. Logo, Rolf, em julgamento, assumiu o assassinato e alegou que a motivação do crime foi o resultado de sua insatisfação, pois sua tia usou-o como cobaia em seus experimentos psicanalíticos. Tempos depois, após sair da prisão, Rolf tentou processar a Sociedade Psicanalítica de Viena pelo dano causado pela tia em prol da psicanálise. No entanto, os integrantes da sociedade entenderam que Rolf estava demandando por análise e indicaram Helene Deutsch para ser sua analista. Porém, Rolf nunca apareceu em nenhuma sessão e foi a última notícia que se teve do garoto. (Appignanesi; Forrester, 2010).

Hermine Hug-Hellmuth morreu em 9 de setembro do ano de 1924, aos 53 anos, vítima de estrangulamento realizado pelo seu sobrinho Rolf. Hermine permaneceu na Sociedade Psicanalítica entre os anos 1913 a 1924, ano de sua morte. Ficou conhecida pelos seus pares pela sua lealdade aos princípios freudianos e sua ortodoxia teórica. Em seu testamento, Hug-Hellmuth fez seu último desejo, que seu nome não fosse mencionado após sua morte, nem mesmo em nenhuma publicação psicanalítica. (Graf-Nold, 1988) Talvez por esta razão, psicanalistas como Anna Freud e Melanie Klein, que trabalharam com temas similares ao trabalho de Hermine, tenham deixado Hermine às margens. De todo modo, este seria mais um exemplo encontrado na literatura psicanalítica de mulheres que tiveram, por alguma razão, seus trabalhos negligenciados na história da psicanálise.



Figura : Hermine Hug Helmuth.

Fonte: https://www.psychanalytikerinnen.de/oesterreich_biografien.html#Hug

2.3.3. Helene Deutsch

Helene Rosebach foi uma das primeiras mulheres psicanalistas a integrar a Sociedade Psicanalítica de Viena. Sua principal contribuição foi seu trabalho sobre a psicologia da mulher, onde Helene recebeu o mérito de ter sido a primeira psicanalista a desenvolver um trabalho sobre o universo feminino. (Appignanesi; Forrester, 2010)

Helene nasceu em Przemysl, na Polônia, em 9 de outubro de 1884, no seio de uma tradicional família judia. Seu pai⁹⁵, um eminente e bem sucedido advogado, é apontado durante sua autobiografia como o seu maior influenciador. Por outro lado, a relação com sua mãe⁹⁶ foi caracterizada por bastantes conflitos. (Deutsch, 1973) Detentores de uma visão conservadora, os pais de Helene comungavam da ideia de que o objetivo da mulher seria empreender-se no bom e conveniente matrimônio. Este panorama fez com que Helene se rebelasse contra seus pais, fugindo de casa duas vezes em objeção a ideia de que a mulher não poderia estudar ou ter uma profissão. Na segunda vez que fugiu de casa, a condição para que Helene voltasse seria que o pai deveria assinar a autorização de matrícula para um curso de formação. (Appignanesi, Forrester, 2010) Após este episódio, Wilhelm enviou Helene para Zurique para estudar sociologia e, logo depois, Helene mudou-se para Viena. (Deutsch, 1973)

Em 1907, Helene iniciou seus estudos em medicina na Universidade de Viena⁹⁷. Seus interesses iniciais foram tornar-se uma escritora e estudar Direito, fato este influenciado por seu

⁹⁵ Wilhelm Rosenbach.

⁹⁶ Regina Rosenbach.

⁹⁷ Helene foi uma das sete mulheres matriculadas na Universidade de Viena em 1907. (Appignanesi; Forrester, 2010)

pai que foi um advogado especialista em direito internacional⁹⁸. Todavia, como tantas outras limitações vivenciadas pelas mulheres, neste período apenas os homens tinham acesso à faculdade de direito, fazendo com que Helene voltasse seus interesses para a medicina. (Deutsch, 1973)

É interessante pontuar que os contratemplos enfrentados por Helene pelo fato de ser mulher também apareceu durante seus estudos em medicina. Helene relatou que durante o curso o professor e examinador de clínica geral não permitia a participação das mulheres em suas aulas e, em certa ocasião, quando Helene apresentou-se para o exame de Clínica Geral, o examinador durante todo o exame se referiu a ela como “Senhor Rosenbach”. (Appignanesi; Forrester, 2010)

Seu conflito em relação à posição da mulher subjugada em relação ao homem na sociedade logo foi simbolizado através de seu ativismo político. Helene participou de passeatas, sendo o seu maior interesse a condição feminina. Organizou o primeiro grupo de operárias de Przemyśl e ainda organizou uma greve de mulheres em uma fábrica de colarinhos. (Appignanesi; Forrester, 2010). A influência política de Helene teria vindo do advogado polaco Herman Lieberman⁹⁹, que, além de amigos, tornaram-se amantes¹⁰⁰. (Appignanesi, Forrester, 2010)

Em 1910, Helene mudou-se para Munique com o intuito de terminar seus estudos. Neste período, engravidou de Lieberman, mas decidiu abortar. Pela complicação da relação e pelo fato de Lieberman ser casado, logo após o aborto Helene rompeu sua relação amorosa com ele. Ainda neste ano, Helene conheceu Félix Deutsch¹⁰¹, um médico vienense cujas inclinações para a psicanálise coincidiam com os interesses de Helene. Em 14 de abril de 1912, Helene e Félix firmaram o casamento. (Deutsch, 1973)

Helene formou-se em medicina em 1912. O início de sua carreira como médica foi marcado pelo seu interesse pela psiquiatria. Desta forma, Helene trabalhou na equipe do Dr. Wagner-Jauregg¹⁰², na Clínica de Psiquiatria e Doenças Nervosas de Viena. Porém, pelo fato de ser mulher, apenas teve permissão para trabalhar nas alas de mulheres e crianças. (Appignanesi; Forrester, 2010) Insatisfeita profissionalmente, pois Dr. Wagner-Jauregg

⁹⁸ Helene costumava passar horas com seu pai em seu escritório de advocacia e geralmente acompanhava-o às cortes. (Appignanesi, Forrester, 2010)

⁹⁹ Herman Lieberman (1870-1941) foi um advogado cujo papel foi bastante importante na história do socialismo na Polônia. Quando morreu, exercia o cargo de ministro da Justiça da Polônia. Helene e Lieberman se conheceram através do pai de Helene. (Appignanesi, Forrester, 2010)

¹⁰⁰ Lieberman era casado e 14 anos mais velho que Helene. (Appignanesi; Forrester, 2010)

¹⁰¹ Félix Deutsch (1884-1964) foi um médico psiquiatra.

¹⁰² Julius Wagner von Jauregg (1857-1940) foi um médico psiquiatra austríaco.

trabalhava com experimentos e estes, por sua vez, não eram de interesse de Helene, Helene transferiu-se para a clínica de pediatria psiquiátrica do Dr. Clemens Pirquet¹⁰³, que atuava com crianças com deficiências mentais. (Deutsch, 1973) Logo sentiu-se entediada e retornou à Clínica de Dr. Wagner-Jauregg. Helene revelou que Dr. Wagner-Jauregg “rejeitava a psicanálise completamente” (Deutsch, 1973, p.110) e sabia que ela havia lido todos os escritos de Freud. (Deutsch, 1973) No entanto, ambos se respeitavam e por indicação de Dr. Wagner-Jauregg Helene retornou para Munique para atender no Hospital de Munique supervisionada por Emil Kraepelin¹⁰⁴. (Roazen, 1985)

Helene apontou em sua autobiografia que o primeiro contato com o trabalho de Freud ocorreu em 1907 quando Helene teve a oportunidade de ler a interpretação freudiana do sonho de *Gradiva*¹⁰⁵, romance de Wilhelm Jensen. Logo Helene leu *A interpretação dos sonhos* (1900) e passou a acompanhar e ler todos os escritos de Freud. (Deutsch, 1973) Em 1918, foi aceita como membra da Sociedade Psicanalítica de Viena e logo Freud passou a analisá-la de forma didática. (Deutsch, 1973)

O trabalho realizado por Helene Deutsch na psicanálise foi bastante significativo. Além de atender pacientes, Helene era conhecida por seu talento professoral, sendo a primeira presidente do Instituto de Formação da Sociedade Psicanalítica de Viena, em 1924¹⁰⁶. Em seu trabalho sobre a psicologia da mulher, as principais questões foram: a menstruação, a defloração, o intercurso, a gravidez, a infertilidade, o parto, a lactação, a relação mãe filho e a menopausa. (Appignanesi, Forrester, 2010)

Embora Helene tenha se empenhado em estudar as questões femininas através do viés psicanalítico, a psicanalista ficou conhecida e criticada pelas feministas por reforçar diversas teorias freudianas, como a inveja do pênis, a passividade feminina e o masoquismo feminino. (Appignanesi; Forrester, 2010) De fato, suas obras, escritos e entrevista dada em 1972¹⁰⁷ apontam para uma corroboração em relação aos conceitos freudianos. Por outro lado, suas preocupações em relação aos interesses femininos, defendidos principalmente pelas feministas da segunda onda de 1970¹⁰⁸, foram desenvolvidos através de seus escritos sobre os conflitos oriundos da maternidade, da carreira da mulher, da defesa de uma autonomia educacional feminina, dos conflitos existentes em relação ao lugar da mulher na família, da identificação

¹⁰³ Clemens Peter von Pirquet (1874-1929) foi um pediatra austríaco.

¹⁰⁴ Emil Kraepelin (1856-1926) foi um psiquiatra alemão, considerado fundador da psiquiatria moderna.

¹⁰⁵ “Delírios e sonhos na *Gradiva* de Jensen” (1907[1906]).

¹⁰⁶ O objetivo do Instituto de formação era a formação psicanalítica. (Appignanesi; Forrester, 2010)

¹⁰⁷ Entrevista concedida ao *New York Times* em fevereiro de 1972.

¹⁰⁸ As feministas Kate Millet e Germaine Greer foram duas das muitas que criticaram as teorias freudianas.

como feminista socialista, entre outras questões. (Appignanesi; Forrester, 2010) Neste caso, podemos perceber uma relação entre a percepção gerada pelas feministas mencionadas acima entre Freud e Helene Deutsch, onde, no primeiro caso, Freud foi criticado pelas teorias consideradas misóginas e androcêntricas e, ao mesmo tempo, reconhecido por ter sido o primeiro médico a compreender os sintomas femininos através de sua escuta. No caso de Helene Deutsch, embora Helene tenha reforçado os mesmos conceitos freudianos atacados pelas feministas, sua contribuição foi exatamente através dos temas caros às feministas, conforme mencionado acima. (Appignanesi; Forrester, 2010)

Helene Deutsch morreu em 29 de março de 1982. Suas obras mais conhecidas foram *Psicologia da Mulher: uma interpretação psicanalítica* (1944), *A Psicanálise das Funções Sexuais da Mulher* (1925), *Neuroses e tipos de caráter* (1965), *Problemas psicológicos da adolescência* (1967), o trabalho autobiográfico denominado por *Confrontations with Myself – An Epilogue* (1973). Helene também foi reconhecida pelo seu brilhantismo como professora e muito elogiada como analista didática e supervisora. Helene Deutsch reforçou em sua autobiografia que sua vida foi marcada por três momentos de revolução:

A psicanálise foi minha última revolução e a que vivenciei mais profundamente; e Freud, que era corretamente considerado conservador em questões sociais e políticas, tornou-se para mim o maior revolucionário do século. Olhando em retrospectiva, vejo três diferentes revoluções em minha vida: a libertação da tirania de minha mãe, a revelação do socialismo e a libertação das correntes inconscientes da psicanálise. Em cada uma dessas revoluções fui inspirada e auxiliada por um homem – meu pai, Herman Lieberman e, por último, Freud. (Deutsch, 1973, p. 125)

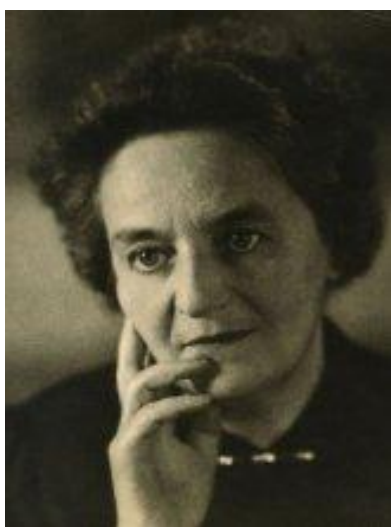


Figura 8: Helene Deutsch em 1936. Fonte: As Mulheres de Freud (2010).

2.3.4. Karen Horney

Se, entre as primeiras psicanalistas, Helene Deutsch ficou conhecida entre as feministas pela sua subserviência em relação aos conceitos freudianos menosprezados pelas mesmas, a psicanalista Karen Horney, por outro lado, foi referenciada como a primeira psicanalista feminista justamente pelo fato de contestar a supracitada “inveja do pênis” criada por Freud. (Appignanesi; Forrester, 2010)

Karen Clementine Theodore Danielsen nasceu na Alemanha em 16 de setembro de 1885. Seus pais, Berndt Wackels Danielsen e Clotilde van Ronzelen, respectivamente, de origens norueguesa e holandesa, eram cristãos protestantes e se divorciaram no ano de 1904, quando Karen tinha 19 anos. (Rubins, 1978) O relacionamento com seu pai tornou-se complicado na medida em que Berndt se opunha ao desejo de Karen de estudar, estimulando-a a focar nos trabalhos domésticos. (Roudinesco; Plon, 1997)

No ano de 1906, à contragosto do pai e estimulada pela mãe, Karen se matriculou na Universidade de Medicina em Freiburg, onde neste período era uma das poucas universidades na Alemanha que aceitava a matrícula de mulheres. (Rubins, 1978)

Seu primeiro contato com a psicanálise foi através de uma análise realizada com Karl Abraham (1877-1925), que na ocasião era membro da Sociedade Psicanalítica de Berlim. A principal questão trazida por Karen durante as sessões com Abraham era uma depressão esporádica e o envolvimento amoroso com diversos homens em sua vida. Karl Abraham atribuiu estes sintomas a uma admiração excessiva por figuras masculinas fortes e, conseqüentemente, associou com a teoria freudiana da inveja do pênis. Esta interpretação, realizada por Karl Abraham, foi apresentada no Congresso da IPA em Haia em 1920. (Roudinesco; Plon, 1998) Em resposta à Karl Abraham, em 1922, no Congresso de Berlim, Karen Horney contestou a teoria freudiana, criticando a teoria da sexualidade feminina criada por Freud, sendo por isso aclamada pelas feministas da segunda onda. (Appignanesi; Forrester, 2010)

É interessante apontar esta questão, pois esta interpretação teria trazido uma transferência negativa em Karen Horney em relação ao processo analítico, o que a levou a desenvolver seu trabalho sobre autoanálise. (Roudinesco; Plon, 1998) Nesta obra, intitulada *Conheça-se a Si mesmo*¹⁰⁹, publicada em 1942, Horney desenvolveu a importância e a possibilidade do sujeito se auto analisar, apontando as resistências encontradas no processo e

¹⁰⁹ Título original: *Self-Analysis* (1942)

levantando os tipos de neuroses vivenciadas por este sujeito. (Horney, 1942) Esta teria sido uma das diversas contribuições que Karen dispendeu à psicanálise.

Considerada uma neo-freudiana, a psicanalista trouxe uma nova interpretação para a teoria criada por Freud. Nos artigos sobre a sexualidade feminina, Horney discordava de Freud, principalmente em relação ao viés biológico que Freud dava à feminilidade. Assim sendo, em 1926, Horney defendeu a tese de que havia uma inveja dos homens em relação à maternidade, mas que porém os homens recalcavam este fato. Ainda neste viés crítico às teorias freudianas, em 1930, Horney revelou que a psicanálise, sendo uma escola de pensamento constituída em um universo masculino, não estaria apta à resolver as questões consideradas femininas. (Roudinesco; Plon, 1998)

De acordo com Appignanesi e Forrester (2010), o debate sobre a sexualidade feminina teve dois lados: um lado formado por Helene Deutsch, Jeanne Lampl de Groot (1895-1987) e Ruth Mack Brunswick (1897-1946) que eram defensoras da sexualidade feminina sustentada por Freud e, um outro lado, em oposição à forma como Freud construiu o conceito de feminilidade, estava Karen Horney¹¹⁰. Neste contexto, a ideia era de que “cada um dos participantes se apresentava como alguém que estava tentando afinar a teoria freudiana geral da sexualidade.” (Appignanesi; Forrester, 2010, p.620)

Karen morreu em 1952 nos Estados Unidos. Em sua vida, foi casada com Oscar Horney, mas logo divorciaram-se. Tiveram três filhas, Brigitte (1911-1988), Marianne¹¹¹ e Renate Horney (1916-2009). Separada, foi marginalizada pelos seus pares, sendo este um fator crucial para sua emigração para o Estados Unidos. Em Nova York foi membra da Sociedade Psicanalítica de Nova York e trabalhou sua vida inteira nos estudos da psicologia da mulher. Como forma de compensar a feminilidade, Horney vestiu-se de um autoritarismo tão masculino quanto o que ela criticava, manteve relações amorosas com alguns de seus analisandos, como era comum entre os homens psicanalistas. (Roudinesco, Plon, 1998) Horney enfrentou o desafio de ser mulher e de contestar a teoria freudiana, tão cara aos discípulos de Freud. Isso levou-a ao ostracismo junto aos psicanalistas ortodoxos. No entanto, seu mérito intelectual foi, de fato, aclamado pelas feministas. (Appignanesi; Forrester, 2010)

¹¹⁰ Existe uma literatura de diálogo entre o feminismo e a psicanálise. Feministas e psicanalistas como Nancy Chodorow, que publicou *A reprodução da maternidade: a psicanálise e a sociologia do gênero* (1978), *O feminismo e a teoria psicanalítica* (1989), *Feminilidade, masculinidade, sexualidades: Freud e além* (1944) e *O poder dos sentimentos: significado pessoal na psicanálise, gênero e cultura* (1999) e Juliet Mitchell que publicou o livro *Psychoanalysis and feminism: A radical reassessment of freudian psychoanalysis* (1974), realizaram uma análise crítica das teorias freudianas sob um viés feminista.

¹¹¹ Marianne Horney Eckard (1913-2018) tornou-se psiquiatra. Foi analisanda de Melanie Klein (1882-1960) e Erich Fromm (1900-1980).



Figura 9: Karen Horney

Fonte: <http://www.karenhorneyclinic.org/karen-horney/>

O que as cinco mulheres psicanalistas abordadas têm em comum? Criaram teorias, ideias, formulações teóricas e, o mais importante, foram arquitetas da psicanálise e construíram um saber. Porém, o que ficou mais evidente na relação entre as quatro mulheres neste trabalho como um todo foi o esquecimento de seus trabalhos pela psicanálise ortodoxa. Com a exceção de Helene Deutsch, que sustentou a teoria freudiana até o final de sua vida, as quatro mulheres (incluindo Sabina Spielrein) foram de certa maneira excluídas da psicanálise. Margarete Hilferding, dissidente de Freud, Karen Horney, opositora da teoria freudiana e Hermine Hug Hellmuth, omitida por suas colegas Anna Freud e Melanie Klein. (Appignanesi; Forrester, 2010)

Todavia não se pode afirmar que os motivos acima tenham sido determinantes para a marginalização das mulheres na história da psicanálise. Neste caso, os exemplos servem mais como uma forma de evidenciar as contribuições de diversas mulheres, mas também de apontar como elas foram excluídas por uma série de motivações. O lugar da mulher psicanalista manteve-se vinculado aos cuidados infantis e à psicologia da mulher, fato este que também reforçou seu lugar secundário nas áreas científicas, dispondo em sua natureza um lugar estrutural de exclusão. Outros exemplos de mulheres na psicanálise, não menos importantes, são Marie Bonaparte (1882-1962), autora da obra *Sexualidade Feminina*¹¹² (1951); Lou Andreas-Salomé, filósofa que escreveu *O Tipo Feminino*¹¹³ (1914); Joan Riviere (1883-1962), que escreveu o livro *A Feminilidade como Mascarada*¹¹⁴ (1929); Eva Rosenfelt (1892-1977),

¹¹² No original *De la Sexualité de La Femme*.

¹¹³ No original *Zum Typus Weib*.

¹¹⁴ No original *Womanliness as a masquerade*.

que fundou uma escola para garotas, sendo psicanalista e pedagoga. Nestes casos, cada uma destas mulheres tiveram um lugar diferenciado na história da psicanálise, no entanto, pouca relevância ainda tem se dado aos trabalhos produzidos por estas mulheres.

Assim, neste capítulo foi abordado as mulheres nos tempos da criação da psicanálise. No próximo capítulo, será abordado o caso de Sabina Spielrein, uma mulher que teve uma participação crucial no início da psicanálise. A análise de sua vida a partir da perspectiva da história das ciências nos interessa, pois é a sua produção intelectual que será discutida no próximo capítulo. Sabina Spielrein teve seu primeiro contato com a psiquiatria ainda como paciente diagnosticada com histeria e após a cura dos sintomas, Sabina estudou medicina e passou a atuar nos mais diversos âmbitos das ciências PSI. O caso Spielrein é sem sombra de dúvidas um paradigmático caso das mulheres nas ciências e logo compreende-se a dificuldade de abordar o tema mulheres nas ciências sem realizar uma análise de gênero.



Figura 5: Terceiro Congresso Internacional de Psicanálise, Weimar, 1911. Como pode ser observado na foto, no ano de 1911 a participação das mulheres na psicanálise era reduzida. Dentre as mulheres presentes, não há nenhuma vienense. Da esquerda para a direita estão: Maria Moltzer (1874-1944)¹¹⁵, Mira Gineburg, Lou Andreas Salomé (1861-1937), Beatrice Hinkle (1874-1953)¹¹⁶, Emma Jung (1882-1955), M. von Stack, Toni Wolf (1888-1953) e Martha Böddinghaus (1875-1927)¹¹⁷. Entre as mulheres participantes, a única que veio a fazer parte como membra da Sociedade Psicanalítica de Viena foi Lou Andreas-Salomé. Fonte: As mulheres de Freud (Appignanesi, Forrester, 2010)

¹¹⁵ Maria Johanna Moltzer foi uma enfermeira holandesa, associada ao grupo de psicologia analítica de Carl Gustav Jung. Moltzer também atuou como assistente no Hospital Burghölzli.

¹¹⁶ Beatrice Moses Hinkle foi médica e psicanalista norte-americana. Estudou com Freud em Viena em 1909.

¹¹⁷ Martha Böddinghaus foi uma alemã que estudou e fez análise com Carl Gustav Jung.

3. Sabina Spielrein: Do quadro de histeria a pioneira da psicanálise.

3.1. Sabina Spielrein: da infância ao tratamento no Hospital Burghölzli.

Sabina Nikolayevna Spielrein nasceu em Rostov-on-Don, Rússia, em 7 de novembro do ano de 1885¹¹⁸. De origem judaica, Sabina pertencia a uma das famílias mais abastadas da região. Os pais de Sabina, Nikolai Arkadyevich Spielrein¹¹⁹ e Eva Markovna Lublinskaya, tiveram cinco filhos.¹²⁰ As famílias de ambos os lados eram judeus ortodoxos e viviam dentro do assentamento “Pale”¹²¹. Os avós de Sabina eram respeitados rabis na comunidade onde viviam.

Seu pai era um próspero homem de negócios no ramo de nutrição animal, adquirindo através dos negócios considerável fortuna. Nikolai estudou ciências agrícolas em Berlim, tinha um background intelectual vasto e um amplo interesse por diversas áreas, incluindo política, filosofia e música. A paixão que Sabina adquiriu pela música teria sido uma herança de seu pai. Nikolai falava diversos idiomas (ídiche¹²², hebreu, francês, alemão, inglês, polonês e russo) e tinha bastante interesse pela cultura alemã e pela cultural ocidental europeia. De acordo com os escritos de Sabina retirados de seu diário e publicado por Carotenuto (1982), quando os pais de Eva conheceram Nikolai ficaram impressionados pela sua inteligência e compaixão. De acordo com o professor sueco Magnus Ljunggren¹²³, “o pai de Sabina era psiquicamente desequilibrado e sofria de depressão” (Ljunggren, 2001, p.1). Launer (2014) aponta que diversas vezes Nikolai tentou suicídio e em certas ocasiões permaneceu de cama recusando-se a comer por dias¹²⁴.

A mãe de Sabina estudou e formou-se como a primeira mulher dentista da Rússia e atuou como dentista até o ano de 1903. Após este período, passou a se dedicar às tarefas domésticas. Como mãe, era muito dedicada, mas, ao mesmo tempo, muito controladora. De

¹¹⁸ No calendário juliano utilizado na Rússia nesta época, a data de nascimento de Sabina é 25 de outubro de 1885.

¹¹⁹ O nome de nascimento do pai de Sabina era Naphtul Aranovitsch Spielrein. Nascido em Varsóvia, Polônia, quando Naphtul emigrou para Rússia, russificou seu nome para Nikolai Arkadyevich Spielrein.

¹²⁰ Sabina (1885), Jan (1887), Isaac (1891), Emilia (1895), Emil (1899).

¹²¹ O assentamento “Pale” foi uma zona de assentamento judeu criada pela Imperatriz Catarina II da Rússia que durou do ano de 1791 até o ano de 1917. Esta região consistia em 20% do território da Rússia ocidental. A região equivalia aos países da atual Lituânia, Bielorrússia, Polônia, Moldávia, Ucrânia e partes da Rússia Oriental.

¹²² Língua falada principalmente entre os judeus da Europa Central e Oriental.

¹²³ O professor de literatura Magnus Ljunggren conheceu a sobrinha de Sabina Spielrein, Menikha Isaakovna (filha de Isaac), no ano de 1982, em Moscou. Na ocasião Menikha mantinha os pertences de sua tia sob o seu domínio. Alguns anos depois, Ljunggren publicou no ano 2001 o artigo “Sabina and Isaac Spielrein”.

¹²⁴ Esta informação é interessante, pois a personalidade de Nikolai vem à tona em alguns dos sintomas psicológicos que Sabina apresentou durante sua internação.

acordo com Launer (2014), Eva era cercada por diversos funcionários, tinha o hábito de comprar em excesso, motivo este de discórdia entre Nikolai e Eva.

A relação entre os pais de Sabina era de parceria e o casal “tinha várias coisas em comum: ambos cursaram a universidade, amavam música e se interessavam por cultura e por questões sociais” (Richebächer, 2008, p. 23). Ainda quando os dois se conheceram, o amor e a dedicação que nutriam um pelo outro não eram recíprocos. De acordo com relatos de Sabina em seu diário na época, Eva haveria terminado um relacionamento anterior pela família do noivo não aprovar o matrimônio, deixando Eva abalada. Após este episódio, Eva se envolveu com um rapaz cristão de São Petersburgo, mas Eva rompeu com ele, pois sua família jamais aceitaria que sua filha se casasse com um cristão. Quando o pai de Sabina, Nikolai, conheceu Eva, pediu-lhe sua mão em casamento três vezes. Inicialmente, Eva não estava interessada em Nikolai, no entanto, impressionada pela “inteligência e o nobre caráter” de Nikolai, Eva cedeu aos desejos dele. Nikolai e Eva se casaram no ano de 1884, um ano antes do nascimento de Sabina (Carotenuto, 1982).

Em sua infância, Sabina era uma criança adoentada e sofria de recorrentes dores de garganta e estômago e infecções. Segundo Launer (2014), Sabina era uma criança problemática, tinha o hábito de masturbar-se após apanhar ou mesmo quando era ameaçada de tal ato. Outro costume de Sabina em sua infância era de automutilar-se ou sentir prazer ao ver outros serem machucados. Estes atos, por sua vez, deixavam Sabina confusa e, muitas das vezes, ela ficava furiosa ao ver alguém apanhando.¹²⁵

Os relatos sobre a vida de Sabina¹²⁶ apontam que seu pai tinha o costume de bater em Sabina (e em seus irmãos), dando-lhe palmadas em suas nádegas nuas e, posteriormente, exigindo-lhe que beijasse sua mão. A depressão de Nikolai, por diversas vezes, também teria sido usada por ele como objeto de chantagem para que os filhos se comportassem bem. Desta forma, Sabina teve seu primeiro colapso ainda com a idade de dez anos.

Embora a criação que Sabina e seus irmãos receberam tenha sido pautada em agressões físicas e psicológicas¹²⁷, todos tiveram altos níveis de instrução. De acordo com Richebächer (2008), as crianças cresceram falando russo, alemão, inglês e francês. Sabina tinha aulas de

¹²⁵ É interessante apresentar estas informações sobre o background familiar de Sabina Spielrein, pois estes comportamentos serão os mesmos que mais tarde Sabina apresentará durante sua internação no Hospital Burghölzli.

¹²⁶ As informações sobre a infância de Sabina, sua relação com os seus pais e os primeiros sintomas apresentados foram retirados do Relatório de Internação de Sabina no Hospital Burghölzli, sendo seu tio Lublinsky que respondeu as perguntas iniciais. (Minder, 1994)

¹²⁷ De acordo com Launer (2014, p. 17), “punições como castigos físicos eram bastante comuns entre as famílias russas”.

piano e canto e lia a bíblia no original em hebreu antigo. O desejo de Nikolai era que “Todos, inclusive as filhas, devem concluir os estudos; devem estudar depois nas melhores universidades, com os melhores professores.” (Richebächer, 2005, p.34)

Sabina era considerada uma criança precoce, inteligente, acima da média. Na escola, tirava as melhores notas. Criativa, bastante religiosa, tinha o hábito de rezar, mas por volta dos treze anos, em decorrência da morte de sua avó materna, perdeu a crença em Deus, mantendo sua crença em um “espírito guardião”. Neste período, passou a se interessar mais por ciências. Sabina acreditava que tinha uma vocação que denominou de “chamado superior”¹²⁸. Anos mais tarde, em 18/10/1910, Sabina escreveu em seu diário sobre sua relação com o espírito guardião:

Estamos então na terceira geração. A mais velha sou eu. Creio que ninguém teve uma alegria maior do que a do avô quando pôde bendizer a minha escolha de me tornar médica. Até os 13 anos, fui muito religiosa; apesar de algumas contradições e das ironias do meu pai, não ousava abandonar o pensamento de Deus. A separação de Deus me era muito difícil, e quando tive de abandonar essa idéia, surgiu um vazio. Conservei, porém, ‘o espírito protetor’. (Spielrein, 1910, In: Carotenuto, 1980, p.23)

A irmã mais nova de Sabina, Emilia, faleceu aos seis anos de idade de febre tifoide, quando Sabina tinha 16 anos. Esta perda foi um fato significativo para a sua formação. Em seu diário, datado de 18 de outubro de 1910, Sabina revelou como ela vivenciou a morte de Emilia: “Eu me afastei completamente das outras pessoas; quando eu estava na sexta série, depois da morte da minha pequena irmã, minha doença começou. Eu me refugiei no isolamento”. (Spielrein, 1910, In: Carotenuto, 1982, p.24)

O período da adolescência foi especialmente importante na sua formação. Nesta época, Sabina havia acabado de terminar o ginásio e não sabia qual caminho seguir. Nos anos posteriores, o estado emocional de Sabina piorou drasticamente. De acordo com seu Tio Lublinsky em seu relatório de internação, Sabina “sempre foi bastante histérica” (Lublinsky, 1904, In: Minder, 1994, p. 85), porém cerca de três anos antes de sua internação, por volta de 1901 (quando Sabina tinha aproximadamente 16 anos), Sabina “tornou-se mais seriamente doente”. (Lublinsky, 1904, In: Minder, 1994, p. 85)

Como os tratamentos para saúde mental na Rússia naquela época tinham a clausura como terapêutica, Eva Spielrein considerou enviar Sabina para tratamento em países da Europa onde os métodos eram mais humanizados do que na Rússia. Nos manicômios russos as

¹²⁸ Vale a pena ressaltar que Sabina compreendeu, anos mais tarde, que sua verdadeira vocação estaria relacionada ao seu trabalho com a medicina.

condições de tratamento eram as piores possíveis, tanto por falta de recursos, quanto por falta de profissionais preparados. Os métodos de tratamento baseavam-se em banhos (quentes e frios) e condutas coercitivas e violentas em relação aos internos. (Richebächer, 2012)

Neste contexto, inicialmente, os pais de Sabina enviaram a filha para Varsóvia, Polônia, aos cuidados de seu tio paterno Adolf. Porém, houve um fator determinante na decisão de enviarem Sabina para Zurique: no passado Sabina havia se apaixonado por este tio e este, por sua vez, havia se apaixonado por Eva. Esta seria uma situação complicada demais e, por conseguinte, com a não adaptação de Sabina em Varsóvia, Eva decidiu enviá-la à Zurique para tratamento¹²⁹ (Richebächer, 2012).

Sabina foi internada no Hospital Burghölzli, na Suíça, em 1904, diagnosticada por Carls Gustav Jung com “histeria”¹³⁰, permanecendo no hospital por onze meses. Seu tratamento evoluiu para a cura e logo para um engajamento com a ciência. Após o período de internação, Sabina se formou em medicina, tornou-se psicanalista e seguiu sua vida produzindo trabalhos, principalmente na área de desenvolvimento infantil.

Até aqui foi abordado os primeiros anos de vida de Sabina e sua experiência anterior a sua internação. Como foi visto no capítulo anterior, a histeria tinha de fato um fator social relacionado aos seus sintomas. Na próxima sessão, exploraremos como se deu o início do tratamento de Sabina, seu processo de cura do sintoma e seu envolvimento com a psicanálise.

3.2. O tratamento no Hospital Burghölzli

Sabina Spielrein foi internada no dia 17 de agosto do ano de 1904 no sanatório de Burghölzli, clínica psiquiátrica que pertencia à Universidade de Zurique. De acordo com os

¹²⁹ Na anotação no diário de Sabina em 19 de outubro de 1910 é possível constatar a relação entre Sabina, Tio Adolf e Eva Spielrein. É interessante que neste dia Sabina escreveu sobre o professor de história no Ginásio, relatando que no passado havia se apaixonado por ele, no entanto logo perdeu o interesse pelo professor, e em seu lugar Sabina se apaixonou por seu Tio Adolf. Todavia, tanto o professor de história de Sabina quanto seu Tio Adolf se apaixonaram por Eva.

O interessante é que eu me apaixonei por ambos na mesma época, de modo que a minha mãe uma vez me perguntou; "Qual deles você realmente ama? Seu professor ou seu tio?" Não me lembro mais do que respondi, mas sinto-me tentada a pensar que disse "meu professor". Mais tarde, quando fui a Varsóvia, meu tio ganhou, sendo logo substituído pelo meu amigo atual, que tem mais controle sobre mim do que qualquer outra pessoa até agora! (...) Mas o fato de que ambos amavam minha mãe mostra que seus destinos tinham um ponto em comum. (Spielrein, 1910, In: Carotenuto, 1980, p.26)

¹³⁰ Informações retiradas do relatório de internação. Abaixo, a figura 10 apresenta parte do relatório.

registros de internação do Hospital, Sabina chegou acompanhada de um policial e de seu tio materno (Tio Lublinsky).

1904, VIII, 17

Esta noite, às 10h30, a paciente foi trazida por um policial médico e seu tio. Relatório médico do Dr. B. e Lublinsky. Paciente ri e chora de uma maneira estranhamente mista e compulsiva. Massas de tiques; ela gira a cabeça com força, estende a língua, contorce as pernas. Reclama de uma dor de cabeça terrível, dizendo que ela não estava louca, apenas chateada, no hotel, ela não suportava as pessoas ou o barulho. Com enfermeira privada em E II. (Relatório Hospital Burghölzli, In: Minder, 1994, p.82)

Anterior a este episódio, Sabina havia passado por dois médicos em Zurique. O primeiro foi o Dr. Heller, especialista em desordens mentais e responsável pelo “*Heller’s Sanatorium and Spa*” e o segundo foi o Professor Constantin von Monakov. Ambos se recusaram tratar de Spielrein. Segundo Launer (2014), o Dr. Heller alegou que o nível de perturbação de Sabina seria intratável, enquanto o Professor Monakov alegou que Sabina estaria muito agitada para a realização do tratamento¹³¹.

- 51 -

Burghölzli.

Beimstet: Ja - Nein.

Name: Spielrein, Sabina

Heimatort: Rothwil, Wohnort: Rothwil, Letzter Aufenthalt: Heller'sches Sanatorium

Geburtsdag: 1885 Civilstand: ledig Religion: evangelisch Beruf: Studentin

N	Aufnahme	Entlassen	Trost au. Clinic	Vorläufige Diagnose	Definitive Diagnose
3793	17. VII. 1904	27. Okt. 1904	26. I.	Hysterie	Hysterie
	II.				
	III.				
	IV.				
	V.				
	VI.				
	VII.				
	VIII.				

Figura 10: Parte do relatório de internação de Sabina Spielrein do Hospital Burghölzli. Como pode ser observado, o diagnóstico de Sabina foi preenchido como histeria. Fonte: Hospital Records (Minter, 1994, p.84)

Nesta época, Eugen Bleuler¹³² era o Diretor do hospital e o psiquiatra Carl Gustav Jung ocupava o cargo de médico residente sênior. Antes de Bleuler assumir o cargo de Diretor do

¹³¹ Antes de seguirem para o Burghölzli, Sabina teve uma crise no hotel em que Sabina, Eva e Lublinsky estavam hospedados e foi atendida pelo médico Dr. Bion.

¹³² Eugen Bleuler (1857-1939) foi um dos mais proeminentes psiquiatras suíços, e de acordo com Ellenberger (1970) ficou conhecido universalmente pela sua teoria e descrição da “esquizofrenia” (termo que substituiu a demência precoce *dementia praecox*). O “novo” conceito de esquizofrenia não foi apenas uma nova teoria. Bleuler introduziu uma noção otimista de que a esquizofrenia poderia ser estabilizada ou até mesmo poderia ser levada a um estágio anterior da doença. Uma outra característica evidente no trabalho de Bleuler foi sua luta social e política

hospital, o psiquiatra Auguste Henri Forel¹³³ era o responsável pelo hospital. O tratamento aplicado no Burghölzli era reconhecido internacionalmente por ser humanista e um dos melhores da Europa na época. Foi Carl Jung o responsável pelo tratamento psiquiátrico de Sabina. Tanto Jung, quanto Bleuler¹³⁴ e Forel haviam lido a obra de Sigmund Freud, *A interpretação dos sonhos* (1900), e os médicos do Burghölzli eram estimulados a utilizar os métodos psicanalíticos de Freud. De acordo com Richebächer (2012), neste período, o Burghölzli atendia cerca de 400 pacientes, havendo cerca de quatro médicos disponíveis no hospital.

Apesar da fama internacional do Burghölzli, Jung recordava-se de seus primeiros anos na instituição como uma época de rotina maçante e banal, um verdadeiro ataque contra o pensamento original e a excentricidade criativa. Mas a clínica preparou seu caminho para a psicanálise. Forel já estava familiarizado com a obra de Breuer e Freud sobre a histeria; então, logo depois da chegada de Jung, Bleuler lhe pediu que apresentasse *A interpretação dos sonhos* à equipe. O livro deixou sua marca em Jung, que logo incorporou às suas pesquisas ideias do livro dos sonhos de Freud, dos primeiros artigos sobre histeria e, depois de 1905, do caso clínico de Dora. (Gay, 1988, P.209)

Sabina permaneceu no hospital entre os anos de 1904 e 1905. Durante o período de sua internação se apaixonou por Carl Jung. Relatos extraídos das fontes encontradas apontam que o médico e a paciente teriam se tornado amantes neste período. (Carotenuto, 1980; Cromberg, 2008; Richebächer, 2012; Launer, 2014) O médico Carl Jung era então casado com Emma Rauschenbach (1882-1955). Os casos que Jung mantinha com suas pacientes seriam acontecimentos rotineiros e Emma teve conhecimento de vários deles, inclusive sobre Sabina Spielrein¹³⁵. De acordo com o biógrafo de Sabina, John Launer (2014), os sentimentos entre

em Zurique. Em 1898, Bleuler foi escolhido para suceder Forel na função de diretor do Hospital Burzölzli e permaneceu no Burghölzli por doze anos. (Ellenberger, 1970)

¹³³ Auguste Henri Forel (1848-1931) foi um psiquiatra suíço reconhecido pelas suas descobertas sobre a anatomia cerebral. Foi professor de psiquiatria na Universidade de Zurique e diretor do Hospital Burhölzli. Nesta função, Forel fez uma reforma na instituição. Inicialmente, Forel pertencia à escola dos organicistas, mas suas ideias foram gradualmente mudando. Seus interesses foram direcionados para o tratamento dos pacientes alcoolatras, passando a utilizar como métodos de tratamento a psicoterapia e a hipnose. (Ellenberger, 1970)

¹³⁴ Embora Bleuler inicialmente foi um divulgador e apoiador das obras de Freud, chegando a utilizar algumas das ideias psicanalíticas para complementar o teste de associação de palavras desenvolvido em conjunto por Jung no Hospital Burghölzli, anos mais tarde Bleuler desencantou com as ideias de Freud, afastando-se completamente da psicanálise. (Ellenberger, 1970)

¹³⁵ Jung teve um relacionamento amoroso com a psicanalista suíça Antonia Wolff. Toni Wolff também foi paciente no Burghölzli e depois se tornou psicanalista. Os dois mantiveram um envolvimento intelectual e amoroso durante toda a sua vida. Outro exemplo foi a Maria Moltzer que inicialmente ficou internada no mesmo hospital, logo tornou-se enfermeira voluntária, e de acordo com a biógrafa de Emma Jung, também foi amante de Carl Gustav Jung. (Clay, 2016) Tanto Emma, quanto Toni e Maria participaram do Terceiro Congresso Internacional de Psicanálise de Weimar em 1911. (ver Figura 5)

Sabina e Jung eram desiguais. Enquanto Sabina dedicou um amor quase que incondicional, Jung não comungava do mesmo sentimento. (Launer, 2014)

Dentro deste contexto, o tratamento psiquiátrico utilizado por Jung para curar Sabina foi baseado em várias técnicas, incluindo a análise dos sonhos, testes de associação de palavras, repouso e o distanciamento dos familiares¹³⁶. (Richebächer, 2012) Neste período, o hospital Burghölzli quase não recebia pacientes diagnosticados com histeria. Richebächer (2012) elucidou que Sabina Spielrein teria sido a segunda paciente histérica atendida no hospital. Jung, motivado pela possibilidade de tratar de uma paciente histérica e assim poder utilizar os métodos desenvolvidos por Freud¹³⁷, vislumbrou em Sabina uma ótima oportunidade para tal tratamento.

Ainda de acordo com Richebächer (2012), os comportamentos de Sabina apresentados durante sua internação passou por três fases distintas: o primeiro momento foi caracterizado por sintomas de desobediência, quebrando regras e normas do hospital; no segundo momento, o sintoma mais presente foi um tipo de comportamento sadomasoquista (os mesmos comportamentos que ela desempenhava em relação aos castigos de seu pai durante a infância), e o terceiro momento foi caracterizado “por uma fase mais adulta e erótica-sexual” (Richebächer, 2012, p.94), no qual ela apresentava certa maturidade em seus comportamentos. A melhoria dos sintomas de Sabina se deu de forma gradual, porém, de vez em quando, alguns destes sintomas voltavam. (Richebächer, 2012)

É interessante elucidar que desde sua infância Sabina tinha grande interesse por ciências e sempre sonhou estudar medicina. Como forma de estimular o desenvolvimento intelectual de Sabina, Bleuler a apoiou e permitiu que Sabina assistisse às palestras médicas na Universidade de Zurique. Após este período, Sabina foi aprovada no curso de medicina. (Launer, 2014) Foi o próprio Bleuler quem escreveu o certificado médico recomendando que Sabina poderia se matricular na universidade:

Senhorita Sabina Spielrein de Rostov/Don, residente desta instituição, que pretende se matricular na faculdade de medicina no verão, não é mentalmente doente. Ela esteve aqui para o tratamento de nervosismo com sintomas histéricos. Desta forma, nós a recomendamos para a matrícula. O Diretor, Bleuler. (Bleuler, 1905, In: Convington; Wharton, 2001, p.35)

¹³⁶ Neste período, na Europa, uma das técnicas utilizadas nos tratamentos para doenças psíquicas era a separação da família por um período de tempo. Bleuler foi um dos médicos que reforçou a importância de Sabina manter-se distante de seus familiares durante sua internação. (Richebächer, 2012)

¹³⁷ Embora Jung tenha se inspirado no trabalho desenvolvido por Freud, não se utilizou do método psicanalítico no tratamento de Sabina. (Launer, 2014)

Os estudiosos sobre a trajetória de Sabina foram unânimes em atribuir a responsabilidade do sucesso do tratamento de Spielrein ao método de Eugen Bleuler. (Graf-Nold, 2001; Cromberg, 2008; Launer, 2014) Foi Bleuler quem reforçou a importância de Sabina permanecer fora da casa dos pais após sua saída do hospital e que indicou as leituras de autores como Freud, Nietzsche e Schopenhauer (Cromberg, 2008, p.71). Abaixo carta datada de 31 de outubro de 1905 de Bleuler ao pai de Sabina.

31.V.1905

Mr Spielrein, Rostov/Don, Russia

Dear Sir, Senhorita Spielrein ficou extremamente agitada por ser esperado dela que cuide de seu irmão. Devido ao fraco estado de seus nervos, ela requer uma maior tolerância para poder concentrar totalmente em seus estudos. Para manter sua condição melhorada, ela deve permanecer absolutamente livre de quaisquer obrigações para com a sua família.(...) Com os melhores cumprimentos, o Diretor, Bleuler. (Bleuler, 1905, In: Convington; Wharton, 2001, p.104)

Conforme defendido por Launer (2014), em concordância com a historiadora suíça Angela Graf-Nold (2001), foi Bleuler, de fato, o maior responsável em proporcionar uma melhoria do estado mental de Sabina durante sua estadia no hospital. Ainda de acordo com Angela Graf-Nold (2001), sobre a participação de Jung na recuperação de Sabina:

Sem dúvidas Jung modificou Sabina profundamente. À ele, ela confessou seus segredos mais vergonhosos, seus sentimentos e pensamentos escondidos. Foi Bleuler, no entanto, não Jung, que estabeleceu os contornos de seu tratamento. Seu tratamento estava de acordo com as ideias nas quais já tinham sido introduzidas no Burghölzli por Forel: ela foi tratada como vítima de um severo traumatismo. Não obstante todas as mudanças que o conceito de ‘neurose traumática’ tem sofrido nos últimos cem anos, o princípio terapêutico essencial descrito por Bleuler é ainda válido: tratar pacientes com paciência, calma e boa vontade, criar um ambiente para prevenir os pacientes de mal comportamento, promovendo suas habilidades e talentos (Graf-Nold, 2001, p.172).

Deste modo, este foi o início de uma brilhante trajetória na qual o sintoma histérico deu lugar a um profundo engajamento intelectual. Sabina, a partir de então, evidenciou a sua inteligência através de suas obras e de sua influência. Este momento poderia ser considerado a reviravolta subjetiva na história de Sabina. Pode-se aí constatar o ponto crucial da transformação de Sabina de objeto do discurso médico para sujeito produtor de conhecimento dentro do saber médico.

Spielrein foi tratada em um ambiente onde a sua busca intelectual foi apoiada e incentivada por Eugen Bleuler. A virada na posição de Sabina de objeto da medicina para sujeito produtor de conhecimento no meio médico será enfatizada na próxima sessão. Este

ponto nos interessa particularmente por Sabina ter feito esta virada em um ambiente pouco acessível para o sexo feminino.

3.3. A reviravolta dos sintomas aos primeiros trabalhos científicos

Pioneira em diversas áreas, Sabina teve um papel relevante nas áreas do desenvolvimento infantil, da linguística e da psicanálise. (Launer, 2014) Seu primeiro trabalho intelectual partiu de sua tese de medicina. Intitulado *Sobre o conteúdo de um caso de esquizofrenia*,¹³⁸ o trabalho é um relato de seu atendimento de uma paciente do Hospital Burghölzli. Este trabalho foi publicado em 1911 no *Jahrbuch für Psychoanalytische und Psychopathologische Forschungen* (Anuário de pesquisa psicanalítica e psicopatológica). Segundo Launer (2014), em seu artigo, Spielrein apresentou a primeira descrição detalhada da esquizofrenia através de um ponto de vista psicanalítico. Este trabalho teria sido pioneiro ao evidenciar a importância do diálogo no tratamento de pacientes diagnosticados com esquizofrenia. É interessante evidenciar que, até o ano de 1911, somente dois médicos haviam escrito sobre a esquizofrenia: Carl Gustav Jung e Eugen Bleuler. Jung produziu no ano de 1907 a sua monografia sobre a *Dementia Praecox* (*Sobre a psicologia da dementia praecox*), que era o termo utilizado para a esquizofrenia, e Bleuler foi o criador do termo esquizofrenia.

De acordo com a psicanalista Renata Cromberg (2014), Sabina Spielrein esteve presente e atuante em um dos momentos mais importantes da história da psiquiatria. Quando seu artigo sobre esquizofrenia foi publicado no *Jahrbuch für Psychoanalytische und Psychopathologische Forschungen*¹³⁹, vários nomes da psiquiatria¹⁴⁰ contribuíram para uma discussão acerca de como a psicanálise poderia auxiliar em uma nova forma de tratar as doenças psíquicas, baseando-se nos princípios psicanalíticos e rompendo com a forma psiquiátrica tradicional de cura das psicoses. “O que estava se materializando, nessa reunião de ensaios do Jarhbuch, abordando agora as chamadas psicoses, esquizofrenia e paranoia, era a consolidação da progressiva implantação da psicanálise no coração da psiquiatria.”¹⁴¹ (Cromberg, 2014, p. 111)

¹³⁸ “Über den psychologischen Inhalt eines Falles von Schizophrenia”.

¹³⁹ O Anais de pesquisas psicanalíticas e psicopatológicas foi organizado por Bleuler e Freud e redigida por Jung, sendo esta uma das primeiras publicações psicanalíticas. (Cromberg, 2014)

¹⁴⁰ Neste caso podemos citar Karl Abraham (1877-1925), Ludwig Biswanger (1881-1966), Max Eitington (1881-1943), Franz Riklin (1878-1938), Alphonse Maeder (1882-1971), além de Bleuler, Freud, Jung e Spielrein (Cromberg, 2014)

¹⁴¹ Essa implantação tirou a psiquiatria do niilismo terapêutico em que esta se encontrava (formas precárias e erráticas nas técnicas de cura das psicoses), confinada às descrições classificatórias dos quadros clínicos que foram

No ano de 1912, Sabina passou um período em Viena, e, a convite de Sigmund Freud, foi a segunda mulher integrante na Sociedade Psicanalítica de Viena.

Seu texto mais famoso, apresentado em uma das reuniões das Quartas-feiras, *A destruição como origem do devir*¹⁴², também foi publicado no *Jahrbuch* no ano de 1912. Em tal artigo, Sabina introduz a relação entre duas forças psíquicas opostas, uma delas seria o instinto de autopreservação do indivíduo e a outra seria o instinto de preservação das espécies ou do coletivo. Neste artigo, Sabina cria o conceito de pulsão de morte, o qual Freud iria se utilizar mais tarde em seu texto “Além do princípio do prazer” (1920). Embora Freud tenha reconhecido Sabina como criadora deste termo, a compreensão que Sabina e Freud tinham pelo conceito era distinta.

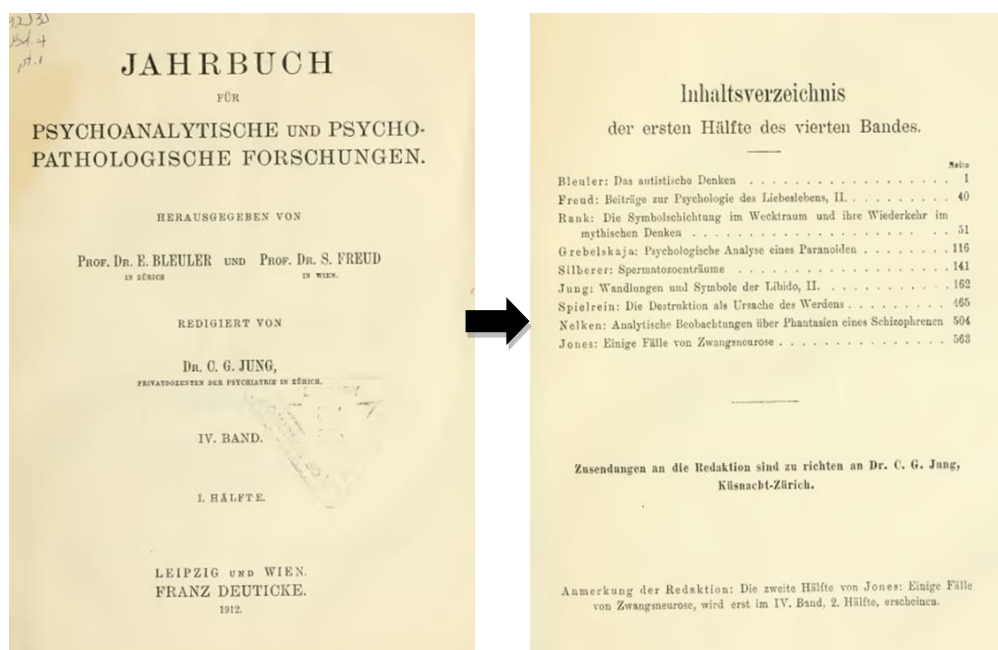


Figura 11: Artigo de Sabina Spielrein, *Die Destruktion als Ursache des Werdens* (A Destruição como origem do devir), publicado em 1912, no *Jahrbuch für Psychoanalytische und Psychopathologische Forschungen*. Esse teria sido o terceiro número da revista. (Cromberg, 2014) Como pode ser observado no índice, nomes como Eugen Bleuler, Otto Rank, Sigmund Freud, Carl Jung, Ernest Jones e Sabina Spielrein estavam desenvolvendo trabalhos nos primórdios da psicanálise.

Fonte: https://archive.org/details/JahrbuchFuumlrPsychoanalytischeUndPsychopathologischeForschungenIv_509

um passo decisivo, mas não suficiente para a abordagem clínica e terapêutica da loucura. Foi a partir da incorporação entusiasmada da psicanálise feita por Bleuler na primeira década do século XX, que a psicanálise acrescentou à psiquiatria a compreensão dinâmica do paciente que com o nome de bleulerismo, imperou até os anos 70 do século XX, no campo da psiquiatria. (Roudinesco, Plon, 1997, p.79)

¹⁴² “*Die Destruktion als Ursache des Werdens*”.

Desta forma, os dois textos acima foram os primeiros entre uma série de artigos onde estaria evidente a sua originalidade e a força de seu trabalho. Estes também foram um ponto crucial em seu desenvolvimento psíquico. Como mencionado no capítulo sobre a histeria, neste caso, pode-se compreender o deslocamento de Sabina, que foi de uma posição de passividade à atividade. Houve um desenrolar terapêutico partindo dos “sintomas histéricos” à um engajamento científico e clínico com a psicanálise. Neste caso, pode-se compreender que se “aquela histeria era um feminismo sem uma rede social no mundo exterior” (Hunter, 1983, p.485). No exemplo de Sabina, a psicanalista encontrou sua rede social que libertou-a de suas amarras.

Em seu diário, datado em 7 de janeiro de 1912, Sabina escreveu sobre seus primeiros trabalhos como psicanalista.

Meu primeiro trabalho tem sido muito sucesso e, graças exatamente à minha dissertação, tornei-me membro da Associação Psicanalítica. O Prof. Freud, a quem agora amo ternamente, está entusiasmado comigo, fala a todos do meu “estupendo trabalho”, e também pessoalmente e trata com grande gentileza. (...) Tenho dois pacientes, que trato gratuitamente. Ambos estão bem. Uma, em particular (uma cantora), curou-se rapidíssimo, e me escreve cartas e poesias de elogios. (Spielrein, 1912, In: Carotenuto, 1980, pp. 40-41)

Após sua alta no Hospital Burghölzli, Sabina manteve sua amizade com Jung, e logo se aproximou de Freud. No auge da criação de alguns conceitos psicanalíticos, os colegas viveram um verdadeiro triângulo intelectual. Se em um primeiro momento Sabina foi vista apenas como a paciente histérica de Jung, em um segundo momento Sabina passou a receber uma consideração especial de Freud e Jung. E esta virada novamente nos interessa.

3.4. Sabina, Jung e Freud.

A relação entre Sabina, Jung e Freud foi bastante evidenciada pelos autores que escreveram sobre a trajetória de Sabina. No entanto, interessa a este trabalho apontar a participação da psicanalista no desenvolvimento e na criação de conceitos-chaves que foram essenciais nos trabalhos teóricos de Freud e Jung. Os principais conceitos vinculados à participação de Sabina na constituição dos conceitos teóricos de Freud e Jung são: o conceito de “complexos emocionais” em Carl Jung, os conceitos de “transferência” e “contratransferência”; em articulação com o pensamento de Freud e Jung, e o conceito de “pulsão de morte”, criado por Sabina e desenvolvido por Sigmund Freud. De fato, é difícil

afirmar qual foi a real participação e contribuição de Sabina no desenvolvimento teórico dos trabalhos de Freud e Jung, considerando a relação afetiva e intelectual que os três colegas mantiveram nos primórdios do pensamento psicanalítico. A relação entre os três colegas estava no auge quando alguns dos conceitos-chaves de autoria de Freud e Jung foram desenvolvidos. No entanto, como mencionado anteriormente, Sabina não recebeu seu devido mérito, nem na criação da psicanálise e nem na participação da formação dos conceitos de Freud e Jung.

Retornando um pouco à sessão anterior, o relacionamento amoroso entre Sabina e Jung provavelmente iniciou-se enquanto Sabina ainda estava fazendo seu tratamento no Burghölzli. Não há registros de quando a relação iniciou e nem quando terminou. Além de colegas de profissão, Jung desempenhou a função de orientador de Sabina no curso de medicina. Os registros do diário de Sabina apontam que o relacionamento entre os dois colegas, por sua vez, foi caracterizado por conflitos e alguns rompimentos, até que, em determinado momento, Sabina decidiu romper de vez com Jung. (Launer, 2014)

Por volta de 1906, Jung estava fascinado pelo trabalho que Sigmund Freud estava desenvolvendo sobre a análise dos sonhos de seus pacientes enquanto método terapêutico. A primeira correspondência trocada entre os dois foi ainda em 1906 e mantiveram a correspondência até o ano de 1913. O conteúdo de suas cartas era, em sua maior parte, sobre os trabalhos desenvolvidos e os casos clínicos de seus pacientes. (Launer, 2014)

Em um primeiro contato, Jung enviou seu trabalho *Estudos diagnósticos de associações: Contribuições à psicopatologia experimental* (1906)¹⁴³. Em carta datada de 11 de abril de 1906, Freud respondeu ao colega suíço agradecendo pelo envio de seu trabalho e a partir de sua resposta Jung enviou outra correspondência, desta vez se referindo à Spielrein, porém sem citar seu nome¹⁴⁴.

Nesta correspondência, datada de 23 de outubro de 1906, Jung revelou a Freud o conteúdo psicológico observado no tratamento de uma paciente com diagnóstico de histeria:

Tenho uma experiência dos últimos tempos para compartilhar com você, com o risco de aborrecê-lo. Atualmente, estou tratando uma paciente histérica de acordo com o seu método. Caso difícil, estudante russa de 20 anos, doente desde os seis anos. Primeiro trauma: 3-4 anos de idade. Viu seu pai espancando seu irmão mais velho com as nádegas nuas. Forte impressão. Após este episódio, ela pensava que tinha defecado na mão do pai. Entre os 4 aos 7 anos, tentativas

¹⁴³ *Diagnostische Assoziationsstudien; Beiträge zur experimentellen Psychopathologie*

¹⁴⁴ De acordo com Sabine Richebächer (2012), a primeira correspondência que Jung enviou à Freud continha o relatório de internação de Sabina Spielrein, no qual Freud, por sua vez, não lhe deu importância. Ao analisar as correspondências trocadas e publicadas entre Freud e Jung, verifica-se que a primeira carta de Freud para Jung foi uma carta de agradecimento pelo envio do trabalho de Jung. De fato, não foi possível comprovar se a primeira correspondência que Jung enviara para Freud foi o relatório de internação de Sabina.

de defecar sobre os seus pés da seguinte forma: sentava-se no chão com um dos pés, pressionando o calcanhar contra o ânus e tentando ao mesmo tempo, defecar e prender a defecação. Às vezes retinha as fezes por até duas semanas! Ela não sabe por que ela chegou a esta situação peculiar; era completamente instintivo e acompanhados de sensações prazerosas. Mais tarde, esse fenômeno foi substituído por um frenético onanismo. Eu ficaria extremamente grato se pudesse me contar sua opinião sobre esta história em poucas palavras. (Jung, 1906, In: Macguire; Sauerländer, 1974, p. 7)

Freud respondeu a Jung analisando o conteúdo da carta sob o viés da psicanálise. Vale a pena salientar que neste primeiro momento Jung não informou a Freud que se tratava de Sabina Spielrein e nem mesmo que eles estariam em uma relação amorosa. Ainda neste contexto, Jung e Freud discutiram sobre a importância da transferência no processo de cura. Os insights feitos por Sabina em relação aos conceitos de transferência e contratransferência foram baseados em análises que Sabina fez, enquanto paciente, sobre a paixão que nutria por Jung, e que este, por sua vez, correspondia, o que lançou luzes sobre a teoria que Jung desenvolvia¹⁴⁵.

Launer (2014) aponta que entre os anos de 1907 e 1908, a amizade entre Sabina e Jung estaria passando por algumas dificuldades. Neste período, Sabina já havia recebido alta do Burghölzli há dois anos, porém continuava a se encontrar com Jung. As informações retiradas do diário de Sabina mostram que de fato Sabina amava Jung e desejava conceber um filho dele. O gosto musical de Sabina fez com que ela utilizasse como inspiração a ópera de Richard Wagner, *Siegfried*¹⁴⁶. O personagem Siegfried seria o filho simbolizado por Sabina que nasceria da relação entre Sabina e Jung. Freud, anos mais tarde viria a analisar este desejo de Sabina como um desejo de completude e iluminação.

O desejo de Sabina, por sua vez, gerou um receio por parte de Jung e sem saber o que fazer diante de tal situação, considerou analisar os sentimentos de Sabina com a ajuda de Freud. Em uma correspondência datada em 07 de março de 1909, Jung escreveu a Freud relatando que certa paciente havia se apaixonado por ele, desejando ter um filho com ele.

(...) uma paciente, que anos atrás, eu tirei de uma neurose complicada com a maior dedicação, decepcionou minha confiança e minha amizade da maneira mais constrangedora possível. Ela me fez um escândalo porque eu simplesmente renunciei ao prazer de dar-lhe um filho. Eu sempre agi dentro dos limites do cavalheiro para com ela, mas em minha consciência um tanto sensível, não me sinto limpo, e isso prejudica mais, porque minhas intenções sempre foram puras. Mas você sabe que o diabo pode fazer o melhor para a produção de sujeira. Aprendi muito na sabedoria do casamento, porque até agora eu tive alguns dos meus componentes poligâmicos, apesar de toda a auto-

¹⁴⁵ Vale a pena ressaltar que Freud já havia declarado a ideia de “transferência” ao analisar uma paciente de Joseph Breuer descrito em *Estudos sobre a Histeria* (1895). (Roudinesco; Plon, 1997)

¹⁴⁶ A ópera *Siegfried* é a terceira parte da tetralogia *O Anel do Nibelungo*.

análise. Agora eu sei onde e como o demônio deve ser tomado. (Jung, 1909, In: Mcguire; Sauerländer, 1974, p.229)

Lothane (2016) aponta que Jung teria ficado em pânico, acreditando que Sabina poderia estar espalhando rumores sobre o relacionamento e temendo, de fato, um verdadeiro escândalo, cujos efeitos poderiam arruinar sua reputação. A resposta de Freud veio em carta datada de 09 de março de 1909. Freud elucidou sobre o mecanismo existente nas relações entre paciente e médico, a saber, a transferência. “Difamados pelo amor com que operamos, esses são os nossos perigos profissionais, pelos quais realmente não abandonaremos a profissão.” (Freud, 1909, In: Mcguire; Sauerländer, 1974, p.233)

Neste período, Sabina, sabendo da consideração e respeito que Jung nutria por Freud, enviou uma correspondência a Freud com o intuito de uma aproximação, sem mencionar o nome de Jung. Carotenuto (1982) aponta que esta primeira carta foi enviada em 30 de maio de 1909¹⁴⁷. Pelas características da carta, Freud suspeitava que Sabina era a tal paciente que Jung havia se referido nas cartas anteriores. Freud tinha uma ideia preconcebida em relação à Sabina.

Rapidamente, Freud informou a Jung que Sabina teria entrado em contato, mas que ele se recusou a encontrá-la. Em carta datada de 3 de junho de 1909, de Freud a Jung, Freud relatou sobre a tentativa de contato de *Fräulein Spielrein*: “Estranho! O que é isso? Exibicionismo, fofoca ou paranóia?” (Freud, 1909, In: Mcguire; Sauerländer, 1974, p. 250) Logo após este episódio, em 4 de junho de 1909, Jung escreveu uma carta a Freud, confidenciando que Sabina era a “tal paciente histérica” sobre quem ele havia falado anteriormente.

Sabina é a mesma pessoa sobre a qual lhe escrevi. É um caso que foi exposto de forma breve em minha palestra de Amsterdã. Este foi, digamos assim, meu caso psicanalítico de formação, pelo que tenho por ela muita gratidão e especial afeição. (...) Naturalmente ela ansiava por me seduzir, o que considero que não foi oportuno. Agora procura vingar-se. (...) Devo dizer apenas que encerrei o assunto. Ela é, assim como Gross, um caso de luta contra o pai que pretendi curar *gratissime* (!) com muitas doses de paciência; ao tentá-lo, acabei arruinando minha amizade. (Jung, 1909, In: Mcguire; Sauerländer, pp.252-253, 1974)

Freud se posicionou em favor de Jung, primeiramente questionando qual seria a natureza do assunto, alegando que até o momento não havia respondido a carta de Sabina. Assim, em carta datada de 6 de julho de 1909, Freud elucidou sobre o processo de contratransferência encontrado na relação psicanalítica:

¹⁴⁷ As demais correspondências trocadas entre Sabina e Freud se deram entre os anos de 1909 e 1923.

A resposta ainda está pendente. Tais experiências, ainda que dolorosas, são necessárias e difícil de poupar. Os homens somente conhecerão a vida e as coisas que têm em suas mãos. Eu mesmo não sucumbi totalmente a isto, mas estive muito perto algumas vezes, e eu escapei por um triz. Acredito que apenas as necessidades sombrias sob as quais meu trabalho se manteve, e o atraso do decênio contra você, com o qual eu conduzo à psicanálise, me salvaram das mesmas experiências. Cresce então uma necessária pele dura, converte-se no mestre "contratransferencial", no qual se coloca sempre, e aprende-se a deslocar seus próprios afetos e colocá-los apropriadamente. É uma benção disfarçada. O maior espetáculo natural oferece a capacidade dessas mulheres de invocarem todas as perfeições psíquicas imagináveis como estímulos até que tenham alcançado seu propósito. Quando isso acontece ou o oposto é garantido, pode-se ficar surpreso com a constelação alterada. (Freud, 1909, In: McGuire; Sauerländer, 1974, pp. 254-25)

Desta forma, Freud não sabia de fato qual era a relação entre Sabina e Jung. Como pode ser observado acima, em um primeiro momento Jung tentou esconder que ele e Sabina haviam desenvolvido uma relação amorosa. Freud, por sua vez, talvez tenha até desconfiado que algo estaria acontecendo em relação aos sentimentos de Jung por Sabina, talvez seja por isso que ele tenha respondido a Jung falando sobre a contratransferência e como esta acometia os psicanalistas dentro da relação terapêutica.

Todavia, esta não seria a primeira atitude que Jung demonstraria deslealdade em relação à Sabina. Em setembro de 1907, Jung utilizou-se do caso de Sabina enquanto paciente, sem seu conhecimento prévio, para apresentar no Primeiro Congresso Internacional de Psiquiatria e Neurologia, em Amsterdã, um típico caso de “psicose histérica”. O texto publicado pode ser encontrado nas obras completas de Carl Jung com o título de *A teoria freudiana da histeria* (1907). Jung, ao expor a histeria freudiana, utiliza o exemplo clínico de Sabina. Mantendo os parâmetros éticos em relação ao sigilo do nome da paciente, Jung iniciou o artigo relatando que se tratava “de um caso de histeria psicótica numa jovem senhora de 20 anos, intelectualmente bem-dotada” (Jung, 1907, p.30). Neste trabalho, Jung se refere a Sabina como “histérica psicótica”, no entanto, como foi mencionado anteriormente, quando Spielrein foi internada no Burghölzli foi diagnosticada como histérica. Esta questão do diagnóstico de Sabina nos interessa, pois há uma relação direta entre sua posição de ex-paciente psiquiátrica e a “credibilidade” intelectual que foi atribuída pelos seus pares devido a esta condição.

De acordo com Cromberg (2014), posteriormente, outros autores ousaram atribuir um diagnóstico diferente à Sabina, como é o caso da psicoterapeuta e uma das organizadoras do livro *Sabina Spielrein: Forgotten Pioneer of Psychoanalysis* (2005), Coline Covington, que, baseando-se no quadro comportamental que Sabina apresentou durante sua internação, sugeriu que Sabina sofria de psicose. Ainda conforme Cromberg (2014), Aldo Carotenuto também sugeriu um outro diagnóstico à Sabina, classificando-a como esquizofrênica.

Não se sabe o porquê Jung modificou o diagnóstico de Sabina, e podemos considerar que fechar um diagnóstico psiquiátrico sempre foi uma tarefa complexa, principalmente ao analisar as modificações históricas da psiquiatria. A biógrafa Renata Cromberg (2014) ressaltou assim essa complexidade do diagnóstico de Sabina:

Para o jovem Jung, Sabina Spielrein seria um exemplo típico da histeria freudiana: sintomas histéricos múltiplos reversíveis por ab-reação, aparentemente causados por trauma sexual nas mãos do pai. (...) As descrições feitas por Jung (...) parecem sugerir um quadro neurótico com uma sintomatologia grave, no momento de sua internação, da ordem de uma parapsicose, ou seja, sintomas análogos aos psicóticos e que costumam surgir em quadros neuróticos (Cromberg, 2014, p.105, apud Mellman).

Se em um primeiro momento, Jung se apropria do caso de Sabina enquanto objeto do discurso psiquiátrico, realizando um diagnóstico errôneo, em um segundo momento, pode-se constatar através do diário de Sabina uma preocupação que Jung se apropriasse de suas ideias. Nos registros de seu diário, datado de 26 de setembro de 1910, Sabina escreve sobre seu receio de que Jung pudesse roubar suas ideias para publicá-las posteriormente:

Mais importante para mim é o meu segundo estudo, "Sobre o instinto de morte," e aqui eu preciso admitir que eu sinto muito medo que meu amigo, que planejou mencionar minhas ideias em seu artigo em julho, dizendo que eu tenho direitos de prioridade, pode simplesmente pegar emprestado todo o desenvolvimento da minha ideia, porque ele agora quer se referir a ela no princípio de janeiro. Este seria um caso de uma desconfiança infundada de minha parte? Eu desejo ardentemente que pudesse ser. (...) Como eu poderia estimar uma pessoa que rouba minhas ideias, que não era um amigo mas um mesquinho, um rival? E ainda amá-lo? Mesmo assim, eu o amo. Meu trabalho deve ser permeado com amor! Eu o amo e o odeio, porque ele não é meu. Seria insuportável para mim parecer um ganso bobo aos seus olhos. Não, nobreza, orgulho, respeito e ser respeitada por todos! Eu preciso ser digna dele, e a ideia que eu gerei deve também aparecer sob o meu nome. (Spielrein, 1910, In: Carotenuto, 1982, p.35)

A despeito da admiração que Jung sentia por Sabina e, mais tarde, que Freud também viria a sentir, podemos observar neste período, no início da relação entre os três médicos, um reforço da posição de Sabina como objeto de apropriação dos interesses científicos de Freud e Jung, em um primeiro momento como objeto de estudo, e em um segundo momento como apropriação de suas ideias.

Nos anos posteriores, devido às questões teóricas de seus trabalhos, Jung e Freud começaram a ter divergências que inicialmente eram teóricas, mas que, por fim, se tornaram pessoais, fazendo com que os dois amigos rompessem o vínculo que estabeleceram e suas colaborações na psicanálise. Freud enxergava em Jung a possibilidade dele exercer a função de

“príncipe herdeiro” da psicanálise. O principal motivo desta projeção de Freud em relação a Jung seria, inicialmente, que Jung não era judeu, como a maioria dos integrantes do círculo psicanalítico. Este fator, por sua vez, poderia dar o prestígio que Freud sonhava para a psicanálise. (Gay, 1988) “Freud estava convencido de que, enquanto o mundo visse a psicanálise como uma “ciência judaica”, os fardos que suas ideias subversivas teriam de carregar apenas se multiplicariam.” (Gay, 1988, p.215).

No entanto, o pensamento de Jung apontava para direções onde Freud não pretendia seguir com a psicanálise. Jung, interessado pelo ocultismo, sugeriu que esta poderia ser uma possibilidade de compreensão para a psicanálise. Freud, por sua vez, com o intuito de fazer da psicanálise um projeto científico, se afastou completamente de seu “suposto príncipe herdeiro”.

Eu queria conhecer as opiniões de Freud acerca da precognição e da parapsicologia em geral. Quando fui vê-lo em 1909, em Viena, perguntei-lhe o que pensava sobre isso. Fiel ao seu preconceito materialista, repeliu todo esse complexo de questões, considerando-as mera tolice. Ele apelava para um positivismo de tal modo artificial que precisei conter uma resposta cáustica. Alguns anos decorreram antes que Freud reconhecesse a seriedade da parapsicologia e o caráter de dado real dos fenômenos ‘ocultos’. (Jung, 1961, p.190)

Outros motivos foram determinantes para o completo afastamento entre os dois médicos, como o fato de Sigmund Freud defender a teoria da sexualidade infantil relacionada aos processos traumáticos da histeria de uma forma que Jung considerava muito reducionista. Jung discordava de várias das ideias de Freud. (Launer, 2014). De acordo com o psiquiatra Sérgio Britto (2006) na obra organizada e editada por Aniela Jaffé da autobiografia de Jung *Memórias, Sonhos, Reflexões* (1961):

Freud pensava a libido como uma manifestação ligada ao sexo, Jung via a libido com maior amplitude, acreditando que valores como a espiritualidade, a criatividade e a nutrição, poderiam mover os homens com tanta força quanto o sexo. Tentou fazer com que Freud ampliasse esse seu conceito inicial de libido. Não conseguiu. E pior. Freud por esse motivo, cortou relações com Jung, chamando sua doutrina de mística e a ele, Jung, de profeta. Jung confessou que se não fosse o apoio da família (...), teria enlouquecido. (Britto, 2006, pp.11-12)

De todo modo, Sabina em vários momentos atuou como uma pacificadora dos conflitos existentes entre eles, porém não conseguiu evitar que o vínculo entre Freud e Jung fosse rompido. (Launer, 2014)

Foi somente em outubro de 1911 que Sabina conheceu Freud pessoalmente. Freud se impressionou com a personalidade de Sabina. No período em que Freud e Sabina se conheceram, Sabina havia acabado de terminar seu artigo *Destruição como origem do devir* (1912), no qual Sabina havia criado o conceito chave para o instinto de morte, utilizado por Freud anos mais tarde. Como mencionado no capítulo anterior, no ano de 1912, Freud convidou Sabina a fazer parte da Sociedade Psicanalítica de Viena e sugeriu que Sabina apresentasse seu trabalho para os demais colegas.

Como vários outros médicos da época, Sabina era uma entusiasta da teoria da evolução de Charles Darwin (1809-1882), e, a partir desse interesse, Sabina escreveu o texto utilizando-se, em parte, da teoria darwiniana, articulando-a com a sua história de vida. O texto aborda principalmente a relação de oposição entre as forças psíquicas, a saber, de instinto de autopreservação, por um lado, e de instinto de preservação da espécie, por outro. E, como Sabina era uma mulher com amplo conhecimento em diversas áreas, apropriou-se de várias disciplinas para desenvolver suas teorias:

Sabina Spielrein elabora suas hipóteses em um *tour de force* que atravessa as mais diferentes áreas do conhecimento. Recorre a “fatos biológicos” e a reflexões sobre psicologia individual; busca exemplos na filosofia, na literatura, na mística judaica e nos escritos rabínicos; oferece material dos mitos europeus e observações clínicas, sonhos e psicologia infantil. No plano teórico, recorre aos filósofos Ernst Mach e Friedrich Nietzsche, principalmente ao seu *Assim falou Zaratustra* (1883-1885), assim como a trabalhos psicanalíticos de Jung, Gross, Stekel, Bleuler, Herbert Silberer, Freud, Riklin, Rank, Biswanger e Oskar Pfister (Richebächer, 2012, p.173).

Desta forma, Launer (2014) elucidou como Sabina se apropriou da sua experiência e a utilizou em prol da teoria:

Não é difícil ver como os insights e os erros no argumento de Spielrein vieram da mesma fonte. Sua infância e talvez sua constituição a dotaram de um desejo de dor e humilhação, juntamente com uma furiosa resistência a ela. Mais tarde, elas se desenvolveram em um desejo apaixonado de se submeter à vontade de um homem, um desejo irresistível de ter seu filho, e uma intensa apreensão das consequências de fazer qualquer um deles. Isso deu a ela algumas percepções únicas sobre o poder do sistema reprodutivo e dos aspectos destrutivos do sexo. (Launer, 2014, P. 146)

Em relação ao conteúdo do trabalho de Sabina, Freud realizou algumas críticas concernentes ao determinismo biológico que Sabina utilizou para explicar a relação entre o instinto de preservação do indivíduo e o instinto de preservação das espécies. Embora algumas teorias freudianas tenham sido criadas a partir de uma abordagem biológica, Freud nunca

tolerou qualquer tipo de reducionismo, criticando muitos dos autores que cometeram estes deslizes. A psicanalista Elisabeth Roudinesco (2016) apontou que Freud também se apoiou na doutrina darwinista com o intuito de buscar subterfúgios para a compreensão sobre a origem e a evolução dos organismos vivos. A primeira crítica que Freud faz ao trabalho de Sabina foi a relação entre os aspectos psíquicos vinculados aos aspectos biológicos. Na percepção de Freud, Sabina “subordina o material psicológico aos aspectos biológicos”. Podemos observar esta afirmação em carta de Freud para Jung em 30 de novembro de 1911:

Spielrein leu um capítulo de seu trabalho ontem (quase escrevi seu e não dela), seguindo-se uma esclarecedora discussão. Fiz algumas objeções ao seu (desta vez falo sério) método de lidar com a mitologia, e levantei-as na discussão com os pequenos. Ela é, de fato, muito agradável, e eu começo a compreendê-la. No entanto, o que me parece mais preocupante, é que Spielrein quer subordinar o material psicológico aos aspectos biológicos; essa dependência é tão condenável quanto uma dependência da filosofia, da fisiologia ou da anatomia cerebral. (Freud, 1911, In: McGuire; Sauerländer, 1974, p.519)¹⁴⁸

Um outro ponto curioso na relação intelectual entre Freud e Sabina é a forma como Freud utilizou o nome de Sabina em seus trabalhos. Ao consultar as obras de Freud, percebe-se que o nome de Sabina Spielrein foi mencionado somente duas vezes. A primeira vez foi no texto *Totem e Tabu* (1913). Freud aponta que “Nos últimos anos, escritores psicanalíticos (Abraham, Spielrein e Jung) deram-se conta de que o princípio ‘a ontogenia é uma repetição da filogenia’ deve-se ser aplicado à vida mental e isso resultou numa nova ampliação do interesse da psicanálise.” (Freud, 1913, p. 186). A segunda vez que Freud mencionou o nome de Sabina em sua obra foi no texto “Além do Princípio do Prazer” (1920). Freud escreve em nota de rodapé: “Uma parte considerável dessas especulações foi antecipada por Sabina Spielrein (1912) num instrutivo e interessante artigo que, infelizmente, não me é inteiramente claro. Nele, descreve ela os componentes sádicos do impulso sexual como ‘destrutivos’” (Freud, 1920, p.65). Todavia, não foi possível encontrar nas fontes analisadas uma motivação ou uma possível explicação que pudesse justificar a lacuna que Freud deixou quando citou Sabina somente em dois momentos em toda a sua obra, sendo que uma delas foi em uma nota de rodapé. Como Sabina foi a primeira psicanalista que desenvolveu o termo instinto de morte, talvez teria sido interessante Freud realizar um diálogo com o seu trabalho.

¹⁴⁸ É importante salientar que em todo o trabalho de Freud o mesmo tem a preocupação em separar de não se reduzir os conteúdos psíquicos à biologia. De acordo com Appignanesi; Forrester (2010) “A separação entre a psicanálise e a biologia era clara para Freud mesmo quando respeitava a contribuição que a biologia fliessiana poderia dar ao seu trabalho.” (p.621)

De qualquer forma, a troca intelectual entre os três médicos foi extremamente importante para a psicanálise. Vários conceitos estudados na área foram criados a partir da influência mútua entre os três colegas. (Launer, 2014) Todavia, se por um lado Freud utilizou o trabalho de Sabina como referência em apenas dois momentos, Jung citou Sabina diversas vezes no decorrer de sua obra. No livro *A psicogênese das doenças mentais* (1907)¹⁴⁹, desenvolvido no período em que trabalhou no Hospital Burghölzli, e junto aos psiquiatras citados anteriormente, como Auguste Forel, Eugene Bleuler, entre outros, Jung desenvolveu um trabalho sobre a origem da demência precoce (esquizofrenia) ilustrado nesta obra. (Jung, 1986) Na ocasião, Jung fez referência ao trabalho de Sabina. “Quem lê certos trabalhos da escola de Zurique – refiro-me aos de Maeder, Spielrein¹⁵⁰, Nelken, Grebelskaja, Itten – fica impressionado com a enorme atividade simbólica que existe na dementia praecox.” (Jung, 1986, p. 201)¹⁵¹

No volume 4 das obras de Jung, no livro *Freud e a psicanálise* (1971), Jung novamente citou Sabina ao expor sobre um caso de neurose infantil em alusão ao trabalho de Spielrein *A destruição como origem do devir* (1912). De acordo com os editores das obras de Jung, este trabalho foi produzido entre os anos de 1906 e 1916.

Na obra *Símbolos da Transformação* (1973)¹⁵², Jung citou Sabina em um total de dezoito vezes. “A Dr. Spielrein também dá alguns exemplos interessantes das definições arcaicas que nesta doença encobrem os significados das palavras modernas.” (Jung, 1973, p. 171) Em outro momento, Jung aponta: “Minhas observações acima sobre a substituição da função perturbadora do real por equivalentes arcaicos se apoiam numa observação da Dra. Spielrein.” (Jung, 1973, p.171) E na maior parte do livro, Jung utiliza exemplos da “paciente de Spielrein” para esclarecer suas teorias. Todas as citações são em referência aos dois primeiros trabalhos de Sabina *Sobre o conteúdo psicológico de um caso de esquizofrenia* (1911) e *A destruição como origem do devir* (1912). (Jung, 1973)

¹⁴⁹ Um dos capítulos intitulado “A psicologia da *dementia praecox*: um ensaio” foi publicado pela primeira vez pela Verlagsbuchhandlung Carl Marhold, Halle a.S., em 1907.

¹⁵⁰ *Über den psychologischen Inhalt eines Faltes von Schizophrenie (Dementia Praecox)* (1911)

¹⁵¹ O capítulo *A interpretação psicológica dos processos patológicos* onde Jung referenciou Sabina foi escrito em 1911. (Jung, 1986)

¹⁵² Uma parte do conteúdo da obra *Símbolos da Transformação* foi publicado inicialmente em 1911, sob o título *Wandlungen und Symbole der Libido. Beiträge zur Entwicklungsgeschichte des Denkens*. Em 1912, uma outra parte do trabalho foi publicada. Em 1925, ocorreu uma nova publicação da obra e em 1938, a obra foi reeditada pela terceira vez. (Jung, 1973)

Na obra *Psicologia do inconsciente* (1971)¹⁵³, Jung, ao explicar sobre a vontade de poder na relação do inconsciente, utilizou como ilustração o trabalho de Freud *Para além do princípio do prazer* (1920). No entanto, reforçou que o conceito de “instinto de morte” foi criado por Sabina: “O próprio Freud, depois de velho, reconheceu esta falta de equilíbrio de sua teoria e contrapôs a Eros, que chamou de libido, o instinto de morte, ou de destruição.” Em nota de rodapé, Jung reforça: “Esta ideia é de autoria de minha aluna Dra. Sabina Spielrein.” (Jung, 1971, p. 40)

Desta forma, além de toda a exposição acima que comprova a influência de Sabina nos trabalhos iniciais de Jung, o conceito de “complexos emocionais”, tão importantes na teoria junguiana, também foi criado através do diálogo entre Sabina e Jung. (Launer, 2014) De acordo com o psicoterapeuta Robert H. Hopcke (2012):

O conceito de complexo está estreitamente ligado ao conceito de arquétipo e de inconsciente coletivo de Jung”. Estes conceitos foram criados quando Jung trabalhava no Burghölzli e desenvolveu o teste de associação de palavras “como meio para detectar as raízes inconscientes da doença mental. (...) O teste consistia em apresentar ao sujeito do teste uma palavra e solicitar dele uma resposta verbal espontânea à palavra. O exame das respostas do sujeito, tanto verbais como não verbais, parecia indicar o que Jung chamou primeiramente de ‘complexos com carga emocional’ e mais tarde de ‘complexo de ideias com carga emocional’.” (Hopcke, 2012, p.28)

Ainda de acordo com Launer (2014), Sabina revelou em rascunho de carta enviada à Jung, datada de 1906, que os complexos emocionais apresentados durante o teste tinham a função de manter a personalidade integrada, ou seja, uma associação de palavra levava a outra. Ainda neste raciocínio, Sabina sugeriu que a histeria ocorria onde os complexos saudáveis não puderam mais operar. Devido sua própria experiência, Sabina entendia que a histeria seria uma tentativa de construir uma personalidade alternativa que era, por sua vez uma performance artificial. (Launer, 2014) Desta forma, pode-se mais uma vez notar a contribuição de Sabina à obra junguiana.

Ao notarmos a participação intelectual de Sabina na criação de importantes teorias articuladas no diálogo entre Freud, Jung e Sabina, pode-se refletir sobre o reconhecimento que ambos dispenderam à influência de Sabina em seus respectivos trabalhos. No caso de Jung, em um primeiro momento, conclui-se que não houve esquecimento do nome de Sabina, principalmente ao verificar tantas as vezes que Jung referenciou Sabina em alusão aos dois

¹⁵³ Este trabalho foi desenvolvido por volta de 1912 onde Jung articula as ideias de Sigmund Freud e Alfred Adler (1870-1937) sobre o inconsciente. (Jung, 1971)

primeiros trabalhos. Porém, o que não está explícito em nenhuma das obras é o reconhecimento à contribuição intelectual de Sabina que, por sua vez, ocorreu na conflituosa relação entre os três médicos.

A amizade entre Freud e Jung foi rompida por volta do ano de 1913. Sabina e Jung mantiveram se correspondendo provavelmente até o ano de 1918¹⁵⁴. Sabina e Freud continuaram amigos por muitos anos, provavelmente até por volta da década de 1930. Por volta do ano de 1923, Sabina “organizou a tradução para a língua russa de *Além do princípio do prazer* (1920), com prefácio de Vygotsky e Luria” (Cromberg, 2014, p.28). Sabina não conseguiu mediar o conflito entre Freud e Jung. Os dois homens fizeram o que puderam para que Sabina ficasse ao seu lado. (Richebächer, 2014) Embora Sabina tenha mantido a amizade com os dois rivais até determinado momento, continuou agindo como uma defensora da psicanálise, atuando como psicanalista enquanto teve condições.

Tanto Freud quanto Jung subestimaram a influência que sofreram de Spielrein. Jung, porque ela sabia mais do que ninguém sobre o seu desenvolvimento íntimo, pessoal e conceitual; e Freud, porque associava as ideias dela a Jung e repudiava, por antecipação, qualquer influência vinda de uma fonte tão perigosa. (Appignanesi, Forrester, 2010, p. 336).

Ainda de acordo com a psicanalista Renata Cromberg (2014), é no mínimo curioso compreender que o “mérito” que Sabina teve sobre os trabalhos de Jung e Freud ficou tão pouco evidenciado em seus escritos. Sabina participou ativamente na criação de conceitos importantes na obra de Freud e Jung. No entanto, o que causa estranhamento é o fato de ambos terem negligenciado a contribuição de Sabina na formação intelectual dos dois médicos. Uma das hipóteses levantada por Cromberg (2014) é que Freud pode tê-la enxergado como uma discípula de Jung. Outra hipótese talvez por ser mulher ou por carregar o estigma de ex paciente psiquiátrica. De qualquer forma, não há informação nas fontes consultadas que justifique ou ateste as reais motivações que tanto Jung quanto Freud tiveram para negligenciar o brilhantismo de Sabina através de sua obra.

Após este período sob a supervisão de Freud e Jung, Sabina partiu para Berlim em busca de melhores condições de trabalho, porém agora sob supervisão de Karl Abraham (1877-1925).

¹⁵⁴ Esta informação está baseada no livro editado por Aldo Carotenuto, *A secret symmetry* (1982), retirado dos extratos do diário de Sabina e nas correspondências trocadas entre Sabina, Freud e Jung.

3.5. Os seus anos produtivos em Berlim.

O período em que Sabina viveu em Berlim corresponde aos anos entre 1912 e 1914. Neste período, ocorreram alguns acontecimentos importantes, tanto pessoais quanto profissionais na vida de Sabina. Segundo Launer (2014), sua jornada em Berlim foi caracterizada por muitos desafios. Um pouco antes de se mudar para Berlim, em 14 de junho de 1912, Sabina se casou com o médico russo Dr. Pavel Nahumovich Scheftel. Pertencente a uma família de judeus tradicionais, a cerimônia aconteceu em uma sinagoga na cidade natal dos noivos, Rostov-on-Don. O casal se conheceu em 1911, em Munique, durante uma palestra que Sabina proferiu sobre psicanálise e Pavel era um dos ouvintes (Richebächer, 2012, p. 180).

Relatos apontam que o casamento de Sabina e Pavel foi estimulado pelos pais de Sabina que desejavam que Sabina se casasse com um judeu (Launer, 2014, p.156). Pavel era órfão de pai e vivia com sua mãe e suas irmãs e um irmão. Sendo o filho mais velho, após a morte de seu pai, Pavel passou a ser o responsável pela mãe e pelos irmãos. Pavel se formou médico na Rússia e seu principal interesse na medicina era a pediatria. O marido de Sabina não era um homem ambicioso, priorizando a família mais do que os negócios. Esta característica em sua personalidade foi por vezes motivo de zombaria entre os irmãos de Sabina (Richebächer, 2012).

A característica da relação de Pavel com sua mãe, e esta, por sua vez, com Sabina (sogra e nora), serviu de exemplo para que mais tarde Sabina pudesse escrever um artigo sobre estas relações. Desde o início do casamento, Sabina encontraria problemas com sua sogra. A mãe de Pavel jamais aprovou a relação entre Pavel e Sabina e tal situação foi inspiradora para que anos mais tarde Sabina produzisse o texto “A sogra” (1913e) em referência aos problemas familiares encontrados entre sogra e nora. Neste trabalho, Sabina abordou a posição da mulher na sociedade para, assim, analisar as relações emergentes desta realidade. Sabina ao falar da relação conflituosa entre nora e sogra, revelou que para esta compreensão seria necessário utilizar os conhecimentos da psicologia feminina. De acordo com Sabina (1913e):

Acima de tudo: por que ouvimos sempre tantas coisas sobre sogras maldosas e, comparativamente, tão pouco sobre sogros maldosos? Essa pergunta deve ser respondida principalmente a partir dos conhecimentos da psicologia feminina: a mulher tem muito menos possibilidades de vivenciar seus desejos pessoais na realidade. Em compensação ela possui uma capacidade muito maior de “empatia” por outras personalidades e, assim, de viver suas vidas com elas. (...) Na forma mais intensa desse dom de empatia eu vejo o motivo pelo qual as mulheres, apesar de não estarem nem um pouco atrás dos homens em inteligência e poder de imaginação, não terem criado nem de longe produtos artísticos com mesma importância que eles. (Sabina, 1913, In: Cromberg, 2014, p. 353)

Todavia, se, por um lado, Sabina revelou em seu texto como as mulheres de sua época enfrentaram restrições ao vivenciarem seus desejos pessoais, por outro lado, a relação entre Sabina e Pavel, pouco explorada pelas fontes, também revelou que o casamento teria sido de certa forma arranjado por rabinos (Cromberg, 2008). Ao analisar o diário de Sabina, quase não há alusão ao seu marido. Em seu diário, Sabina se referiu a Pavel apenas uma única vez, no dia 11 de julho de 1912, em decorrência de um sonho que ela teve, após a noite de núpcias, “um sonho após uma noite tumultuada” (Spielrein, 1912, In: Carotenuto, p. 43). Este sonho teria em seu conteúdo alguns elementos conflituosos em relação a sua situação de “não virgem”. (Launer, 2014)

Ainda neste mesmo ano, Pavel e Sabina mudaram-se para Berlim e no ano de 1913 nasceu sua primeira filha. De acordo com Richebächer (2012), Sabina gostaria que sua filha se chamasse Renata, enquanto Pavel gostaria que o nome fosse Irma. Desta forma, juntos decidiram que o nome de sua filha seria Irma Renata Sheftel.

Neste período, Berlim estava se abrindo para uma nova política liberal, privilegiando as questões sociais e as pessoas às margens da sociedade. No bairro onde Sabina e Pavel se estabeleceram havia uma grande quantidade de imigrantes russos e alguns familiares de Sabina viviam em Berlim. Sabina e Pavel escolheram se mudar para Berlim a procura de novas oportunidades em um solo altamente propício para a área médica. (Richebächer, 2012)

Antes de se estabelecer profissionalmente em Berlim, Sabina realizou cursos na Associação de Docentes de Berlim e, após este período, frequentou a Sociedade Psicanalítica de Berlim, quando “contribuiu com uma série de artigos curtos para os periódicos psicanalíticos: sobre o esquecimento dos nomes, sobre simbolismo animal e fobia em um garoto, sobre sonhos menstruais e sobre várias expressões do complexo de Édipo na infância” (Appignanesi, Forrester, 2010, p.337).

Neste período, o presidente e fundador da Sociedade de Berlim era o psicanalista Karl Abraham (1877-1925). O primeiro contato que Abraham teve com a psicanálise foi através de Jung em Zurique e logo se tornou colaborador de Freud. Com o rompimento entre Jung e Freud, vários de seus discípulos tomaram partido a favor de Freud, entre eles Karl Abraham. De origem judaica ortodoxa, Abraham foi um dos discípulos mais fiéis de Freud. (Chamouni, 1990)

De acordo com Richebächer (2012), Karl Abraham sabia da relação que Sabina teve com Jung e não a enxergava com bons olhos. Sabina também não era simpática a Karl Abraham. Outra característica que fazia com que o grupo de Berlim fosse resistente à presença de Sabina era que a Sociedade Psicanalítica de Berlim não era a favor da admissão de mulheres. Cromberg

(2014) reforçou que, ao contrário do grupo de Zurique, o grupo de Berlim “se opunha à admissão de mulheres o que é quebrado apenas em 1911, com a palestra de Tatiana Rosenthal e com a aceitação da primeira mulher, Mira Ginzburg, e da famosa feminista Helene Stocker.” (Cromberg, 2014, p. 39)

De acordo com Launer (2014, p. 161), “neste período, Sabina publicou um total de dez artigos em periódicos psicanalíticos”. Um dos artigos escritos, intitulado “Contribuições para o conhecimento da psique infantil” (1912b), foi o primeiro artigo psicanalítico escrito sobre as fantasias infantis. Neste artigo, Sabina se utilizou de três diferentes casos, sendo que um deles é baseado em sua própria experiência quando criança. A intenção de Sabina era apresentar a relação entre medo e sexualidade (Noth, 2014). Os demais artigos escritos nesta época foram: “A sogra” (1913), “Amor Materno” (1913), “Autossatisfação na simbologia do pé” (1913), “O sonho do Padre Freudenreich” (1913), “O sonho inconsciente no Duelo de Kuprin” (1913), “Dois sonhos sobre a menstruação” (1914), “Simbologia Animal e fobias no caso de um menino” (1914), entre outros.

No ano de 1914, com a eclosão da primeira guerra mundial, enquanto seu marido Sheftel foi convocado para servir como médico no fronte de guerra, Sabina e sua filha Renata circularam pela Europa com o intuito de buscar oportunidades de trabalho e fugir da fome que assolava toda a Europa em decorrência da guerra. (Richebächer, 2012)

Um pouco antes da eclosão da guerra, Sabina e Pavel estariam passando por problemas conjugais. Pavel, como não conseguia se estabelecer profissionalmente em Berlim, sugeriu a Sabina a voltar para a Rússia, no entanto, Sabina não pensava mais em voltar para sua cidade. Neste período, Sabina tinha poucos pacientes, sendo que alguns deles Sabina os atendia gratuitamente, e, por isso, foi necessário contar com a ajuda financeira de seus pais no sustento da casa. Desta forma, quando surgiu a oportunidade de Sheftel servir na guerra, o mesmo partiu para não retornar jamais. Sabina tinha a idade de 29 anos e passou alguns anos vagando pela Europa junto com a filha Renata em busca de oportunidades profissionais. (Richebächer, 2012)

3.6. De volta à Suíça: Lausana e Genebra

Após este período em Berlim, Sabina e Renata se mudaram para Lausana na Suíça e permaneceram na cidade por um período de cinco anos. Entre os anos de 1915 e 1920 Sabina publicou sete artigos na revista *Internationale Zeitschrift für Psychoanalyse*: “Uma decisão

judicial inconsciente”¹⁵⁵ (1915), “As manifestações do complexo de Édipo na idade infantil”¹⁵⁶ (1916); “O Sentimento de pudor nas crianças”¹⁵⁷ (1920); e “Sobre o problema da origem e do desenvolvimento da linguagem”¹⁵⁸ (1920), que foi parte de uma conferência apresentada no VI Congresso Internacional de Psicanálise. Os demais artigos são: “A mulher frágil”¹⁵⁹ (1920); “Erotismo oral recalcado”¹⁶⁰ (1920); “A teoria do nascimento do homem de Renatinha”¹⁶¹ (1920); e o artigo sobre literatura russa¹⁶² publicado pela *Bericht über die Fortschritte des Psychoanalyse*.

Ao analisar os artigos publicados neste período, percebe-se um real envolvimento de Sabina nas áreas da psicologia infantil. Alguns dos textos partem da observação sistematizada do comportamento de sua filha Renata e através deste olhar, Sabina realizou algumas análises sobre o pensamento e o desenvolvimento infantil. Três dos sete trabalhos fazem alusão ao comportamento de Renata¹⁶³. No artigo “Sobre o problema da origem e do desenvolvimento da linguagem” (1920), Sabina desenvolveu uma reflexão sobre a origem e o desenvolvimento da linguagem na criança autista. Estes trabalhos, por sua vez, evidenciaram o pioneirismo de Sabina nas áreas citadas.

Vale a pena ressaltar que até o final da primeira guerra mundial, que terminou no ano de 1918, Sabina enfrentou muitas dificuldades financeiras. Se em um primeiro momento, Eva Spielrein e Nikolai Spielrein (seus pais) enviavam dinheiro para que Sabina e Renata pudessem se manter, com a eclosão da guerra, as movimentações financeiras ficaram comprometidas, tornando-se impossível o envio de dinheiro da Rússia para a Suíça. A filha de Sabina, assim como Sabina em sua infância, sofria de recorrentes problemas de saúde, necessitando de internações em vários momentos de sua vida. Ainda como forma de ganhar dinheiro, Sabina considerou a possibilidade de traduzir as obras de Jung para o russo, no entanto, logo abandonou esta ideia. Neste período, interrompeu os atendimentos psicanalíticos e trabalhou como médica em um asilo para cegos e, logo depois, atuou brevemente como médica cirurgiã. (Richebächer, 2012, p. 213)

¹⁵⁵ No original *Ein unbewusster Richterspruch* (1915).

¹⁵⁶ No original *Die Äusserungen des Oedipuskomplexes im Kindesalter* (1916).

¹⁵⁷ No original *Das Schamegefühl bei Kindern* (1920).

¹⁵⁸ No original *Zur Frage der Entstehung und Entwicklung der Lautsprache* (1920).

¹⁵⁹ No original *Das Schwache Weib* (1920).

¹⁶⁰ No original *Verdrangte Munderotik* (1920).

¹⁶¹ No original *Renatchens Menschenentschungsstheorie* (1920).

¹⁶² No original *Russische Literatur* (1919).

¹⁶³ O sentimento de pudor nas crianças (*Das Schamegefühl bei Kindern*); Sobre o problema da origem e do desenvolvimento da linguagem (*Zur Frage der Entstehung und Entwicklung der Lautsprache*); A teoria do nascimento do homem de Renatinha (*Renatchens Menschenentschungsstheorie*).

De acordo com o relatório feito pela polícia de segurança (*Police de Sûreté*), Sabina permaneceu em Lausana até 14 de outubro de 1920. Após este período, em busca de melhores condições profissionais, Sabina e Renata se mudaram para Genebra.

A década de 1920 foi um período considerado extremamente produtivo na vida de Sabina. A psicanalista havia alcançado certa maturidade intelectual e neste período estabeleceu conexões com grandes teóricos, principalmente das áreas do desenvolvimento infantil. Ainda neste período (1920-1922), realizou um trabalho significativo em psicologia e psicanálise no Instituto Jean-Jacques Rousseau.

De fato, estes anos foram muito produtivos sob a perspectiva da produção científica e um dos períodos em que Sabina deu sua maior contribuição para a posterioridade. Apesar da maior parte dos seus artigos publicados neste período eram sobre psicologia infantil, Sabina também escreveu um texto sobre a interpretação dos sonhos “O sonho com os selos postais” (1922)¹⁶⁴, outro sobre a Suíça¹⁶⁵ e também sobre linguística “A origem das palavras infantis Mama e Papa” (1922)¹⁶⁶.

O Instituto Jean Jacques Rousseau foi fundado no ano de 1912 por Édouard Claparède¹⁶⁷ e tinha como objetivo articular o treinamento de professores com pedagogia experimental e pesquisa em desenvolvimento infantil e linguística. (Vidal, 2001) Quando Sabina foi trabalhar no Instituto, em 1920, Claparède era o presidente do grupo psicanalítico de Genebra. Um dos colegas de Instituto de Sabina neste período foi o psicólogo Jean Piaget (1896-1980).

Piaget, teórico na área de desenvolvimento infantil e epistemologia, muito estudado ainda nos dias atuais, principalmente nos currículos dos cursos de pedagogia recebeu uma influência direta do trabalho de Spielrein. Vidal (2001) aponta que quando Piaget conheceu Sabina, Piaget era dez anos mais novo que Sabina. Esta, por sua vez, com a idade de 35 anos, já havia adquirido certa maturidade intelectual advinda dos anos de experiência, enquanto Piaget ainda estava se formando intelectualmente. Esta informação é pertinente para este trabalho, pois a narrativa do contexto no qual Sabina e Piaget tiveram contato, permitirá a compreensão da contribuição que Sabina Spielrein teve nas obras de Piaget. Sabina foi analista de vários colegas do Instituto, incluindo o próprio Jean Piaget, que fez análise didática com Sabina por oito meses.

¹⁶⁴ Briefmarkentraum (1922).

¹⁶⁵ Schweiz (1922).

¹⁶⁶ Die Entstehung der kindlichen Worte Papa und Mama (1922).

¹⁶⁷ Édouard Claparède (1873-1940) foi um neurologista, psicólogo e pioneiro nos estudos de psicologia infantil. Foi primo e professor sucessor de Théodore Flournoy na Universidade de Genebra.

Só muitos anos mais tarde – em 1975, durante uma entrevista com Jean-Claude Bringuier – é que Piaget conta que fez análise quando jovem. Além disso, nessa ocasião ele afirma que Spielrein teria terminado a análise por conta própria, ao comprovar que não conseguiria convertê-lo em um bom freudiano. Dois anos mais tarde, em uma carta aberta ao *Journal de Genève*, Piaget vai dizer exatamente o contrário: agora afirma que sua análise foi uma análise de formação e que foi concluída com a inteira satisfação da analista (Spielrein). (Richebächer, 2012, p. 238)

Neste caso, é interessante ressaltar que durante esta entrevista, Piaget não revelou o nome de Sabina, informando apenas que fez análise com uma pupila direta de Freud vinda do leste europeu. (Bringuier, 1980)

A relação entre Piaget e Sabina foi além da relação entre analista e analisando. Embora as fontes sejam escassas, Sabina e Piaget mantiveram interesses intelectuais afins e tornaram-se colaboradores na construção sistemática dos estudos sobre o desenvolvimento infantil. É interessante observar que a grande maioria das obras de Sabina é relacionada ao desenvolvimento infantil. Outro ponto em comum entre os dois intelectuais é que ambos tiveram a formação psicanalítica na escola de Zurique. (Vidal, 2001)

Piaget, que nunca se intitulou psicanalista, manteve suas bases teóricas na epistemologia. Sabina, por sua vez, nunca se afastou da psicanálise, ou seja, apropriou-se de seus conteúdos disciplinares sempre os contextualizando na psicanálise.

Todavia, algumas das suposições de Carotenuto (1982) sugerem que, quando Sabina escreveu o texto “O tempo na vida psíquica subliminar” (1923g), ela teria provavelmente se baseado nos conceitos de Piaget de tempo, espaço e causalidade em relação ao que era a consciência da criança. (Vidal, 2001) Vidal (2001) através desta suposição esclareceu que em 1923 Sabina já conhecia o conceito de tempo, espaço e causalidade não como uma concepção kantiana, mas como um conceito adquirido através do desenvolvimento individual (Piaget e Sabina concordavam neste ponto). O segundo ponto no argumento de Vidal (2001) seria que algumas constatações que Sabina teve em relação ao conceito de tempo foram baseadas, principalmente na observação de sua filha Renata, na época com a idade de dois anos. Um terceiro ponto seria que a ideia de que alguns tipos de linguagem não fazem diferenciação de tempo (como a linguagem dos sonhos). Esta afirmação de Sabina teria sido baseada em seus estudos de linguística junto ao professor Charles Bally (1865-1947)¹⁶⁸. E, por último, Sabina analisou os casos de seus pacientes que sofriam de afasia compreendendo que nestes casos

¹⁶⁸ Charles Bally foi um linguista francês responsável por organizar a obra póstuma do linguista Ferdinand Saussure (1857-1913), *Curso de Linguística Geral* (1916). Bally também desempenhou um importante papel na linguística.

havia uma falha na direção do pensamento, como acontecia nas crianças. (Vidal, 2001). Desta forma, a relação intelectual entre Piaget e Sabina nos mostra mais como uma relação de parceria do que uma relação desigual onde um personagem apropria-se das ideias intelectuais do outro. Para Vidal, torna-se aparente que a parceria seria de “reciprocidade e troca”. (Vidal, 2001, p.144)

No entanto, se por um lado a posição do historiador Aldo Carotenuto (1982) acima sugere uma tentativa de atribuir à Piaget uma “iniciativa intelectual” (Vidal, 2001, p.143) em relação à Sabina, é interessante salientar a contribuição de Sabina no trabalho clínico de Piaget. A base metodológica clínica do trabalho de Jean Piaget era a observação atenta das atividades infantis dos seus filhos. Os primeiros trabalhos dele foram entre os anos de 1923 a 1932. Sabina fazia esta observação analítica nos primeiros anos de vida de sua filha Renata. Outra questão que pode-se constatar o que Piaget adaptou do método clínico de Sabina Spielrein foi o modo de ouvir as crianças falarem e tocarem, sendo este “o coração da psicanálise infantil.” (Harris, 2015, p. 753). Harris (2015) ainda relata que “Cada característica de seu método de trabalho está primeiro ou simultaneamente presente em Spielrein; ela é o portal da psicanálise infantil para o desenvolvimento infantil.” (Harris, 2015, p. 753)

O fato de Sabina se interessar por desenvolvimento infantil levou-a a se interessar por linguística. (Vidal, 2001) Esta, por sua vez, seria outra área da vida de Sabina que interessa a este trabalho. O linguista francês Charles Bally foi um grande apoiador de Sabina na área de linguística. Colaborador de Ferdinand Saussure, Bally foi um dos fundadores do estruturalismo. Um artigo no qual Sabina fez referência ao campo da linguística foi “A origem das palavras mama e papa” (1922b). Este artigo, por sua vez, foi apresentado no Congresso Internacional Psicanalítico de Haia, no ano de 1920, mas somente publicado anos mais tarde.

Ainda no ano de 1922, Sabina e Piaget participaram juntos do VII Congresso de Psicanálise em Berlim. De acordo com Richebächer (2012), Sabina apresentou sobre *Uma contribuição psicológica para o problema do tempo*, enquanto Piaget apresentou sobre o *Pensamento da criança*. Ambos os autores se referiam uns aos outros durante suas apresentações. Este teria sido o primeiro congresso de Psicanálise que Piaget participou.

Como foi mencionado acima, poucas fontes foram encontradas para reconstruir a relação entre Sabina e Piaget. (Vidal, 2001) Como Vidal revelou, nenhuma fonte foi capaz de informar como era o verdadeiro relacionamento entre ambos, sendo necessário cruzar os trabalhos e publicações científicas de Sabina e Piaget no mesmo período. (Vidal, 2001). De qualquer forma, Carotenuto (1982) leva-nos a refletir como de fato se deu esta relação,

considerando o curto espaço de tempo em que ambos trabalharam juntos e o fato de Piaget não ter mencionado Spielrein em sua autobiografia. Este fato pode sugerir a hipótese que talvez Piaget não tenha percebido a contribuição de Sabina em seu trabalho com a psicanálise, no entanto, este é um ponto que nos interessa, pois novamente na história de vida de Sabina e suas relações profissionais há uma lacuna silenciosa, instaurada no lugar do “não-dito”, ou seja, do silenciado lugar da mulher e de seus feitos.

Abaixo seguem algumas matérias de jornais da época onde o nome de Sabina aparece. Os jornais apresentam convites de palestras, leituras e seminários que Sabina proferiu neste período.

Como pode ser observado no jornal abaixo, a matéria publicada na sessão sobre livros é um convite à leitura do trabalho de Jean Piaget e Sabina Spielrein. No enunciado tem-se os seguintes dizeres: “Ler em ARQUIVOS DE PSICOLOGIA do número de maio 1923 (Genebra, Kûndig): o pensamento simbólico e o pensamento da criança, por Jean Piaget; algumas analogias entre o pensamento da criança, o do pensamento afásico e do subconsciente, por S. Spielrein; experimento em memória topográfica e na descoberta de um sistema em crianças e macacos inferiores (com 4 fig.); fórmula conveniente para percentil, etc.”



Figura 12: Matéria divulgada pelo Jornal Suíço, *Journal de Genève* em 12 de agosto de 1923. Fonte: www.letempsarchives.ch/recherche?q=Spielrein

No jornal abaixo, publicado no ano de 1922, aparece na sessão sobre Reuniões e Conferências um convite à palestra pública de Sabina Spielrein: “O que os nossos filhos não nos dizem”.



CONFÉRENCES et RÉUNIONS
Carouge. Foire au bétail.
17 h. Cercle des arts et des lettres, 4, quai de la Poste. Cours d'esthétique musicale donné par M. R. Bernard, 3^e séance, jeudi 2 novembre. Étude sur Prokokiéff et la musique russe (propos de la suite scythe, exécutée samedi prochain à l'O.S.R.) avec le bienveillant concours de Mme Rahm, cantatrice, et de Mlle Robert, violoniste, qui exécuteront des œuvres de Moussorski, Stravinski et Prokokiéff.
17 h. Institut J.-J. Rousseau. Conférence de Mme Spielrein: Ce que nos enfants ne nous disent pas.

Figura 13: Matéria divulgada pelo jornal suíço, *Journal de Genève*, em 02 de novembro de 1922. Fonte: www.letempsarchives.ch/recherche?q=Spielrein

A matéria abaixo é um convite à palestra de Sabina Spielrein no Instituto J.J. Rousseau. No pequeno trecho pode-se ler os seguintes dizeres: “A Sra. Spielrein, Dr Med., Ex-assistente do professor Freud, de Viena, estará, na terça-feira à noite, no Instituto J.-J. Rousseau, Taconnerie, 5, à disposição de pessoas interessadas em aprender sobre a psicanálise educativa e científica.”

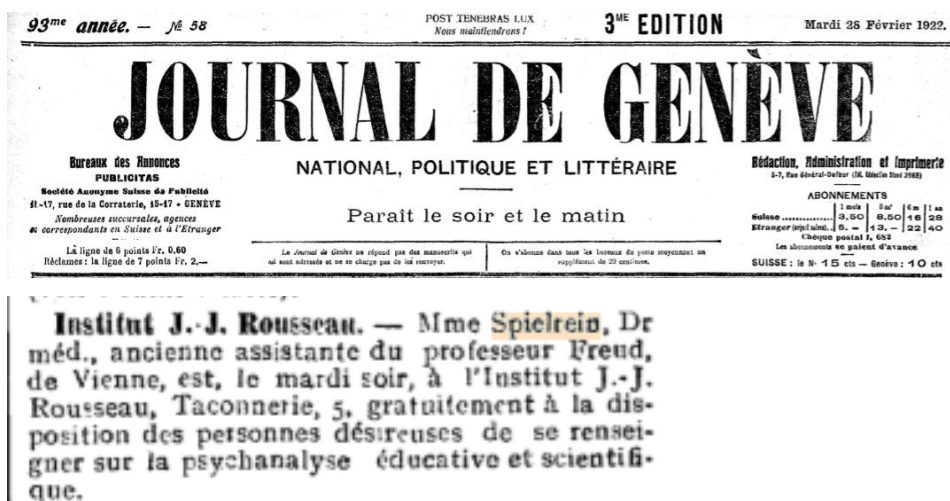


Figura 14: Matéria divulgada pelo Jornal Suíço, *Journal de Genève* em 28 de fevereiro de 1922. Fonte: www.letempsarchives.ch/recherche?q=Spielrein

Abaixo, mais uma das inúmeras palestras que Sabina proferiu. Na sessão sobre Reuniões e Conferências, a matéria é um convite à palestra pública de Sabina Spielrein: “Os maus hábitos da criança e do adolescente”.



Figura 15: Matéria divulgada pelo jornal suíço, *Journal de Genève*, em 17 de maio de 1921. Fonte: www.letempsarchives.ch/recherche?q=Spielrein

Desta forma, como pode ser observado, estes anos foram anos extremamente significativos na vida profissional de Sabina. Spielrein permaneceu em Genebra até o ano de 1923. Nos anos posteriores, ao retornar à União Soviética, Sabina manteve-se atuando como psicanalista, atendendo crianças, proferindo palestras e assim permaneceu até o final de sua vida.

3.7. O retorno à União Soviética

Posteriormente, no ano de 1923, aos 38 anos, Sabina retornou para a União Soviética, estabelecendo-se em Moscou até 1924, onde trabalhou como psicanalista no Instituto Psicanalítico de Moscou. De acordo com Etkind (1994), Spielrein retornou ao seu país de origem por razões financeiras, profissionais e pessoais. O dinheiro recebido pelo seu trabalho em Genebra não estaria sendo suficiente para as suas despesas e Sabina não estava satisfeita com os seus colegas de instituto.

Durante os anos pós-guerra, o marido de Sabina, Sheftel, permaneceu morando na Rússia, mas mantiveram-se em contato por correspondência durante todos estes anos. A todo momento, tanto Sheftel, quanto Eva e Nikolai insistiam para que Sabina retornasse para a Rússia. Até que, no ano de 1923, Sabina decidiu atender aos pedidos de Sheftel e de seus pais¹⁶⁹.

¹⁶⁹ Infelizmente, Eva Spielrein não teve a oportunidade de se despedir de Sabina e Renata. Eva morreu em 25 de março do ano de 1922, em Rostov-on-Don.

Contextualizando este momento na vida de Sabina ao momento histórico que acontecia na então União Soviética, o ano de 1923 foi um período cercado por acontecimentos drásticos, pós primeira guerra mundial (1914–1918) e pós Revolução Russa (1917). Havia um interesse político geral e uma necessidade real de um maior investimento em educação. Com as crises geradas em decorrência dos acontecimentos citados, milhares de pessoas morreram e várias crianças ficaram órfãs, sendo necessária a criação de orfanatos que abrangessem as necessidades destas crianças. Havia também, neste período, na União Soviética, projetos de desenvolvimento baseados nos ideais do novo regime.

A psicanálise e outras disciplinas atenderam demandas ideológicas relacionadas aos tipos de ciências aceitas na União Soviética. Desta forma, Moscou, neste período, enquanto capital da União Soviética, estava abrindo novos caminhos para a psicanálise, principalmente como resposta a demanda no tratamento de crianças. O historiador e filósofo russo, Victor Ovcharenko (1999), delineou uma periodização da história da psicanálise na Rússia.¹⁷⁰ O período entre 1922 e 1932 foi caracterizado pela institucionalização da psicanálise, quando surgiram grupos e organizações psicanalíticas. Uma característica deste período foi a popularização da literatura psicanalítica para as grandes massas (Ovcharenko, 1999, p. 450).

A biógrafa Richebächer (2012) também descreveu as demandas científicas trazidas pelos russos neste período histórico:

Neste ínterim, a situação econômica permanece crítica. É necessário êxito rápido, e os bolcheviques lançam mão de tudo que lhes permita atingir seus propósitos. Um grande número de pessoas é encarregado de realizar experimentos com biologia e ‘eugenia’, pedagogia, psicotécnica, psicologia, fisiologia, cirurgia, nutrição, higiene e, em âmbito mais restrito, com a psicanálise freudiana. A partir desse ímpeto, são fundadas várias novas instituições nas primeiras décadas pós-revolução. Tudo isso, porém, acontece muito devagar. (Richebächer, 2012, p. 264)

O primeiro grupo de psicanálise da União Soviética foi criado no ano de 1921, chamado de Associação Psicanalítica para Pesquisa da Criação Artística, e mais tarde passa a chamar Associação Psicanalítica Russa (Richebächer, 2012). Ainda sobre o período de ascensão da psicanálise na União Soviética, Richebächer (2012) aponta que Ernest Jones¹⁷¹ estaria bastante

¹⁷⁰ Períodos na história da psicanálise russa: 1º período: O educacional (1904-1910), caracterizado pela difusão das ideias de Freud na Rússia, com o caráter educacional. O 2º período: O adaptativo (1910-1914), caracterizado pela difusão da psicanálise na esfera profissional. O 3º período: O desintegrativo (1914-1922) caracterizado pelo colapso nas esferas orientadas pela psicanálise. O 4º período: O institucional (1922-1932) caracterizado pela institucionalização da psicanálise. O 5º período: O latente, caracterizado pelo fim da psicanálise na Rússia. O 6º período: O bilateral. E o 7º e último período: O integrativo. (Ovcharenko, 1999, p. 344)

¹⁷¹ Alfred Ernest Jones (1879-1958) foi um psicanalista inglês, amigo e biógrafo oficial de Sigmund Freud.

entusiasmado com as condições da psicanálise neste período, no entanto, o preocupava o fato de não ter ninguém que conhecia profundamente a psicanálise.

É importante salientar que durante o regime de Lenin (1870-1924) a psicanálise teve uma aceitação e uma recepção considerável neste período. No entanto, após a morte de Lenin em 1922, e a ascensão de Stalin (1878-1953) ao poder, a psicanálise passou a ser enxergada como uma “ciência burguesa”, sendo, então, banida da União Soviética¹⁷². Desta forma, a psicanálise deu lugar a novas formas de tratamento, como foi o caso do crescimento do campo da pedologia¹⁷³, que surgiu nos países da União Soviética¹⁷⁴.

Neste período, ainda por volta do ano de 1923, Sabina foi a pioneira no campo da pedologia. Seus colegas de instituto incluíam nomes como o de Alexander Luria¹⁷⁵ e Lev Vygotsky¹⁷⁶. De acordo com Launer (2014, p.2), “ambos desenvolveram teorias baseados em suas ideias”. Sabina era 10 anos mais velha do que Vygotsky e 20 anos mais velha do que Luria. Em relação a influência que Vygotsky teria adquirido a partir de seu contato com Sabina, Etkind (1994) revelou que Vygotsky chegou em Moscou no ano de 1924, neste período o foco de trabalho de Sabina era a compreensão psicológica entre o pensamento e a linguagem das crianças. Vygotsky, por sua vez, com o intuito de compreender o pensamento da criança, focou seu trabalho neste período na concepção do desenvolvimento cultural, concentrando-se na linguagem enquanto ferramenta do pensamento. (Lucci, 2006). Desta forma, Etkind sugeriu que o trabalho de Spielrein sobre a psicologia do desenvolvimento das crianças teria sido a fonte teórica tanto em Piaget quanto em Vygotsky.

Ainda no ano de 1923, Sabina publicou o artigo em francês *Sonho e visão de estrelas cadentes* (1923)¹⁷⁷, sugerindo se tratar de uma publicação de cunho autobiográfico. (Richebächer, 2012)

¹⁷² De acordo com Ovcharenko (1999), quase não há documentação e estudos sobre este período da história psicanalítica russa.

¹⁷³ Minkova relata que embora a pedologia enquanto um ramo independente da psicologia tenha surgido por volta do ano de 1904, os períodos entre 1922 e 1936 foram os anos de maior desenvolvimento da pedologia como uma ciência. (Minkova, 2012)

¹⁷⁴ De acordo com Minkova, “A Biblioteca Nacional Russa em São Petersburgo contém 833 livros sobre pedologia, publicados no período entre 1904 e 1936 (Biblioteca Nacional da Rússia, 2010). A maioria dos estudos sobre a psique da criança publicados na época pode ser dividida em vários grupos: livros didáticos sobre pedologia, métodos e programas de pedologia, estágios apropriados ao desenvolvimento mental, anormalidades no desenvolvimento mental, orientação profissional e o papel do ambiente no desenvolvimento mental das crianças.” (Minkova, 2012, p. 84)

¹⁷⁵ Alexander Romanovich Luria (1902-1977) foi um psicólogo soviético, especialista em neuropsicologia. Segundo Launer (2014), Luria tornou-se um dos melhores neuropsicólogo do século XX.

¹⁷⁶ Lev Semyonovich Vygotsky (1896-1934) foi um psicólogo soviético, desenvolveu a teoria da psicologia sócio-histórica.

¹⁷⁷ *Rêve et vision des étoiles filantes.*

Sabina, durante o período referido, trabalhou com vários teóricos importantes que seriam estudados anos mais tarde, principalmente na área da psicologia infantil. Embora tenha sido um período de muito trabalho, Sabina enfrentou diversas dificuldades financeiras em Moscou. Trabalhou primeiramente na Sociedade Psicanalítica Russa e no Instituto Estatal de Psicanálise, chegou a fazer parte da presidência da Associação Psicanalítica Russa, e, por fim, decidiu retornar para sua cidade natal.

Sabina retornou para Rostov no ano de 1924 e logo reatou sua relação com Pavel Scheftel. Pavel neste período estaria envolvido com a médica russa Olga Snitkova, no entanto, quando Sabina voltou para Rostov, Pavel abandonou Olga para reatar com Sabina. Da relação entre Olga e Pavel, nasceu Nina Snitkova. (Richebächer, 2012). Em 18 de junho do ano de 1926, Sabina teve sua segunda filha Eva Spielrein. A relação entre Sabina e Pavel manteve-se até a morte de Sheftel no ano de 1937.

Entre os anos de 1926 e 1930, Sabina trabalhou como pedóloga no ambulatório escolar e em uma policlínica psiquiátrica, atuando com crianças e criando várias técnicas de tratamento (Richebächer, 2012). Escreveu o texto, *Alguns breves aportes sobre a vida infantil* (1927/28) e, no ano de 1931, publicou o artigo *Desenhos infantis com os olhos abertos e fechados*.

Por volta de 1936, a pedologia foi banida da União Soviética em determinação feita pelo partido comunista liderado por Stalin. Richebächer (2012) aponta que a pedologia era compreendida como uma “pseudociência burguesa”, sendo eliminada de vez neste período. Sabina, desde então, trabalhava meio horário, sua filha Renata atuava como enfermeira e, ocasionalmente, Renata e Eva tocavam instrumentos como forma de ganhar dinheiro. No entanto, seus salários mal davam para comprar comida. (Launer, 2014)

Neste período, acontecia simultaneamente vários movimentos políticos devastadores principalmente antissemitas. Os russos viviam sob a égide do regime socialista liderado por Josef Stalin que perseguiu, exilou e matou os considerados dissidentes durante seu regime. Stalin permaneceu na liderança do Partido Soviético Comunista entre os anos de 1929 a 1932, alguns de seus projetos incluíam a Dekulakização, que significava a morte ou a deportação dos camponeses ricos (chamados pejorativamente de *Kulaks*) junto a suas famílias para o ártico, e a Coletivização, que significava que os civis deveriam doar suas terras para o partido. (Conquest, 1986). Antes mesmo deste período, o palácio onde a família de Sabina vivia já havia sido confiscado pelo partido comunista dando lugar a uma moradia coletiva. (Launer, 2014)

Os anos de 1937 e 1938 foram anos trágicos na vida de Sabina. Os três irmãos mais novos foram executados pelos russos, acusados de serem inimigos do estado¹⁷⁸. Seu marido Sheftel morreu em decorrência de um ataque cardíaco e em 17 de agosto de 1938 seu pai Nikolai vem a falecer por causas naturais (Richebächer, 2012, p.297).

Com a eclosão da segunda guerra mundial, que durou entre os anos de 1939 e 1945, a situação da população dos países europeus ficou ainda mais complicada.

Do outro lado, na Alemanha, havia o partido nazista liderado por Adolf Hitler (1889-1945) cujas ambições durante a guerra incluía conquistar alguns outros países da Europa. Em seu projeto de disseminação dos ideais nazistas na Europa, o primeiro país a ser anexado à Alemanha foi a Áustria. O desejo de Hitler era a conquista da Polônia. Após a invasão de Hitler da Eslováquia, seu próximo passo seria a Polônia, no entanto, Stalin, preocupado com a situação da União Soviética diante da guerra, sugeriu, primeiramente, alianças com a França e a Inglaterra, que, até este momento, estavam neutras em relação ao envolvimento na guerra. Sem sucesso, Stalin convocou uma reunião com Hitler e, no dia 23 de agosto de 1939, assinaram um pacto de não agressão. Secretamente, acordaram que a Polônia seria dividida entre os dois países. No dia 1º de setembro de 1939, a Polônia foi invadida pelo exército alemão. (Kitchen, 2013)

No entanto, a Alemanha nazista quebrou o acordo com a União Soviética, após invadirem a Polônia, em uma operação chamada Barbarossa, os nazistas se organizaram para invadir a União Soviética no ano de 1941. O historiador Martin Kitchen (2013) chama a atenção para o comando de Hitler na invasão da União Soviética: “Hitler anunciou que ela seria ‘uma batalha entre visões de mundo’, na qual a *Einsatzgruppen* destruiriam os intelectuais judeu-bolchevistas. A população civil não deveria receber nenhuma misericórdia” (Kitchen, 2013, p. 410).

Ainda neste período, a filha de Sabina, Renata, morava em Moscou, e, ao ouvir sobre a ameaça de que os alemães invadiriam a União Soviética, viajou até Rostov para permanecer ao lado de sua mãe Sabina e de sua irmã Eva. (Launer, 2014)

De acordo com as fontes, ocorreram três invasões dos nazistas em Rostov, entre os anos de 1941 e 1942. Os alvos de Hitler eram Moscou, por sua posição econômica; Leningrado¹⁷⁹, por sua posição política e Kiev na Ucrânia, devido a sua posição ideológica (Cromberg, 2014).

¹⁷⁸ Em 26 de dezembro de 1937, Isaak Spielrein foi fuzilado, acusado de espionagem e participação em uma organização contrarrevolucionária. Em 10 de setembro de 1937, Jean Spielrein foi condenado à morte por participação no Partido Democrata e Emil Spielrein foi fuzilado em 10 de junho de 1938. (Richebächer, 2012) Nikolai Spielrein, pai de Sabina, também foi torturado e preso, mas logo foi solto. (Launer, 2014)

¹⁷⁹ Atual São Petersburgo.

No entanto, por questões geográficas e estratégicas, chegaram a Rostov. Alguns autores consideram que este episódio teria sido um dos mais violentos da história do Holocausto. Os nazistas perseguiram principalmente judeus e ciganos e exterminaram milhões de pessoas. De acordo com Kitchen (2013),

Bem mais de cinco milhões de judeus foram mortos no Holocausto, mas eles não foram as únicas vítimas da assustadora obsessão dos nazistas. Até 3 milhões de poloneses foram massacrados, e o mesmo aconteceu com um número pelo menos igual de civis soviéticos, além dos 2,1 milhões de judeus soviéticos; 3,3 milhões de prisioneiros de guerra soviéticos também morreram, a maioria de inanição. Além disso, cerca de meio milhão de ciganos foram assassinados. (Kitchen, 2013, p. 422)

No dia 27 de novembro do ano de 1942, em uma das operações em Rostov, todos os judeus, incluindo Sabina e suas duas filhas, foram levados para uma região mais afastada da cidade e foram executados com fuzis. Sabina, Renata e Eva morreram nesta data (Launer, 2014). De fato, Sabina não acreditava que os alemães fossem capazes de tal atrocidade. Tendo a oportunidade de fuga por algumas vezes, Sabina decidiu permanecer em Rostov. Etkind (1994) apontou que a decisão de Sabina ter permanecido em Rostov se deu por ela não acreditar nos avisos dos Bolcheviques em relação a ameaça nazista, achando que esta poderia ser apenas uma peça de propaganda soviética.

Os últimos anos da vida de Sabina foram bem penosos. Relatos de sua enteada Nina apontam que as consequências dos anos da guerra deixaram Sabina e suas duas filhas empobrecidas financeiramente. Sabina aparentava estar bem mais velha do que sua idade real. As filhas Renata e Eva estavam com as idades de 39 e 26 anos. (Launer, 2014)



FIGURA 16: Eva Spielrein



FIGURA 17: Sabina Spielrein

Fonte: *Sex versus Survival: The life and ideas of Sabina Spielrein*.

Sabina Spielrein morreu com a idade de 57 anos, deixando para a posteridade seu talento, seu pioneirismo e sua luta. Sua luta foi pacífica. Nunca teve inimigos, nem mesmo nunca levantou uma bandeira ideológica. Embora pouco representada na história da psicanálise,

da psiquiatria e da psicologia, Sabina deixou como herança sua energia, sua força e o seu brilhantismo intelectual.

(...) [Sabina foi] uma mulher de energia emocional e intelectual inesgotáveis, com uma capacidade eterna de se envolver em relacionamentos intensos e de estar atenta para a coisa certa no momento certo. Spielrein foi uma idealista apaixonada, uma mulher de imensa força de caráter, com uma grande capacidade de recuperação. Ela foi a primeira psicanalista importante, e até bem pouco tempo permanecia completamente esquecida (Appignanesi, Forrester, 2010, p. 318).

3.8. Legado de Sabina Spielrein

Em 1905, Sabina escreveu em seu diário que quando morresse seu desejo era que em seu túmulo fosse plantado uma árvore de carvalho em sua homenagem. Lamentavelmente, Sabina não pôde ser enterrada, porém no local onde possivelmente ocorreu seu assassinato, fizeram-lhe seu desejo, plantando-lhe uma árvore de carvalho. (Richebächer, 2012)

Último desejo. Após minha morte, somente permitirei que minha cabeça seja dissecada, se não for muito terrível de olhá-la. Nenhuma pessoa jovem estará presente na dissecação. Somente o estudante mais interessado poderá observar. Eu deixo meu crânio para nossa escola. Este deve ser colocado em um recipiente de vidro e decorado com flores eternas. No recipiente de vidro deve ser gravado (em russo): ‘Permita a jovem vida tocar na entrada do túmulo e deixe a indiferente natureza brilhar com eterno esplendor’. Meu cérebro, eu dou a você. Coloque-o em um belo vaso similarmente decorado e nele deve estar escrito as mesmas palavras. Meu corpo será cremado. Mas ninguém estará presente. Divida minhas cinzas em três partes. Coloque uma das partes em uma urna e envie-a para casa. Espalhe a segunda parte sob o chão de nosso maior campo. Plante uma árvore de carvalho e escreva: ‘Eu também fui um ser humano e meu nome era Sabina Spielrein’. Meu irmão dirá a você o que será feito com a terceira parte. (Spielrein, 1905, In: Wharton, 2001, p.97)

Como em vários momentos da história das mulheres na ciência, a história de Sabina Spielrein foi marcada por exclusões, rupturas, mas também por inclusões e recomeços. Os sintomas corporais e psicológicos que Sabina apresentou ainda durante sua infância e adolescência já revelavam uma mente inconformada e, logo, subversiva em relação à ordem estabelecida pelos seus pais. Os colapsos que Sabina apresentou, o primeiro aos dez anos de idade e, o mais significativo, aos dezoito, levaram-na, em última instância, ao processo de cura. A condição anterior de Sabina foi desestabilizada para algo novo renascer. Ela se desfez para se refazer. Seu ego se desintegrou para integrar em uma nova posição. E logo ela passou da posição de objeto para sujeito na construção do saber psicanalítico, psicológico e psiquiátrico. Como tantas outras mulheres “históricas”, Sabina resistiu, subverteu e foi além: tornou-se

médica, psicanalista e rompeu com a estrutura social do que era esperado das mulheres em seu tempo. Sabina seguiu o seu “chamado superior”, deixou seu legado, sua obra e sua narrativa.

Agora é destino! Esta é a minha última palavra. Resisto, apesar do terrível medo que me tira o sono e a vontade de comer, que me faz correr apavorada de um lado para o outro. Resisto porque devo criar algo grande e nobre, e não sou feita para a banalidade. O que conta é a luta para a vida e para a morte. Se existe um Deus Pai, que me escute! Nenhuma dor me é insuportável, nenhum sacrifício é muito grande para realizar o meu sagrado destino! Sabina Spielrein, em II.1911 (Spielrein, 1911, In: Carotenuto, 1980, p. 226)

Sabina foi invisibilizada pelo establishment psicanalítico. Uma forma de remediar essa invisibilidade é, principalmente, recuperando as suas contribuições para a história da psicanálise, da psicologia e da psiquiatria. Seu legado vai além de seus feitos. Contar sua história é uma forma de contar a história de todas as mulheres, não apenas da psicanálise, mas de todas as mulheres marginalizadas pela historiografia tradicional da ciência.

O legado de Sabina foi evidenciado por todos aqueles que escreveram sobre a vida e a obra de Spielrein. De acordo com John Launer (2014, p.246), seu legado intelectual perpassou diversas áreas, no entanto, o que mais ficou evidente foram: a) o conceito de “instinto de morte” que Sigmund Freud utilizou em seu texto *Além do princípio do prazer* (1920) e b) o conceito de “anima”, criado por Carl Gustav Jung. No entanto, o autor reforçou que o conteúdo teórico levantado por Sabina foi muito além desses conceitos vinculados a Freud e Jung. Os biógrafos de Sabina, John Launer (2014) e Sabina Richebächer (2012) realizaram um levantamento da produção intelectual de Sabina e poderíamos considerá-la como pioneira em diversas áreas. Abaixo segue a relação de trabalhos pioneiros de Sabina observado na bibliografia estudada:

a) No ano de 1911, em sua tese para título de doutora, Sabina escreveu o primeiro estudo sobre a importância do diálogo no tratamento de pacientes diagnosticados com esquizofrenia. (Launer, 2014, p.248)

b) Seu trabalho de conclusão no curso de medicina foi o primeiro trabalho de doutorado aceito com uma abordagem psicanalítica e publicado em um jornal psicanalítico. (Launer, 2014, p.248)

c) No artigo “A destruição como origem do devir” (1912), Sabina criou o conceito de “instinto de morte”, utilizado anos mais tarde por Sigmund Freud, no texto “Além do princípio do prazer” (1920). (Launer, 2014, p. 248)

d) No artigo “Contribuições para o conhecimento da psique infantil” (1912b), Sabina escreveu sobre as fantasias infantis em relação à gravidez e ao nascimento, sendo esta a primeira

tentativa sistemática de descrever a imaginação da criança (que se tornaria rotineiro no trabalho de Piaget). (Launer, 2014, p.248)

e) O artigo “A sogra” (1913e) foi o primeiro artigo publicado sobre a relação entre sogra e nora e logo sobre estas interações familiares. (Launer, 2014, p.248)

f) No artigo “Simbolismo animal e fobia em um menino” (1914b), Sabina escreveu sobre um garoto com fobia de macacos. Provavelmente, este foi o primeiro menino tratado com o “*talking cure*” e o uso de memórias e associações. (Launer, 2014, p.249)

g) Pioneira na pesquisa observacional através da maneira como a criança conversa. Esta afirmação pode ser constatada através do texto “Análise rápida de uma fobia infantil” (1921). (Launer, 2014, p. 249)

h) No artigo “A origem das palavras infantis papai e mamãe” (1922b), Sabina foi pioneira ao articular linguística, psicanálise e desenvolvimento infantil. Neste texto, a psicanalista desenvolveu a relação existente entre a mente inconsciente, a fala da criança e vítimas de acidentes cardiovasculares. (Launer, 2014, p.249)

i) “Ela é a primeira analista a descrever e investigar o significado do ato de sugar como uma experiência fundamental na vida da criança”. (Richebächer, 2012, p. 237) Esta informação foi apresentada através do texto publicado por Sabina, “As origens das palavras infantis mamãe e papai” (1922)¹⁸⁰.

j) “As explicações de Spielrein antecipam várias ideias importantes sobre o desenvolvimento de empatia sobre a individuação e o ego sobre as condições para a criatividade” (Richebächer, 2012, p. 237). Estas ideias foram desenvolvidas no texto “As origens das palavras infantis mamãe e papai” (1922) e, de acordo com Richebächer (2012), Donald Winnicott (1896-1971)¹⁸¹ trabalhou com estes conceitos somente nas décadas de 50 e 60.

k) Primeira pessoa a usar brincadeira com crianças. (Launer, 2014, p. 249)

l) Utilizando a pedologia, ela adaptou as ferramentas da psicanálise para a União Soviética. (Launer, 2014, p. 249)

¹⁸⁰ De acordo com Richebächer, “Melanie Klein vai tematizar apenas em 1936, em uma conferência sobre o desmame, por meio dos conceitos de ‘peito bom’ e ‘peito mau’”. (Richebächer, 2012, p. 237)

¹⁸¹ Donald Woods Winnicott foi um pediatra e psicanalista inglês especialista em psicologia do desenvolvimento infantil. “Criou o termo objeto transicional para designar um objeto material (brinquedo, animal de pelúcia ou pedaço de pano) que tem para o bebê e a criança um valor eletivo, que lhe permite efetuar a transição necessária entre a primeira relação oral com a mãe e uma verdadeira relação de objeto.” (Roudinesco; Plon, 1998, p.554)

4. Considerações Finais

O ponto principal deste trabalho baseou-se na problemática encontrada nas diversas histórias de mulheres na ciência. A negligência, a invisibilidade, a apropriação científica pelos seus colegas homens, a exclusão foram alguns dos adjetivos que relacionamos à participação das mulheres nos campos citados. Desta forma, por mais que historiadores da psicanálise têm produzido importantes obras com o intuito de preencher estas lacunas, as mesmas ainda permanecem e mantêm o trabalho de muitas das mulheres cientistas no silêncio.

Embora Sabina Spielrein subverteu a ordem, apropriou-se de um lugar que de acordo com o contexto social não estava destinado às mulheres, ainda hoje, são poucos os espaços que o seu trabalho é articulado. Sabina foi tratada pela historiografia como “histérica”, “psicótica” e “esquizofrênica”. (Cromberg, 2008). Mas também como amante de Carl Gustav Jung. Por outro lado, foi descrito como “uma mulher brilhante”, “pioneira em várias áreas”. (Launer, 2014) No entanto, há muito o que fazer, ou seja, questões que não puderam ser investigadas neste trabalho precisam ser continuadas em um trabalho posterior.

Os biógrafos de Sabina levantaram algumas hipóteses sobre alguns dos motivos relacionados ao esquecimento do trabalho intelectual de Sabina. Entre eles estão o fato de Sabina ter sido judia, russa, não ter fundado nenhuma escola de pensamento e por, além de ser mulher, “ter agido e escrito como uma mulher”. (Launer, 2014) Outra questão seria a sua posição de ex-paciente psiquiátrica. (Cromberg, 2014) Estes fatores teriam sido enxergados em sua época como classificações depreciativas de sua imagem.

A afirmação acima de que Sabina foi esquecida por, além de ser mulher, “ter agido e escrito como mulher” (Launer, 2014) também interessou a este trabalho na medida em que a afirmação vem carregada de preconceitos à forma como a mulher faz ciência, sendo por vezes acusadas de serem pouco objetivas, fazendo com que suas análises perdessem o rigor técnico tão caro às ciências. O fato do homem ser reconhecido por sua relação com a “objetividade, racionalidade, bons métodos, ciência real, progresso social, civilização” (Harding, 2008, p.3), enquanto a mulher esteve assentada na relação oposta a estes adjetivos, reforçou a ideia de que a ciência feita por mulher¹⁸² seria uma ciência desprovida de valor. (Harding, 2008)

Talvez o fato de Sabina ter utilizado o seu conhecimento adquirido através da sua experiência como mãe e como mulher, teorizando sobre estas questões em seus trabalhos, fez

¹⁸² Neste caso pode-se refletir sobre a categoria estática e essencialista que empregou-se à mulher, ou seja, ela vem carregada de características que rotulou-a neste lugar de subjetividade, relacionando-a ao primitivo. (Harding, 2008)

com que o teor de seu trabalho fosse encarados por seus pares ou pela historiografia estudada como desprovidas de valor.

Sabina Spielrein subverteu a ordem de duas maneiras: ao ser “histérica” e ao se tornar médica. No primeiro caso, pode-se pensar na função simbólica que a histeria representava. A categoria “histeria” tanto uma classificação psicopatológica quanto uma normatização de uma sociedade onde a ordem social androcêntrica prevalecia logo cumpriu a função de endossar o lugar da mulher “histérica” fora desta sociedade, ou seja, internada, institucionalizada e estigmatizada. No entanto, a histeria também representou um lugar de insubordinação. “A histérica, o exemplo mais eminente da mulher enquanto sintoma da cultura, é aquela que denuncia através de seu sintoma uma das causas de sua infelicidade: uma civilização demasiadamente fálica que se opõe ao seu querer feminino” (Assoun, 1993, p.13): ou como afirmou Hunter (1983) “o feminismo é a histeria transformada , ou, mais precisamente, aquela histeria era um feminismo sem uma rede social no mundo exterior.” (Hunter, 1983, p.485) Desta forma, a presença ou ausência “de uma rede social no mundo exterior” (ou a passagem da passividade para a atividade) determinou em vários casos o sucesso ou o fracasso de muitas pacientes históricas. (Rocha; Rocha, 2017) O caso de Sabina se encontra exatamente nesta perspectiva, onde sua cura ocorreu através do desenrolar da passividade (paciente histérica) à atividade (médica).

Todavia, muitas das mulheres questionaram este lugar concedido à elas na esfera do privado, como os exemplos de Hermine Hug-Hellmuth, Helene Deutsch, Margarete Hilferding, Karen Horney, Sabina Spielrein e várias outras mulheres que tornaram-se produtoras do conhecimento científico, rebelando-se, de certa maneira, contra este sistema de exclusões. A circulação das ideias entre estas mulheres através de suas produções intelectuais também é um tema de interesse, a partir do momento em que estas mulheres formaram um contingente psicanalítico através do olhar feminino em uma sociedade falocêntrica e androcêntrica.

Todavia, se as questões de gênero esteve nas entrelinhas em todo o trabalho, não pode-se deixar de mencionar que o que fica de mais marcante no trabalho de Sabina, além do pioneirismo em diversas áreas, como foi citado várias vezes, foi o exemplo de como as mulheres contribuíram para as áreas científicas, mas, que quase na mesma proporção, foram esquecidas. Aos poucos, o nome de Sabina vem recebendo o seu mérito. Há muito ainda o que fazer para resgatar a produção intelectual de tantas mulheres, mas não apenas resgatar, mas fazer com que estas descobertas sejam utilizadas como fontes de conhecimento científico.

Por todas as mulheres que foram de alguma maneira excluídas, silenciadas, apagadas da história. Por tantas Sabinas, Helenes, Margaretes, Karens, Lous, Emmas, Hildas, Maries, Martas, Mirnas, Annas, Hermineas. E que em algum momento, suas histórias deixem de ser silêncios e tornem-se presenças.

REFERÊNCIAS

- APPIGNANESI, L.; FORRESTER, J. **As Mulheres de Freud**. Rio de Janeiro: Record, 2010.
- ARNAUD, S. **On Hysteria: The Invention of a Medical Category between 1670 and 1820**. Chicago: The University of Chicago Press, 2015.
- ASSOUN, P. L. **Freud e a Mulher**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora, 1993.
- _____. **Introdução à Epistemologia Freudiana**. Rio de Janeiro: Imago, 1983.
- BERG, J.H. **Psicologia Profunda**. São Paulo: Ed. Mestre Jou, 1970.
- BERNAL, J.D. **Ciência na História**. Lisboa: Livros Horizonte, 1965.
- BERTIN, C. **A Mulher em Viena nos Tempos de Freud**. Campinas: Papirus Editora, 1990.
- BRINGUIER, J.C. **Conversations with Jean Piaget**. Chicago: The University of Chicago Press, 1980.
- BROOKE, J.H. **Science and Religion: Some Historical Perspectives**. Cambridge: Cambridge University Press, 1991.
- CAPONI, S. **Loucos e degenerados: uma genealogia da psiquiatria ampliada**. Rio de Janeiro: Ed. Fiocruz, 2012.
- CAROTENUTO, A. **A Secret Symmetry: Sabina Spielrein between Jung and Freud**. New York: Pantheon Books, 1982.
- _____. **Senso e contenuto della psicologia analitica**. Italia: Bollati Boringhieri, 1990.
- CHEMOUNI, J. **História do Movimento Psicanalítico**. Rio de Janeiro: Zahar Editora, 1990.
- CLAY, C. **Labyrinths: Emma Jung, Her Marriage to Carl, and the Early of Psychoanalysis**. New York: Harper Collins Publishers, 2016.
- CONQUEST, R. **The harvest of sorrow: Soviet collectivization and the terror famine**. Oxford: Oxford University Press, 1986.
- COVINGTON, C; WHARTON, B.(orgs.). **Burghölzli records of Sabina Spielrein**. In Sabina Spielrein: forgotten pioneer of psychoanalysis. New York: Brunner Routledge, 2003, pp. 79-109.
- CROMBERG, R.U. **O amor que ousa dizer o seu nome**. Sabina Spielrein: Pioneira da psicanálise. São Paulo, 2008. Tese (Doutorado em Psicologia). Instituto de Psicologia. Universidade de São Paulo.
- _____. (Org.) **Sabina Spielrein: uma pioneira da psicanálise / obras completas**. São Paulo: Livros da Matriz, 2014.
- DEUTSCH, H. **Confrontations with Myself: An Epilogue**. New York: W.W. Norton & Company, 1973.
- DIDI-HUBERMAN; G. **Invention of Hysteria: Charcot and the Photographic Iconography of the Salpêtrière**. USA: Massachusetts Institute of Technology, 2003.
- ELLENBERGER, H.F. **The Discovery of the Unconscious: The History and Evolution of Dynamic Psychiatry**. USA: Basic Books, 1970.

- ETKIND, A.M. **How psychoanalysis was received in Russia, 1906-1936.** IN: Journal of Analytical Psychology, 39, pp. 191-202, 1994.
- FICKERT, A; LANG, M; MAYREDER, R. **Dokumente der Frauen.** Wien: Ch. Reisser und M.Werthner, 1899.
- FREUD, S. **A hereditariedade e a etiologia das neuroses.** In: STRACHEY, J. (Ed.). Obras completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Editora Imago, 1996 [1896]. v.III, p. 141-143.
- _____. **Além do Princípio do Prazer.** In: STRACHEY, J. (Ed.). Obras completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Editora Imago, 1996 [1920]. v. XVIII, p. 17-75.
- _____. **As neuropsicoses de defesa.** In: STRACHEY, J. (Ed.). Obras completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Editora Imago, 1996 [1893-1895]. v. II.
- _____. **Conferências Introdutórias sobre Psicanálise.** In: STRACHEY, J. (Ed.). Obras completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Editora Imago, 1996 [1894]. v. III, p. 51-67.
- _____. **Estudos sobre a Histeria.** In: STRACHEY, J. (Ed.). Obras completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Editora Imago, 1996 [1893-1895]. v. II.
- _____. **Fragmento da análise de um caso de histeria.** In: STRACHEY, J. (Ed.). Obras completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Editora Imago, 1996 [1905]. v. VII, p.15-108.
- _____. **História do movimento psicanalítico.** In: STRACHEY, J. (Ed.). Obras completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Editora Imago, 1996 [1914]. v. XIV, p. 20-26.
- _____. **Notas sobre um caso de neurose obsessiva.** In: STRACHEY, J. (Ed.). Obras completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Editora Imago, 1996 [1909]. v. X, p. 137-216.
- _____. **Relatório sobre os meus estudos em Paris e Berlim.** In: STRACHEY, J. (Ed.). Obras completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Editora Imago, 1996 [1886]. v.I, p.37-39.
- _____. **Três ensaios sobre a teoria da sexualidade.** In: STRACHEY, J. (Ed.). Obras completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Editora Imago, 1996 [1905]. v. XVII, p. 119-126.
- _____. **Uma recordação de infância de Dichtung und Wahrheit.** In: STRACHEY, J. (Ed.). Obras completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Editora Imago, 1996 [1917]. v. XX, p. 157-159.
- _____. **Um estudo autobiográfico.** In: STRACHEY, J. (Ed.). Obras completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Editora Imago, 1996 [1924]. v. XX, p. 18.
- GAY, P. **Freud: Uma Vida para o Nosso Tempo.** São Paulo: Companhia das Letras, 1988.
- GRAF-NOLD, Angela. **Der Fall Hermine Hug-Hellmuth: Die Geschichte der frühen Kinder-Psychoanalyse.** München; Wien: Verl. Internat. Psychoanalyse, 1988.
- HARDING, S. **The Science Question in Feminism.** Cornell University Press, Ithaca, NY, 1996.

- HARRY, A. **Language is there to bewilder itself and others**: Theoretical and clinical contributions of Sabina Spielrein. In: *J Am Psychoanal Assoc.* Aug; 63(4): pp. 727-67, 2015.
- HILFERDING, M.; PINHEIRO, T.; VIANNA, H.B. **As bases do amor materno**. Ed. Escuta, São Paulo; 1991.
- HOPCKE, R. H. **Guia para a Obra Completa de C.G.Jung**. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 2011.
- HORNEY, K. **Self-Analysis**. Oxford: Routledge, 1942.
- HUNTER, D. **Hysteria, Psychoanalysis, and Feminism**: The Case of Anna O. In: *Feminist Studies*, Vol. 9, N°. 3, pp. 464-488, 1983.
- HUSTVEDT, A. **Medical muses: Hysteria in nineteenth century Paris**. New York: Norton and Company, 2011.
- JONES, E. **A Vida e a Obra de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Editora Zahar, 1961.
- JUNG, C.G. **A natureza da psique**. Petrópolis: Editora Vozes, 1984 [1971]. v.8/2
- _____. **Estudos psiquiátricos**. Petrópolis: Editora Vozes, 1994 [1974]. v.1.
- _____. **Estudos alquímicos**. Petrópolis: Editora Vozes, 1986 [1978]. v.13.
- _____. **Psicologia do inconsciente**. Petrópolis: Editora Vozes, 1978 [1971]. v.7/1.
- _____. **Símbolos da transformação**. Petrópolis: Editora Vozes, 1986 [1973]. v.5.
- _____. **Freud e a psicanálise**. Petrópolis: Editora Vozes, 1989 [1971]. v.4.
- _____. **Psicogênese das doenças mentais**. Petrópolis: Editora Vozes, 1991 [1986]. v.3.
- JUNG, C.G.; JAFFÉ, A. (Org.) **Carl Gustav Jung: Memórias, sonhos, reflexões**. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 2006.
- KEHL, M. R. **Deslocamentos do feminino**: a mulher freudiana na passagem para a modernidade. Rio de Janeiro: Boitempo, 2016.
- KELCOURSE, F. **Sabina Spielrein from Rostov to Zürich**: The making of an Analyst. In: *Pastoral Psychology*, Vol. 64. N°. 2, pp. 241 - 258.
- KELLER, E.F. **Reflections on gender and science**. USA: Yale University Press, 1985.
- KEER, J. **A Most Dangerous Method: The Story of Jung, Freud, and Sabina Spielrein**. New York: Vintage Books, 1993.
- KITCHEN, M. **História da Alemanha Moderna: de 1800 aos dias de hoje**. São Paulo: Editora Cultrix, 2013.
- LAUNER, J. **Sex versus Survival**: The life and Ideas of Sabina Spielrein. New York: The Overlook Press, 2014.
- LJUNGGREN, M. **Sabina and Isaak Spielrein**. In: *Slavica Lundensia* 21, pp. 79-95, 2001.
- LOTHANE, H.Z. **Sabina Spielrein's Siegfried and other myths: facts versus fictions**. In: *International Forum of Psychoanalysis*, 25:1, pp. 40-49, 2016.
- LUCCI, M.A. **A proposta de Vygotsky: A psicologia sócio-histórica**. IN: *Profesorado. Revista de currículum y formación del profesorado*, 10, 2, pp. 1-11, 2006.

MCGUIRE, W; SAUERLÄNDER, W. **Sigmund Freud, C. G. Jung: Briefwechsel**. Frankfurt: S. Fischer Verlag, 1974.

MARCHESE, F. J. **Coming into Being: Sabina Spielrein, Jung, Freud, and Psychoanalysis**. Toronto: Frank J. Marchese, 2015.

MINKOVA, E. **Pedology as a complex Science devoted to study of children in Russia: The history of its origin and elimination**. In: Psychological Thought, Vol. 5 (2), pp. 83-98, 2012.

NOTH, I. **Beyond Freud and Jung: Sabina Spielrein's Contribution to Child Psychoanalysis and Developmental Psychology**. IN: Pastoral Psychol. New York: Springer Science, 2014.

OVCHARENKO, V. **The history of Russian psychoanalysis and the problem of its periodization**. In: Journal of Analytical Psychology, vol. 44, pp. 341-353. 1999.

PEREIRA, M.E.C. **Griesinger e as bases da "Primeira psiquiatria biológica"**. IN Rev. Latinoam. Psicopat. Fund., São Paulo, v. 10, n. 4, p. 685-691, dez.2007.

PERROT, M. **Mulheres públicas**. Ed. São Paulo: Ed. Unesp. 1998.

PIAGET, J. **Jean Piaget: o homem e suas ideias**. Rio de Janeiro: Forense, 1980.

RICHEBÄCHER, S. **Sabina Spielrein: De Jung a Freud**. RJ: Ed. Civilização Brasileira, 2012.

ROAZEN, P. **Helene Deutsch: A Psychoanalyst's Life**. USA: Transaction Publishers, 1985.

_____. **The Historiography of Psychoanalysis**. USA: Transaction Publishers, 2000.

ROCHA, G.R; ROCHA, L.F.S. **Uma história social do conceito de feminilidade na psicanálise de 1910 a 1930**. Scientiae Studia, São Paulo, v. 15, n. 1, p. 121-144, 2017.

ROUDINESCO, E.; PLON, M. **Dicionário de Psicanálise**. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.

ROUDINESCO, E. **Sigmund Freud na sua época e em nosso tempo**. Rio de Janeiro: Zahar, 2016.

RUBINS, J.L. **Karen Horney: Gentle Rebel of Psychoanalysis**. New York: The Dial Press, 1978

SCHIEBINGER, L. **O Feminismo mudou a ciência?** Bauru: EDUSC, 2011.

SCHORSKE, C. E. **Viena Fin-de-Siècle: Política e Cultura**. São Paulo: Editora da Unicamp, 1980.

SCOTH, Joan. **História das Mulheres**. São Paulo: Editora Unesp, 1991.

SCULL, A. **Hysteria: The biography**. Oxford: Oxford University Press, 2009.

SHAPIN, S. **The Scientific Revolution**. Chicago: The University of Chicago Press, 1996.

SOUSA, R. A.S. **A extinção dos brasileiros segundo o conde Gobineau**. IN: Revista Brasileira de História da Ciência, Rio de Janeiro, v. 6, n. 1, p. 21-34, jan | jun,2013.

VIDAL, F. **Sabina Spielrein, Jean Piaget – going their own ways**. IN: Journal of Analytical Psychology, 46, p. 139-153, 2001.

WHITE, P.C. **Introduction to Special Symposium: Beyond 'A Dangerous Method': Reclaiming Sabina Spielrein's Voice in the Field of Psychology and Religion**. IN: Pastoral Psychol. New York: Springer Science, 2014.

WINOGRAD, M; KLAUTAU, P. **Viena, Áustria: Notas sobre o contexto de emergência da psicanálise**. In: Tempo psicanalítico. Rio de Janeiro, v. 46.2, p. 197-213, 2014.

WITTELS, F. **Die Sexuelle Not**. Wien und Leipzig: C.W.Stern, 1909.

FILMES

My name was Sabina Spielrein. Direção Elisabeth Márton. Produção: IDF Film, 2002 (90 minutos)

Um método perigoso. Direção David Cronenberg. Produção: Sony Pictures Classics, 2012 (99 minutos)

Jornada da Alma. Direção Roberto Faenza. Produção: Cowboy Films, 2002 (90 minutos)

Madame Bovary (Baseado no romance de Gustave Flaubert). Direção Sophie Barthes. 2014 (118 minutos)

Augustine. Direção: Alice Winocour. 2012 (107 minutos)

SITES

<http://www.symbolon.com.br> Acesso em: 2017.

<http://anno.onb.ac.at> Acesso em: 2017

<https://archive.org> Acesso em: 2017

<http://www.digital.wienbibliothek.at/> Acesso em: 2017

<http://karenhorney.byethost7.com/> Acesso em: 2017

http://www.psyalpha.net/files/pdfs/ipv_kongresse_1920-1932.pdf Acesso em: 2017

<https://jwa.org/encyclopedia/article/spielrein-sabina> Acesso em: 2017

<https://www.loc.gov/resource/mss39990.04809/?q=calendar+books+1918&sp=28> Acesso em: 2017

<http://www.russianarchives.com/index.html> Acesso em: 2017

<http://yvng.yadvashem.org> Acesso em: 2017

<http://www.yivoencyclopedia.org/article.aspx/Psychoanalysis> Acesso em: 2017

<https://www.ipu-berlin.de/> Acesso em: 2017

<http://guides.library.cmu.edu/c.php?g=215516&p=1422251> Acesso em: 2017

http://www.dieterwunderlich.de/Sabina_Spielrein.htm Acesso em: 2017

<http://www.letempsarchives.ch/recherche?q=Spielrein> Acesso em: 2018

APÊNDICE A – Trabalhos publicados de Sabina Spielrein por ordem cronológica

As informações abaixo foram retiradas do livro organizado por Renata Udler Cromberg sobre as obras completas de Sabina Spielrein, traduzida para o português. O nome do livro é *Sabina Spielrein – uma pioneira da psicanálise (obras completas – volume 1)*.

1911: Sobre o conteúdo psicológico de um caso de esquizofrenia (Über den psychologische Inhalt eines Falles von Schizophrenie – Dementia Praecox).

1912a: A destruição como origem do devir (Die Destruktion als Ursache des Werdens).

1912b: Contribuições para o conhecimento da psique infantil (Beiträge zur Kenntnis der Kindlichen Seele).

1913a: Amor Materno (Mutterliebe).

1913b: O sonho inconsciente no Duelo de Kuprin (Das unbewusste Träumen in Kuprins Zweikampf).

1913c: O sonho do pai Freudenreich (Traum von Vater Freudenreich).

1913d: Auto-satisfação na simbólica do pé (Selbstbefriedigung in Fussymbolic).

1913e: A sogra (Die Schwiegermutter).

1914a: O nome esquecido (Der vergessene Name).

1914b: Simbolismo animal e fobia em um menino (Tiersymbolic und Phobie bei einem Knaben).

1914c: Dois sonhos sobre a menstruação (Zwei Mensträume).

1915: Uma decisão judicial inconsciente (Ein unbewusster Richterspruch).

1916: As manifestações do complexo de Édipo na idade infantil (Die Äusserungen des Ödipuskomplexes im Kindesalter).

1919: Literatura Russa (Russische Literatur).

1920a: O sentimento de pudor nas crianças (Das Schamgefühl bei Kindern).

1920b: Sobre o problema da origem e do desenvolvimento da linguagem (Zur Frage der Entstehung und Entwicklung der Lautsprache).

1920c: A mulher frágil (Das Schwache Weib).

1920d: Erotismo oral recalcado (Verdrangte Munderotik).

- 1920e: A teoria do nascimento do homem de Renatinha (Renatchens Menschenentschungstheorie).
- 1921: Análise rápida de uma fobia infantil (Schnellanalyse einer kindlichen Phobie).
- 1922: O sonho com selos postais (Briefmarkentraum).
- 1922b: A origem das palavras infantis “papai” e “mamãe” (Die Entstehung der kindlichen Worte Papa und Mama).
- 1922c: Suíça (Schweiz).
- 1923a: Sonho e visão de estrelas cadentes (Rêve et vision des Etoiles Filantes).
- 1923b: As três perguntas (Die drei Fragen).
- 1923c: O automóvel, símbolo da potência masculina (L’automobile, symbole de la puissance mâle).
- 1923d: Um tipo de *voyer* (Ein Zuschauertypus).
- 1923e: Algumas analogias entre o pensamento da criança, o do afásico e o pensamento subconsciente (Quelques analogies entre la pensée de l’enfant, celle de l’aphasique et la pensée subconsciente).
- 1923f: Algumas breves comunicações da vida infantil (Einige kleine Mitteilungen aus dem Kinderleben).
- 1923g: O tempo na vida psíquica subliminar (Die Zeit im unterschweiligen Seelenleben).
- 1931: Desenhos infantis com os olhos abertos e fechados (Kinderzeichnungen bei offenen und geschlossenen Augen).